



Danúbia Ferreira

sim, Senhor

*Senhor de mim... Dono do meu destino...
Mestre da minha alma...*

HIGHLANDS

Danúbia Ferreira

sim, Senhor

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização dos autores.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo

artigo 184 do Código Penal.



Deixe de fora todas as noções pré-concebidas. Esqueça por um momento sobre tudo o que você sabe ou pensa que sabe a respeito de uma relação. Permita-se entrar em um mundo desconhecido, onde a entrega é o principal elemento. Conceitos ar-raigados sobre CONSENSUAL também devem ser extirpados. Mantenha sua mente limpa e aberta para todas as relações relatadas aqui.

Recentemente, o BDSM tem sido visto de uma forma mais positiva. Os meios de comunicação vêm desmistificando o estilo de vida como perversão sexual; fil-mes, livros e revistas vieram no sentido de expor esse meio com mais naturalidade. No entanto, o preconceito existe! Mesmo com tanta interação nas redes sociais, vai demorar muito para as pessoas se conscientizarem de que, mesmo você gostando de morango, vão existir pessoas que preferem maçã.

Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo.

Essas palavras expressam tudo e nada. Vai depender de como você vai interpretar ou querer enxergar. Para entender o que acabei de dizer, vou dar um exemplo sobre a maçã da “estória” da Branca de Neve: a maçã era linda, brilhante e perfumada. Porém, nem tudo o que é perfeito é bom, certo? Não entendeu? Vou chegar lá. Antes, quero salientar que esse é o meu ponto de vista, o que eu penso sobre o assunto.

Baunilha – termo usado para os casais que praticam o sexo convencional. Vamos olhar o comportamento do baunilha: vai para uma balada, conhece uma

pessoa e, no fim da festa, vai para a casa ou motel com a pessoa e transa. Na outra semana, a mesma coisa. A situação ocorre várias vezes, até conhecer alguém que valha a pena namorar. Digamos que o namoro dure meses ou anos. Em algum ponto o casal decide que não era aquilo que queriam e resolvem se separar. A velha rotina de sair com um e outro volta, até encontrar outra pessoa.

Acontece também na relação D/s. A procura por um Dom ou Domme é a mesma de um baunilha procurando um namorado(a). Existem sessões avulsas, onde o submisso(a) participa quando é convidado. Quero esclarecer que, apesar do sexo ser uma extensão da sessão, nem sempre o ato acontece. As relações também podem terminar. Acontece com qualquer pessoa, não seria diferente entre D/s. Deixo claro que pode vir de ambas as partes; tanto dos submissos quanto dos Dominadores. Aqui vai onde eu quero chegar: como vimos, as situações são parecidas, mas com conceitos diferentes. O baunilha procura amor, paixão, alguém para conversar, sair etc...

Os submissos procuram Dominadores, para se entregarem, pertencerem e servirem. Uma troca de prazer que envolve troca de poderes.

Todos os tipos de fetiches são bem aceitos quando é saudável e consensual para os envolvidos. Os baunilhas apimentam a relação com alguns brinquedos para estimular o sexo e fazem algumas brincadeiras. Curtem alguns tapas, uma puxada de cabelo e até algumas mordidas. Usam algumas restrições, como echarpes, lenços ou até mesmo algemas. A situação varia conforme o humor do casal, porém, há aqueles que gostam apenas do tradicional. O submisso tem a necessidade de ser dominado, de se entregar, de pertencer – e alguns de sentir dor. Eles gostam de brinquedos, mas também gostam de serem amarrados, restringidos e disciplinados. A sessão varia conforme o humor do Dominador.

A disciplina muitas vezes é usada para treinar o submisso(a), ou simplesmente porque o Dominador deseja fazê-lo. Alguns submissos desobedecem, pelo simples prazer de serem disciplinados. Ela pode ser aplicada de forma física, moral ou psico-lógica; tudo consensual. Quero salientar que todo o submisso é uma extensão do seu Dono; isto quer dizer que seu comportamento e suas atitudes vão refletir diretamente nele. Causar uma indisciplina pode torná-la uma decepção ao Dono.

Na relação baunilha, essa disciplina existe. Ela pode vir de uma briga entre o casal, onde cada um tem a sua maneira de lidar com a situação. A mulher, ou o ho-

mem, pode ignorar ou fazer ameaças de deixar o marido ou esposa; disciplina psico-lógica. Agredir verbalmente; disciplina moral e agressão física, uma disciplina físi-ca. Entretanto, a diferença é que nesse caso NÃO é consensual.

A dominação é um fetiche pelo controle. Controlar e comandar o submisso(a). Fazê-lo se submeter traz muito prazer ao Dominador. Esse ato exige caráter, respon-sabilidade e muito controle por parte do Dominador. Essa dominação não é imposta pela força. O prazer da servidão vem de forma consensual. A submissão nada mais é do que a entrega, o prazer em servir. Render-se ao seu Dono e honrá-lo.

Em muitos homens, essa dominação é arraigada. Mesmo ele não tendo um esti-lo de vida D/s, ele pode ser um dominador; homens que de alguma forma mantêm as rédeas sobre a família, impõem limites, têm o controle da casa e sobre a esposa. Acontece em vários casamentos, onde a mulher pede a permissão do marido para determinadas situações. Há mulher que aceita as condições do marido, sente-se mais confortável com ele no comando. Ela aceita e obedece às suas ordens; isso não a torna fraca, é parte de quem ela é. Ela pode muitas vezes ter voz ativa quando achar necessário, mas muitas vezes vai ouvi-lo e concordar.

SSC - São, Seguro e Consensual.

Como vocês devem ter visto, usei muito a palavra “consensual”. Vou explicar o porquê e para que serve. Logo acima, descrevi o SSC. Essas três palavrinhas são os pilares do BDSM e JAMAIS podem ser ignoradas. Esse conceito é muito relativo; o que pode ser seguro para uns pode não ser para outros, então, na controvérsia, o que vale é o bom-senso.

“São” visa o lado psíquico.

A pessoa tem que saber diferenciar o real da fantasia. JAMAIS deve se praticar o BDSM sob o efeito de drogas ou álcool. Qualquer substância ou alucinógenos que alteram a realidade devem e têm que ser descartados. O lado psicológico tem que ser avaliado. Qualquer distúrbio comportamental podem significar problemas psiquiá-tricos.

“Seguro” é a eliminação de qualquer risco; ter o controle sobre a prática que se-rá usada, visando sempre o bem-estar dos envolvidos. Ser extremamente cuidadoso com instrumentos, principalmente com objetos cortantes com contato sanguíneo. Ter responsabilidade em proteger você e seu parceiro das DST's, incluindo o HIV. Ter cuidado com a psique do submisso(a) nas sessões

hard. Evitar que a bondage impeça a circulação sanguínea do submisso(a), prejudicando-o.

128 “Consensual”, sem duvida nenhuma, é o elemento mais importante da tríade.

Significa que todas as práticas precisam ser consentidas. A diferença entre o estupro e o intercuro sexual é o consentimento. Entre o SM e a violência há o consenso. Por isso existem as negociações prévias entre os participantes, onde estipulam a SA-FEWORD (palavra segura) que vai PARAR ou DIMINUIR o ritmo da prática.

Bom, o que eu quis dizer com tudo isso? Lembra a estória da maçã? Tudo se aplica aqui. Não existe certo ou errado. Não há regras, somente conceitos. Há algu-mas bizarrices em qualquer meio. Nem sempre o que se diz “perfeito” é o melhor.

Tudo é muito conceitual e relativo. Varia de pessoa para pessoa. Você pode viver sua luxúria da forma que você achar que vai lhe trazer satisfação. Você sabe de suas necessidades, pode escolher vivê-las ou negligenciá-las.

Dentro de quatro paredes, tudo é válido, desde que ambas as partes estejam de acordo. Os limites serão estabelecidos e negociados na relação D/s. Então, entende-se que a discriminação da sociedade não é no comportamento, mas sim nos gostos e hábitos. Coloquei diferenças e semelhanças nas relações, para que todos pudessem entender que o D/s existe no comportamento de qualquer ser humano.

BDSM é um estilo de vida, com práticas adicionais no ato erótico ou sexual. A diferença é que tem uns que abraçaram o estilo de vida e outros que preferem o baunilha. Então, qual é o problema? Nenhum! Só porque você gosta do morango, e o outro da maçã, não quer dizer que são diferentes; apenas preferem sabores mais excêntricos. O que torna a sociedade hipócrita é que todos nós temos fetiches, alguns mais que outros...

As relações relatadas aqui são uma pequena amostra de como é a relação D/s. Todas elas foram feitas em cima de muito estudo, muita pesquisa e alguns relatos de Dominadores e submissas. Entenda que eu nunca assisti a uma sessão ou vivi essa relação. Será natural e normal pecar em algumas partes; muito do que foi escrito aqui é sobre o que eu penso e a forma que eu vejo a relação.

Sejam bem-vindos ao Castelo Savage!

Capítulo 01



Namorei e casei com o meu primeiro homem. Ele foi meu namorado por cinco anos e meu marido por mais três. Minha primeira vez foi normal, como poderia dizer de forma diferente? Nunca estive com outro homem para saber. Não posso dizer que foi bom; não sabia nada sobre sexo, então, não tinha ao que comparar.

Tivemos vários problemas no início do namoro. Primeiro, por ele ser mais velho que eu; segundo, por eu ser muito ciumenta; terceiro, por eu não ter tesão. No início, eu achava normal, talvez porque não tivesse maturidade suficiente para entender ou atender os desejos do meu corpo.

Depois do casamento, a situação ficou pior. Não tinha prazer nenhum no sexo...

Não porque meu marido não era carinhoso; pelo, contrário ele era muito atencioso. O problema era comigo. Tentei resolver a situação sem que ele soubesse, indo a um psicólogo. Não adiantou.

Nada me satisfazia. Não chegava ao orgasmo, que tantas mulheres diziam ter. Muitas vezes me constrangia falar com minhas amigas a respeito de sexo. Sempre me mantinha reservada sobre o assunto. Meus desejos eram obscuros e diferentes.

Escondia esse segredo do meu marido a todo custo. Fingia ter orgasmos. Aprendi a fazer isso em filmes pornô... Por falar nisso, nem com eles eu conseguia me excitar, simplesmente não rolava. Aceitei meu carma... A verdade é que eu acha-

Minha esposa era que era frígida. O problema afetou o meu casamento em um alto nível; a separação era inevitável. Busquei por revistas, livros, ajuda profissional... Nada ajudava. Simplesmente aceitei e tentei conviver com isso. Rodrigo estava satisfeito com a relação. As pessoas que conviviam conosco aprovavam a sua mudança de comportamento. Todos diziam que ele tinha mudado e amadurecido. Era impressionante como ninguém via o quanto eu estava mudada. Eu tinha perdido parte da minha essência naquele casamento e ninguém notava o meu desconforto.

Naquela noite fatídica da minha separação, eu queria tentar. Procurei ser o mais clara possível com o meu marido, mas ele não entendeu. Tentei falar com ele, explicando como me sentia e como as coisas aconteceram. Falei para ele sobre a ajuda profissional, mas não adiantou. Mexer com a masculinidade de um homem é como mexer com um enxame de abelhas completamente ferozes. Errei ao esconder o problema dele por todos aqueles anos. Minha obrigação como namorada era ter contado tudo para ele na época, mas eu o amava e tinha medo de perdê-lo.

Como era irônico, agora que não podia perdê-lo, não sentia mais o medo. Talvez fosse porque não achava justo amarrá-lo a mim se não o fazia feliz. Ele sempre desejou ter filhos... Até tentei no começo, mas, quando não engravidava, fui ao médico e soubemos que eu tinha endometriose. Fiz uma cirurgia e tiveram que remover as trompas. Ele nunca desistiu; ainda queria uma família, nem que fosse através da adoção. Sempre conversamos sobre isso. No entanto, com todos esses problemas acontecendo, decidi adiar.

Tentei por várias vezes reverter a situação. A última foi um total desastre, foi quando tudo acabou. Pensei que, se talvez apimentássemos o sexo, a situação ficasse melhor. Então, fui a um sex shop e comprei alguns brinquedos. Tem algo pior que você entrar em uma loja dessa e não sentir nada? Essa era eu dentro daquela loja, com aquela infinidade de brinquedos em minha volta. Havia de tudo ali, para todos os gostos. Comprei o “normal”, por assim dizer. Nunca usei nada daquilo, mas precisava tentar. Comecei a ter esperanças de que, com todos aqueles brinquedos, a nossa relação ficaria mais atraente e eu conseguiria me excitar.

Voltei para casa de sacola cheia, comprei tudo que achei que poderia ajudar: vibrador, velas, venda, lubrificante, algemas e até um anel peniano que a moça tinha me mostrado. Cheguei em casa eufórica. Coloquei tudo o que comprei sobre a cama e fui tomar um banho. Coloquei a minha melhor lingerie e esperei por ele. Ele sempre chegava em casa por volta das 19hrs. Dificilmente se atrasava e, quando aconte-

cia, ligava-me para avisar. Inquieta, fui até a cozinha, abri um vinho e, quando esta-va servindo a taça, ele chegou.

— Hm... Que cheiro delicioso — comentou, enquanto me beijava a nuca. —

Você está linda, estamos comemorando alguma coisa?

— Preparei uma noite especial para nós dois. — Estava nervosa e empolgada ao mesmo tempo

— Isso significa que vamos ter sexo quente hoje? — perguntou-me, cheio de ex-pectativas.

— Vamos deixar as coisas acontecerem — tentei cortá-lo. Antes do sexo, pre-cisávamos conversar. Servi duas taças de vinho e ofereci uma a ele.

— O que vamos brindar, Su? — Meu nome é Suzana, mas, desde que nos co-nhecemos, ele me chamava assim.

— A nós dois — ele concordou e brindamos. Seus olhos estavam colados em mim. Ele me conhecia bem o suficiente para perceber o quanto estava tensa.

— Então... Além de bebermos, o que mais quer fazer?

— Conversar um pouco. — Estava nervosa. Apesar de estar decidida, não sabia como abordar o assunto.

— Você preparou uma noite especial, me serviu um vinho e está vestida linda assim só para conversarmos? — Sua incredulidade me deixou envergonhada.

— Depois, sexo. — Se as coisas mudassem. Ultimamente, transar estava sendo muito difícil pra mim. Não era negligenciada por ele, nunca fui.

— Vamos conversar, então.

— Tudo bem. — Ele me puxou pela mão, levando-me até o sofá.

— Sobre o que quer falar? — perguntou, beijando meu pescoço. O nervosismo voltou com força total.

— Sobre sexo. — Esperei para ver sua reação. Se reclamasse, eu pararia por ali

mesmo.

— Tem algo a ver com o fato de você estar distante? — Estava totalmente atento à nossa conversa. Endireitou-se no sofá, para que pudesse me ver de frente. Não seria fácil.

— Preciso que você mantenha a mente aberta para essa conversa. Ela será importante para nós dois.

— Sempre ouvi você, Su. — Ele estava calmo... Bom, assim a conversa seria tranquila.

—  Eu acho que precisamos fazer algo diferente — respondi, com a voz embarcada de emoção e vergonha. Nunca falamos sobre sexo, sentia-me culpada por ter esperado tanto tempo.

— Diferente como? — perguntou, sem entender onde eu queria chegar. Resolvi mostrar ao invés de falar.

— Vem comigo. — Mesmo não entendo do que se tratava, ele segurou minha mão e me acompanhou até o quarto.

— Porra! Você assaltou o sex shop?! — gritou, quando viu os brinquedos.

— Não! Meu Deus! Fale baixo, Rodrigo, os vizinhos não precisam ficar sabendo. — Ele estava se divertindo. Aproximou-se da cama e pegou o vibrador que havia comprado, olhando-o como se o negócio fosse coisa de outro mundo.

— Os brinquedos são bacanas. Vai me deixar foder sua bundinha hoje? — Ele parecia uma criança, foi inevitável não sorrir.

— Precisamos conversar. Queria mostrar para você os brinquedos, antes do sexo.

— Qual o motivo disso tudo, Su?

— Achei que faltava algo, então, resolvi comprar os brinquedos para apimentar o sexo. — Tentei falar o mais natural possível, podia ou não dar certo. Não queria fazer daquilo uma coisa de outro mundo.

— Mais como? O que falta para você, Suzana? Eu te procuro quase todos os dias, e você sempre dá desculpas. O problema aqui não sou eu, é você.

— Não disse que isso era um problema, só disse que queria uma coisa diferente. — Dizer para o seu marido que está insatisfeita é mexer com seu maldito orgulho. — Por favor, Rô!

— Diferente como, cacete? Nunca comprei brinquedos porque você nunca disse que gostava. Mas todo o resto? Eu te chupo, te fodo em todas as posições... Só não comi sua bunda ainda porque você nunca deixou. — Sua explosão me fez recuar.

Não disse mais nada, fiquei em silêncio e ele também. Como o faria entender que eu queria

algo mais? Que as coisas que ele me fazia não eram o que eu desejava?

— Há quanto tempo? — perguntou, sentando com os braços apoiados nos joelhos. O aperto no meu coração foi doloroso, nunca quis machucá-lo.

— Quanto tempo de quê? — Não queria dizer a ele que isso vinha de anos.

— Há quanto tempo eu não a satisfaço?

— Não é você, Rodrigo, sou eu. Acredite em mim! Procurei ajuda médica, falei com psicólogo e nada adiantou. — Respirei fundo para continuar. — Eu acho que sou frígida.

— Porra! — Saltei com o susto que levei. — Quanto tempo vem fingindo seus orgasmos? — Sua fúria só indicava que tudo estava acabando.

— Isso não importa. Estamos conversando, tentando mudar a situação — disse, baixando a cabeça e olhando para minhas mãos.

— Agora, Suzana! — Nunca me senti tão humilhada. Tudo que eu queria era tentar mudar nossa vida sexual; agora era a hora da verdade e eu não podia voltar atrás.

— Desde que éramos namorados — respondi, chorando.

— Pode falar mais alto? Eu ainda não entendi.

— Desde a primeira vez! — Explodi em meio às lágrimas. Era ruim para ele, mas para mim era muito pior.

— Você vem fingindo para mim desde que éramos namorados?

— Não era fingir, Rodrigo, por favor! Tente me entender. Eu não tive coragem de falar com você. Tentei resolver a situação sem te afetar. Procurei por ajuda, mas, quando não deu resultados, resolvi me abrir com você.

— E agora você acha que o problema é comigo? — perguntou, irônico.

— Não! Está ficando desproporcional, não era essa a minha intenção. Eu não quero brigar com você, quero compartilhar o que estou passando.

— E você esperou oito malditos anos para falar? Você me fez de idiota todo es-se tempo! Você fingiu ter orgasmos, você fingiu estar feliz. O que mais, Suzana? O que mais é fingimento? O seu amor por mim também é?

— Isso não é verdade! O problema nunca foi com você, Rodrigo, pare e me ou-ça! O problema é com o meu corpo. Não sei explicar isso, nem mesmo para mim. Acha que não estou

confusa? Que não tenho procurado, todos esses anos, achar respostas para o problema?

— Não vou ficar aqui ouvindo você me dizer todas essas besteiras, porque para mim isso não passa de uma desculpa.

— Amo você. Por favor, nos dê uma chance de tentar algo diferente.

— Você está atrasada há oito anos, Suzana. — Ele entrou no banheiro, batendo

a porta.

Meu Deus! Que confusão! Pensei que me abrindo ele ficaria ao meu lado. Embora não ti-rasse sua razão de ficar furioso, queria que ele me entendesse e visse o quanto era difícil falar e assumir a minha falta de desejo. Voltei para a cozinha e me servi de mais vinho. Tomei a taça em um só gole e me servi de outra. Quando estava na terceira, ele saiu do quarto com malas na mão.

— Aonde você vai?

— Estou indo embora.

— Rô, por favor...

— Chega, Suzana! — Levantou as mãos, cortando-me. — O problema não é sua frigidez. O problema é a sua falta de confiança em mim, as suas mentiras, o seu fingimento. Não consigo acreditar que, mesmo não te dando prazer, você se casou comigo.

— Rô, me escute!

— Não mais. Nada do que você me disser vai me fazer acreditar em você. Não vou mentir que meu orgulho foi ferido. Sou homem, e viver com a mesma mulher por oito anos sem dar prazer a ela é um grande chute.

— Não é você! — gritei, chorando. Comecei a ficar desesperada, não queria magoá-lo. Não queria machucá-lo ainda mais. Queria que ele ficasse e tentasse me ajudar.

— Mas foi! Por que você não confiou em mim para falar a verdade? Achou que deixaria você? Eu amava você! Jamais a deixaria por isso, tentaríamos procurar uma solução. Todas aquelas coisas que você comprou hoje... — disse, apontando para o quarto. —... Tudo aquilo poderia ter dado certo. Poderíamos ter tentado várias coisas, Suzana, eu teria feito de tudo para ajudar você.

— Fica? Vamos tentar?

— Não vou. Você é infeliz ao meu lado, Suzana, nosso casamento não tem mais solução. Estou indo embora e não vou voltar.

Esse foi o começo de um longo caminho. Estava sozinha e desamparada. Quando me casei, nunca pensei que um dia ia me separar ou que seríamos infelizes. Acreditei que o Rodrigo era a minha metade. Durante algum tempo ele foi, mas, quanto mais o tempo passava, mais infeliz eu era.

Eu estava perdida e sem rumo, completamente sozinha e sem o apoio da minha família.

Quando você se sente dessa forma, ao invés de buscar por ajuda, isola-se. Escondi minha vergonha e coloquei uma máscara para continuar vivendo. Meu cor-

po ansiava por coisas que para mim eram desconhecidas. Sempre tentei achar solução para o problema. Tudo o que tinha achado até aquele momento não fez nada para melhorar a situação. Então, conformei-me, e, ao invés de viver, passei apenas a existir.

Capítulo 02



Nos últimos quatro anos eu vivia de casa para o trabalho e vice-versa. Rodrigo cumpriu com sua palavra e nunca mais voltou. Nosso divórcio foi consensual. Ele queria me deixar com o apartamento, mas achei injusto. Ele tinha sido o único a pagar por ele. Depois da audiência, nunca mais nos falamos.

Meu trabalho foi a minha salvação. Um ano após o divórcio, recebi uma pro-posta da empresa onde eu trabalhava. O cargo era de diretora financeira de uma multinacional. No entanto, para aceitar o cargo, eu teria que me mudar para o Rio de Janeiro. Não pensei duas vezes: era a minha carreira profissional e a oportunidade de fugir da frustração que foi a minha separação.

Não foi difícil me adaptar. Eu já vivia sozinha e isolada, continuaria a mesma coisa. Meu cargo exigia muito de mim. Seria eternamente agradecida ao Rodrigo por ter me estimulado a fazer faculdade e Inglês, duas coisas importantes que ajudaram no meu crescimento dentro da empresa.

Porém, esse cargo exigia mais; ele exigia liderança e pulso firme. Eu respondia aos requisitos.

No começo, passei por todos os tipos de transtorno. Primeiro porque eu era uma profissional de fora tirando a possibilidade de alguém da filial receber o cargo. Segundo: eu era jovem, tinha apenas 27 anos, e com um cargo de alto nível em uma empresa tão bem conceituada. Terceiro e não menos importante: eu era mulher. Essa

parte era a pior, recebi e vivi todos os tipos de preconceitos e discriminação que uma mulher poderia suportar. Não abalou a minha estrutura. Embora tenha me chateado e me feito chorar, não me rendi. Não era boa no que fazia; eu era a melhor e provei isso. Deixei claro para todos ali dentro que eu poderia lidar com qualquer situação e que poderia liderar com muita competência.

Na medida em que o tempo ia passando, mais sozinha eu estava. Virei a típica empresária de sucesso, fracassada na vida amorosa. Queria muito mudar isso... Foi então que resolvi voltar a procurar por respostas.

Acessei o site de busca e coloquei na pesquisa: frígida. A busca sugeriu vários sites, muitos deles para mulheres que tinham problemas de lubrificação ou que pre-cisavam de mais estímulo. Outros diziam sobre qualidade de vida. Muitos eram racionais, mas um tanto desproporcionais. Meu problema não era psicológico, disso eu tinha certeza. Minha busca não deu em nada. Tudo o que encontrei já tinha ouvi-do da minha psicóloga. Enfim desisti e fui dormir. O dia seguinte seria corrido e com duas longas reuniões.

JHONATAN – DOM RIDDLE

Uma das coisas que eu mais gostava de fazer quando morava na Irlanda era vi-sitar os castelos medievais. Por toda a Grã-Bretanha, especialmente na Escócia, os castelos eram ricos em detalhes. Eles nos transportam para uma época instigante. Tentei trazer para o Brasil um pouco daquilo. Morava aqui há quase 8 anos, a maior parte deles foi tentando construir o meu sonho.

Construí meu clube baseado nos castelos de lá. Quase tudo foi importado, pou-ca coisa era da região. Tentei manter o castelo o mais original possível. O terreno que comprei era bem afastado da cidade de Teresópolis, proporcionando o máximo de privacidade para os associados do clube. Trabalhávamos apenas com associados. No começo, alguns usuários relutaram, no entanto, o desejo de fazer parte da comu-nidade e de conhecer o local venceu a resistência.

Para a divulgação, tínhamos um site do próprio clube chamado Castelo Savage. Todos os interessados tinham que preencher um formulário e nos enviar, depois disso era feito um contrato de sigilo e algumas exigências burocráticas. Não havia maneira de alguém entrar sem um convite impresso pelo clube a pedido de um asso-ciado, e, para se associar, tinha que passar pela burocracia.

Era um clube exclusivo para quem tinha o estilo de vida BDSM ou para feti-chista. Não era um clube de *stripper* ou prostíbulo, onde qualquer um tivesse acesso. Minha segurança era rigorosa, havia normas a serem cumpridas pelos associados e eu não abria mão delas. Aquilo impedia qualquer indivíduo à procura de sexo fácil adentrar no local. A prioridade do clube era preservar os usuários e a intimidade dos mesmos.

O Castelo contava com suítes, masmorras, calabouços, bares, pista de danças, salas para práticas BDSM, tanques para asfixia por afogamento, recepção, restauran-te, ambulatório, piscina ao ar livre e aquecida, saunas, salão de beleza, academia e o meu escritório. Meu apartamento ficava do outro lado do Castelo. Tudo foi muito bem projetado, e a vista era impressionante. Sempre foi o meu sonho construir um local assim; desde que meus pais eram vivos, eu compartilhava essa ideia com eles. Eles tinham uma relação Mestre/ escrava. Nunca vi uma relação onde duas pessoas se completavam e se respeitavam tanto. A cumplicidade dos dois era de um nível surpreendente.

Parei o carro diante dos portões de ferro forjados e inseri meu cartão no leitor óptico. Todos os associados tinham um cartão com numeração única. A câmera que ficava acima do portão era focada no rosto do motorista. Os seguranças avaliavam o cartão e o motorista para compatibilidades do mesmo. Se estivesse tudo em ordem, os portões eram abertos. Se não, eram rejeitados e o associado que emprestou o cartão ou perdeu sem informar ao clube perdia a associação. Estava no contrato, a regra era geral, até mesmo para os funcionários do clube.

Parei o carro na garagem e subi para o meu apartamento. Estava exausto e ain-da tinha que estar a pouco no clube. Como anfitrião, estava presente todas as noites, dando a máxima atenção aos clientes. Sempre tinha coisas para fazer. Naquele dia, o clube tinha 40 casais hospedados. Não era a lotação total, mas ainda assim eram clientes para serem atendidos. Tinha três amigos que trabalhavam comigo. Um era gerente, o outro supervisor do calabouço e o outro supervisor das masmorras. O trabalho era intenso; tínhamos folga apenas na segunda, o resto da semana era de muito trabalho.

Assim que entrei, fui salgado por minha submissa. Bom, se aquilo não era inte-ressante... Não me lembro de tê-la chamado.

— Boa tarde. Senhor de mim... — Beijou minha mão e aguardou.

— Boa tarde. O que faz aqui? — Não gostei do seu comportamento.

— Precisava falar com o Senhor.

— Não gosto que venha, a menos que a convide. Por que não me enviou uma mensagem? — Ela nunca havia se comportado assim antes.

— Eu... Eu quero entregar a minha coleira. — Processei sua resposta por alguns minutos e respirei fundo. Apesar de entender os motivos que a levaram a fazer isso, não queria que acontecesse.

— Você quer entregar a sua coleira... Tem certeza disso?

— Sim, Senhor.

— Posso saber por quê? — Nunca imaginei que o clube me tomaria tanto.

— Prefiro não falar, Senhor. — Não podia fazer nada, era um direito que ela ti-nha de entregar a coleira sem me dar explicações.

— Você realmente quer fazer isso, Fernanda? É algo que podemos trabalhar?

— Não, Senhor. — Não havia nenhuma hesitação. Por que queria entregar a coleira? Poderia obrigá-la a falar, mas não faria isso. Mesmo não querendo, aceitei sua decisão.

— Como quiser, pequena. Vou buscar a chave. — Fui até o meu quarto e pe-guei a chave do cadeado de sua coleira. Voltei para libertá-la. — Vire-se. — En-quanto destrancava a coleira, agradei a ela pelo tempo que passamos juntos. —

Quero que saiba que tenho um profundo carinho por você, Fernanda. Se precisar de qualquer coisa e não tiver um Dono, pode me procurar que vou tentar ajudá-la da melhor maneira possível. — Ela era uma submissa incrível. Além de experiente, era muito disciplinada. Uma grande perda, sem dúvida alguma.

— Obrigada, Dom Riddle. — O que ia dizer? “De nada”? Então, apenas acenei.

— Vou poder continuar a frequentar o clube?

— Claro que sim.

— Obrigada. Até mais, Senhor. Fique bem.

— Cuide-se, Fernanda. — Ela saiu, deixando-me sozinho.

Às vezes, para conseguir alcançar seus objetivos, você acaba perdendo algo no processo. Desde que abri o clube, temos tido poucas sessões. Meu trabalho tem tomado mais tempo do que queria aceitar. Definitivamente não era justo com ela. Sem dúvidas, era um dia muito ruim. Não havia começado bem, e a tarde ia de mal a pior. Tirei minha gravata e meu terno, fui ao bar e me servi de um pouco de uísque. Tinha trazido para o Brasil meu escocês favorito; *Royal Salute*. Tirei um tempo para dar uma relaxada. Seria por poucos minutos; ainda assim era bem-vindo. Minha

minha cabeça girava em torno de todos os problemas que tive que resolver e os que ainda tinham que ser resolvidos quando bateram na porta.

- Quem é?
- Sou eu, Paulo.
- Entre. — Não me levantei, estava cansado demais para dar sequer um passo.
- Ei, Jhonatan.
- Oi, Paulo. — Seu assobio me fez abrir os olhos.
- O que foi? — Ele olhava a coleira que estava em cima da mesa de centro.
- Lamento por isso — disse, apontando para a coleira.
- Não era justo com ela. Mal a via e ultimamente tínhamos poucas sessões. —

Ele concordou com a cabeça e se serviu de um pouco de uísque. Ele e os meus ou-tros dois amigos eram os únicos que tinham esse tipo de liberdade. Não permitia e nem admitia para qualquer outra pessoa essa intimidade.

— Você precisa de um tempo, Jhonatan. — Ia cortá-lo, mas ele me parou antes de fazê-lo. — Deixe-me terminar. — Sabia o que ele ia dizer e não discordava, só não tinha como fazê-lo. — Sei o quanto o Castelo é importante para você, e também não é só por causa da Fernanda que vou lhe dizer isso... Mas você precisa de um tempo. Precisa descansar e renovar suas energias. Você não vai aguentar esse ritmo por muito tempo.

- Não tenho outra opção, não posso ficar longe.
- Você pode, só não quer fazê-lo.

— E quem eu deixaria no meu lugar? Embora confie em você para assumir, não posso fazê-lo.

- E por que não?

— Porque você também já não tem uma vida. Vive aqui o tempo todo, tem suas responsabilidades, além de duas submissas. — Não queria que acontecesse com ele o que aconteceu comigo.

— Podemos tirar o Willian das masmorras e colocá-lo para baixo. Ele ficaria no meu lugar, e eu no seu.

— E como ficaria a supervisão de lá?

— Relaxa, cara, a masmorra tem vários monitores, eles podem dar conta daqui-lo sem ele por alguns dias. — Pensei nas possibilidades. Em um ano eu não sabia o que era um dia de folga. O hotel estava cheio quase que diariamente, o clube estava lotado todas as noites e minha mesa estava cheia de burocracia.

— Vou pensar no assunto.

— Fico mais aliviado em saber que você ao menos vai pensar. Uma semana ou dez dias vão fazer muito bem a você.

— Obrigado, homem, aprecio isso. Estou exausto.

— Pode contar comigo. Bom, eu vou indo, tenho uma sessão hoje.

— Ajuda muito a relaxar.

— Sim, mas não vou trazê-las para o clube, vou ficar em casa mesmo.

— Aparentemente não sou o único a precisar de umas férias — respondi, seca-mente. O cara estava tão cansado quanto eu.

— Podemos combinar um rodízio, assim, ninguém fica sobrecarregado.

— Excelente ideia. — Todos precisavam de uma folga.

— Até amanhã.

— *Slan* (adeus).

Depois que ele saiu, pensei sobre a folga. Seria muito bom sair de Teresópolis por alguns dias, descer para o Rio, curtir um pouco a praia, o sol, sair daquele tempo úmido e frio de lá. O ruim de tudo aquilo seria estar sozinho quando mais desejava estar acompanhado. Levantei-me do sofá e fui para o quarto me preparar para a noite no clube.

{ PATRÍCIA } *slave* DO MESTRE SHADOW

Recebi uma mensagem do Dono por volta do meio-dia, ordenando-me que fos-se à sua casa para servi-lo. Meu coração encheu de felicidade, estava ficando muito difícil ficar longe do Senhor de mim. Fui para o meu trabalho, apreensiva. O dia não seria fácil. Minha chefe tinha várias reuniões marcadas e eu só seria liberada quando elas terminassem. Tinha que cumprir o meu horário sem atrasos com o Dono de mim.

Aproveitei a hora do almoço para dar um retoque no visual. Fiz minhas unhas e escovei o meu

cabelo, não queria atendê-lo com a aparência desleixada. No fim da tarde, estava entrando em pânico. As reuniões eram intermináveis, e eu começava a torcer contra o relógio. Precisava chegar a tempo de lhe preparar o jantar e ficar arrumada para recebê-lo em casa. Quando tudo estava terminado, dei tchau para a minha chefe e saí do trabalho direto para a casa do Dono. Chegaria atrasada e seria castigada por isso.

Foram duas intermináveis horas para chegar até Teresópolis. Peguei um trânsito horrível até lá, afinal, era um fim de semana. Quando cheguei e não vi o carro do Senhor, fiquei aliviada. Entrei em sua casa e fui direto para a cozinha fazer algo para o seu jantar. Não tinha tempo para fazer nada muito elaborado, então, preparei um stroganoff com champignons, arroz, batata-palha e, para finalizar, uma salada. Dei-xei a mesa posta e fui tomar um banho, para ficar cheirosa e impecável para o Dono de mim.

Ao sair do banheiro, ouvi a porta da frente sendo aberta. Meu coração acelerou os batimentos. Seria repreendida, sem dúvida alguma, por aquele atraso. Apressei-me o mais rápido que pude e desci para recebê-lo.

Seu olhar era duro e frio. Ele estava irritado pela minha falta de organização. Aproximei-me, ajoelhando e beijando sua mão.

— Atrasada, escrava?

— Sim, Dono. Peço-lhe perdão. — Ele não disse nada, afastou-se e foi se sentar. Levantei-me e fui servi-lo de seu uísque favorito. Voltei para o sofá onde ele estava, entreguei a ele o copo e ajoelhei ao seu lado, esperando suas ordens.

Não queria decepcioná-lo, mas o dia no trabalho foi intenso e o trânsito não co-laborou. Acabei chegando atrasada. Seu telefone tocou e ele atendeu a ligação. Eu continuava na minha posição, esperando suas ordens. Para mim, era divino servi-lo. Agradá-lo era essencial. Fui até o seus pés e tirei seus sapatos, dando-lhe uma mas-sagem nos pés. Ele sabia o que eu estava fazendo; era uma maneira de me desculpar por ter chegado atrasada. Logo em seguida, ele desligou o celular.

— Estou precisando disso no corpo todo. — Fiquei de pé, peguei o copo vazio de suas mãos, coloquei-o sobre a mesinha e estendi a minha mão para o Dono de mim, fazendo o convite.

— Por favor, Dono, deixe-me lhe aplicar a massagem para que possa se sentir mais confortável. — Assim que ele a segurou, levei-o para o quarto.

Chegando ao quarto, ascendi algumas velas aromáticas e o despi. Pedi para que o Dono se deitasse, e, assim que o fez, fui até o armário e peguei um óleo para mas-sagear o seu corpo. Comecei pelos ombros, braços, costas, pernas e finalizei na parte de trás dos pés. Não só o massageava com as mãos, eu o adorava com o meu corpo. Espalhava o óleo com as mãos ao mesmo tempo em que lambia sua pele. Dono tinha um sabor delicioso. Esfregava o meu corpo no dele, massageando-o e o excitando.

Pedi para que se virasse e, quando o fez, pude ver seu membro ereto e liberando pré-sêmen.

— Chupe-o. — Servi-o com a boca, tentando ao máximo lhe agradar, dando-lhe conforto e satisfação.

Terminei de servi-lo na cama e, enquanto ele tomava banho, fui para a cozinha esquentar o jantar e colocar a comida sobre a mesa. Quando ele saiu do banho e entrou na sala de jantar, a comida estava quentinha, pronta para servi-lo. O Senhor se sentou, eu o servi e aguardei em pé, ao lado da mesa. Adorei quando elogiou o tempero. Para mim, aquele elogio compensou todo o trabalho e correria que tive.

Esperei que ele terminasse e, assim que o fez, foi para a sala e eu para a cozinha. Era lá que eu fazia minhas refeições. Quando estava na metade do meu jantar, meu Senhor entrou na cozinha.

— Desde quando cadela come sentada à mesa e em um prato? — Seu tom era duro e de reprovação. Eu estava fazendo tudo errado... — Onde está sua tigela, cade-la? — Envergonhada com a minha atitude, coloquei o resto do meu jantar em minha tigela. Fiquei de quatro e comecei a comer minha refeição. Enquanto comia, o Dono me observava. — Tenho uma disciplina para aplicar hoje, minha cadela. — Não tive culpa, mas aquilo não importava. Era minha obrigação servi-lo. Deveria ter me programado melhor, assim, teria evitado toda aquela reprovação.

— Sim, Senhor de mim. — Antes de terminar a minha refeição, ele me disse que teríamos a visita de outra sub. Aceitei, nunca tive problemas com irmãs de coleira. Porém, não era bissexual, e o Dono sabia disso e nunca exigiu que eu tivesse relações com a outra submissa. Se ele quisesse, faria para agradá-lo.

Estava terminando de arrumar a cozinha quando ouvi a campainha tocar. Corri para atender a porta, não queria fazer mais nada para desabonar o Senhor de mim. A outra submissa entrou e fomos juntas para a sala. Assim que adentramos, Dono de mim me dispensou para que eu terminasse de fazer minhas obrigações. Voltei para a cozinha me sentindo um pouco chateada por tudo aquilo — no entanto, jamais me trairia isso a ele. Meu ciúme era baunilha, e senti-lo não era correto. Não conseguia ouvir o que conversavam, mas a voz do Senhor estava alterada. Terminei de fazer minhas obrigações e aguardei por suas ordens na cozinha.

Não muito tempo depois, ele me chamou até a sala.

— Tire suas roupas. — Fiquei sem ação. Esperei por alguns segundos, tentando entender se a ordem era para mim ou para ela. — Mandei que tirasse suas roupas,

Minha escrava cadela! — emitiu sua ordem a mim. Fiz como ele pediu e me despi, ficando completamente nua na frente do Dono de mim e da outra submissa. — As duas serão castigadas.

Aceitei meu castigo de cabeça baixa, em completo respeito. Da outra submissa veio a palavra de segurança. Naquele momento, houve uma grande discussão entre os dois. Nunca fiz nada igual! Jamais tratei o Senhor daquela maneira. Fiquei indignada e muito tensa com a situação. Ele pediu para que ela fosse buscar o chicote, e ela foi. Assim que voltou, entregou a ele o chicote. Ele disse:

— Você será castigada duas vezes. — Mesmo sem entender o porquê daquilo, aceitei. — E você... — disse para a outra submissa. — Vai contar quantas chicotadas ela vai levar. Quero que você olhe nos olhos dela e se envergonhe por ela estar levando uma disciplina que era para ser sua!

O Dono sempre respeitou os limites de uma relação D/s. Jamais iria impor um castigo daquele sobre aquela submissa fugindo da consensualidade.

Naquele momento, entendi por que ele fez aquilo. Eu era sua escrava; ela, sua submissa. A mim ele poderia impor qualquer coisa, porque dei a ele esse direito. Quando fiz isso, abri mão de todas as minhas decisões, opiniões e desejos. Eu o pertencia de todas as formas, era sua para fazer o que ele quisesse e como desejasse. Minha obrigação era servi-lo de todas as maneiras e como bem ele quisesse, desde que tudo estivesse dentro do SSC.

As chicotadas começaram. Tentei me concentrar no meu castigo. Na décima, era impossível evitar as lágrimas. Meu Senhor exigiu que ela contasse cada uma das chicotadas. Na vigésima, não aguentava mais. Estava dolorida e chorava muito — não só pela dor, mas por estar sendo punida no lugar da outra submissa. Era um misto de sentimentos... À minha frente, ela também chorava, envergonhada por sua atitude. Via em seus olhos que ela estava arrependida e lamentava muito a situação.

O Dono terminou o meu castigo e me ordenou que fosse para o quarto. Em meio às lágrimas, obedeci-o prontamente. Entrei em meu quarto e me ajoelhei, esperando mais de suas ordens. Fiquei em silêncio tentando ouvir o que era dito entre eles, mas de onde eu estava não se ouvia nada. Não entendia os motivos que ela teve para negar o castigo. Ser disciplinada fazia parte da relação D/s, nunca reclamei e sempre aceitei.

Foi doloroso pra mim, mas foi vergonhoso para ela. Pude ouvir passos no corredor, e em seguida a porta do meu quarto foi aberta.

— Vamos tomar um banho. — Não pensei duas vezes. Segui-o até o banheiro e entramos no box. Provavelmente a outra submissa tinha ido embora, não a vi em lugar algum.

Passei o sabonete por todo o seu corpo, lavando-o do dia estressante. Não im-portava o quanto estava com raiva da atitude da outra submissa, estar com ele e ser disciplinada porque era da vontade dele em fazê-lo me deixava completamente satis-feita. Era importante, para mim, servi-lo e satisfazer todos os seus desejos.

Terminamos o banho e saímos do banheiro. Arrumei toda a cama para que ele se sentisse o mais confortável possível e fui me deitar na minha, que ficava nos pés da dele. Meu Dono havia me presenteado com uma cama de cadelinha. Ela era bem fofinha e confortável, mas eu só a usava quando era disciplinada. Nas outras noites, dormia em sua cama. Deitei-me, desejando a ele boa noite.

— Levante-se e venha para a cama. — Obedeci imediatamente. Assim que me deitei, minhas mãos e pernas foram amarradas por suas mãos firmes. Ele pairou sobre o meu rosto, com o seu membro próximo a minha boca. — Abra e me dê pra-zer. — Sem pestanejar, obedeci ao Dono. Não importava quantas vezes fosse disci-plinada; para mim, o mais importante era estar assim com ele. Essa era a minha recompensa. Satisfazer seus desejos e ouvi-lo gemer pelo prazer que eu o proporcio-nava era a coisa mais importante do mundo para mim. Ele gemeu e rugiu o seu or-gasmo, fazendo-me tomar todo o seu prazer. Retirou-se e deitou ao meu lado.

— Faz parte do seu castigo ficar sem gozar e dormir amarrada. Vai dormir na minha cama hoje, porque está muito frio para que durma em sua cama. Não quero que fique doente.

— Como quiser, Senhor de mim.

— Se comportou muito bem em seu castigo, minha cadelinha. — Satisfação completa. Não precisava gozar para me sentir tão realizada. A minha satisfação era essa: servi-lo. Simples assim.

— Obrigada, Dono.

— Você vai passar o fim de semana aqui. Vou levá-la ao clube para me servir lá.

— Será um prazer servi-lo, Senhor de mim.

- Agora, durma.
- Obrigada, Senhor. Boa noite.
- Boa noite, cadelinha.

Capítulo 03



PAULO – MESTRE SHADOW

Acordei pela manhã me sentindo exausto. Todos nós do clube precisávamos de umas férias. Jhonatan mais do que qualquer outro, principalmente porque vinha trabalhando desde quando o Castelo foi projetado. Saber que Fernanda havia entregue sua coleira me deixou chateado por ele. Aquela não era uma situação fácil pra ninguém.

Lembrei-me do que a minha ex-submissa havia feito no dia anterior. O comportamento dela foi horrível e totalmente desproporcional. Usar da palavra segura para evitar uma disciplina não era postura de uma submissa. Para mim, esse tipo de atitude era imperdoável; ou ela serve 100% ou não se submete. Foi muito decepcionante vê-la se comportar daquela forma. Tirei sua coleira sem pensar duas vezes.

Olhei para o lado, observando minha paty dormir pacificamente. Tinha um profundo carinho e

respeito por ela. Ela era disciplinada, educada, gentil e muito doce. Tinha uma sensualidade envolvente e era linda de tirar o fôlego. Eu era completa-mente possessivo e muito ciumento quando se tratava dela. Levantei para soltar os seus braços e pernas. Ela acordou um pouco desorientada, porém, assim que me viu, abriu um largo sorriso.

— Vire-se de costas. — Ela fez como exigiu, presenteando-me com seu belo tra-seiro. Dei-lhe uma palmada e esfreguei, observando a marca que deixei. Em seguida, dei várias palmadas sucessivamente, até que seu traseiro ficasse na cor que eu desejava. — Em suas mãos e joelhos. — Estava excitado, iria possuí-la antes de voltar ao trabalho. Toquei sua bocetinha, constatando sua lubrificação. — Gosto de espancá-la, minha cadela. Gosto de ver a minha mão deixando sua bunda vermelha.

— Amo ser sua cadela, Dono. — Abri sua bocetinha e guiei o meu pênis para o seu canal. Não usava camisinha com ela, era a única exceção. Com todas as outras, era uma regra. Penetrei-a, centímetro por centímetro, lisa e molhadinha. Investi firme, arrancando dela gemidos e ofegos. Peguei minha cinta, que estava na cabeceira da cama, e comecei a acertá-la enquanto a fodia. Com a outra mão puxei os seus cabelos, prendendo-a a mim.

— Vou te possuir de quatro minha cadelinha.

— Use sua putinha, Dono. — Apertou-me ainda mais com o seu canal.

— Não goze. Não até que a ordene. — Ela gemeu, concordando. Oh, sim! Era isso que eu esperava: respeito e obediência. Coloquei a cinta em volta do seu pescoço, puxando-a para mim. Enquanto a fodia, eu a asfixiava. Era uma prática perigosa, tinha que ter muito controle da minha parte. Eu gostava muito; ela aumentava o prazer da submissa, e adorava fazer minha cadelinha gozar assim. — Vem pra mim. Goze! — Quando ela gozou, soltei a cinta. Investi mais duro, rugindo o meu orgasmo. Esperei alguns minutos, respirei fundo e me retirei dela. — Você está bem?

— Estou ótima, Dono de mim — disse, tentando levar ar aos pulmões. Aquela prática tinha que ser muito bem estudada. Era necessário fazer um curso de primeiros socorros... Preparava-nos para qualquer eventualidade.

— Vire-se, deixe-me ver seu pescoço. — Não tinha deixado marcas profundas, a coleira ficou por baixo do cinto. Olhei em seus olhos, observando-a atentamente. Sua entrega e sua confiança em mim eram extremas. Às vezes chegava me deixar envergonhando no quanto ela confiava em mim. Jamais tiraria sua coleira. Coloquei minha boca na dela e a beijei profundamente; era a minha maneira de agradecer sua servidão.

— Vá tomar seu banho e me prepare um café. Tenho que estar no clube em poucas horas.

— Sim, Dono de mim. — Ele se levantou um tanto instável. Segurei-a pelo braço, com medo

de que ela caísse.

—  Você está bem, minha paty?

— Estou, sim, Dono. Apenas levantei rápido demais.

— Você tem cumprido minhas ordens, Patrícia?

— Todas elas, Senhor, exatamente como Dono de mim determinou. — Ela não mentia para mim. Sua obediência nunca foi motivo de dúvidas. Ela tinha uma lista de tudo que podia ou não comer e dos horários.

— Ainda está tonta?

— Não, Senhor. — Permiti que ela fosse e fiquei a observando sair. Ela tinha voltado ao seu estado normal. De qualquer forma, ficaria de olho naquilo. Aquela instabilidade só firmava ainda mais a minha decisão de trazê-la para cá.

Entrei no banheiro, para fazer minha higiene e tomar meu banho. Odiava acordar cansado. Depois de toda aquela massagem e toda a satisfação, ainda me sentia desgastado ao invés de relaxado. Por um ano trabalhávamos todos os dias, de segunda a segunda e sem horários. Nos fins de semana, era dia, noite e madrugada dentro. Tínhamos uma folga na segunda, mas nunca a tirávamos, pois reservávamos esses dias para as burocracias. Precisava de umas férias. Todos os quatro estavam no limite, algo tinha que ser feito.

Saí do banheiro, peguei meu celular e mandei uma mensagem para os três, marcando uma reunião para o café da manhã no hotel. Tínhamos que ajustar os postos para que todos pudessem tirar férias antes das festas de fim de ano. Vesti meu terno e fui para a cozinha. Senti o cheiro do café e dei boas vindas. Na serra fazia muito frio, acordar cedo era um pesadelo. Naquele dia, eu parecia um homem rabugento. Era por isso que odiava acordar cansado daquela maneira, reclamava de tudo.

— Bom dia, Dono.

— Bom dia, minha paty.

— Quer que o sirva agora?

— Faça-o. — Sentei-me e aguardei que ela me servisse. Ela tinha mãos de fada para cozinhar, o seu tempero era incrível. Depois que ela me serviu, pensei em fazer um agrado, afinal, estávamos nos vendo muito pouco e precisava resolver aquela situação. — Sente-se no meu colo, vou alimentá-la. — Deu-me um sorriso tímido e se sentou no meu colo. Comecei a comer e, ao

mesmo tempo, alimentá-la.

Ela era uma mulher alta, com cabelos longos na cor mogno, seios fartos, pernas longas e olhos verdes penetrantes e envolventes. Adorava fotografá-la; tinha fotos lindíssimas dela, em todas as posições, e em todas elas usando a marca de minha

propriedade, a coleira. Estávamos juntos há cinco anos e nos conhecíamos há seis. Nossa negociação demorou quase um ano. Isso porque a construção do clube estava a todo vapor e muitas vezes tive que me ausentar viajando para fora do Brasil. Quando terminamos as negociações e assinamos o contrato, dei a ela a sua coleira, na Cerimônia das Rosas.

A Cerimônia das Rosas é um rito simbólico onde o casal declara o seu com-promisso. O Dominador carrega uma rosa vermelha aberta e a submissa uma rosa branca fechada. Dentro da cerimônia ele pica o dedo dela com o espinho da rosa vermelha e deixa as gotas de sangue cair sobre a rosa branca. Existe todo um rito envolvido, a cerimônia é linda. A rosa branca simboliza a submissão, a pureza e o seu presente. A rosa vermelha significa a Dominação, a paixão, o desejo de protegê-la e possuí-la.

Daquele dia em diante, ela se tornou minha.

Naquela época, ela veio morar comigo no mesmo dia, no entanto, quando o ho-tel ficou pronto, tive que me mudar para Teresópolis e ela ficou no Rio. Permiti que ela continuasse trabalhando, porém, as coisas mudaram; eu a queria morando aqui e, para isso acontecer, ela teria que largar o emprego.

Não a queria morando sozinha e tão longe. Como seu Dono, qualquer decisão seria tomada por mim, ela gostando ou não.

— Você vai se mudar para cá essa semana...

— Senhor, o meu trab... — Calei-a apenas com um olhar. Ela me devia obedi-ência, sem questionamento nenhum, e eu não tinha terminado de falar.

— Vai deixar o seu trabalho. Não quero você longe e nem sozinha. Estou preo-cupado com sua alimentação e com o fato de você estar sozinha em uma cidade como o Rio.

— Peço permissão para me expressar, Dono.

— Fale.

— Minha chefe vai precisar de uns dias para arrumar alguém para me substitu-ir. — Não podia negar isso, era antiético ela abandonar o trabalho sem explicações.

— Duas semanas e nem um dia a mais.

— Como quiser, Dono.

— Vou ligar para a imobiliária e colocar o apartamento para alugar. Desço para o Rio em duas semanas para buscar nossas coisas.

— Perfeitamente, Senhor.

—  Vou para o trabalho agora. Faça suas obrigações, volto para buscá-la mais tarde. Alimente-se adequadamente, você tem uma lista.

— Obrigada, Senhor Dono de mim. — Beijeí sua boca, exigindo dela sua obediência e servidão. Quando terminei o beijo, ela estava zonzinha, e eu de pau duro. Sentia muito a falta dela, aquela distância teria fim o quanto antes.

— Posso falar, meu Senhor?

— Seja rápida. Tenho que ir para o trabalho — respondi, indo para a porta.

— Senhor de mim, peço sua permissão para ir ao banheiro.

— Vá, mas faça tudo o que tiver que fazer agora. Vou entrar em uma reunião em poucas horas e meu celular estará no silencioso. Se precisar de mim com muita urgência, ligue para o hotel.

— Perfeitamente. Obrigada, Dono de mim.

— Até mais tarde, minha paty — disse, a ela, e selei a despedida com um beijo.

— Bom trabalho, Dono de mim.

— Cuide-se.

Saí de casa e fui direto para o Castelo. O que eu mais queria era estar curtindo com ela o fim de semana, aproveitando de sua companhia. Tínhamos que dar um jeito naquilo o quanto antes. No começo foi festa, mas o cansaço estava começando a pegar e não era saudável para nenhum de nós quatro. Estacionei meu carro na garagem e fui direto para o restaurante me encontrar com os três.

WILLIAN — LORD FIRE

Exausto era pouco. Como diziam na minha terra: “estava na capa da gaita”.

Trabalhei à noite e a madrugada inteira. Meus olhos estavam ardendo da fumaça das tochas. Ficar naquela masmorra não era fácil, mesmo com todas as diversões das sessões feitas ali. Passei por todas as celas antes de ir ao hotel. Não sabia do motivo da reunião; Paulo dificilmente marcava uma e, quando fazia, era porque a situação era de extrema importância.

Entrei no restaurante e me dirigi para a mesa que Jhonatan estava sentado. Marcos vinha do

outro lado, com a sua sub. Senti uma inveja daquela cena, há muito tempo não encoleirava uma submissa. No meu caso, não era fácil. Eu era Sádico, precisava de uma submissa que gostasse de dor tanto quanto eu gostava de proporci-onar.

Arrastei minha cadeira e me sentei de frente para Jhonatan.

— Você parecesse uma merda.

— Olha quem fala.

— Problemas?

— Precisamos rever o produto das tochas. O que foi entregue está soltando fu-

maça.

— Muita?

— Não é perceptível até que você saia de lá. Ela deixa os olhos ardendo. — Ele esfregou as mãos no rosto em sinal de cansaço.

— Vou ver isso ainda hoje. — Acenei, concordando.

— Bom dia, meus amigos — disse Marcos, ao se sentar. Sua submissa ajoelhou ao seu lado.

— Bom dia.

— Bom dia.

— Fernanda me entregou a coleira ontem. Preciso fazer um pronunciamento.

— Junte-se ao clube. Tirei a coleira da Caroline ontem. — Todos olharam para Paulo, que acabava de chegar. Puxou uma cadeira e se sentou ao meu lado.

— Que é isso? Revolução? — perguntei.

— Não. O comportamento dela foi inadequado.

— No meu caso, é que eu não tenho tempo para mais nada — resmungou Jho-natan. Cara, a merda era maior do que imaginava.

— Exatamente por isso que eu marquei essa reunião.

— Vá para o quarto e descanse. Não precisa esperar por mim — ordenou Mar-cos para sua

submissa.

— Como deseja, Senhor de mim — respondeu ela, antes de se virar para nós.

— Bom dia a todos, Senhores. — Um coro de bom dia foi dito a ela. Enquanto ela saía, percebi que estava mancando.

— O que foi, Willian?

— Percebeu que ela está mancando? — perguntei a ele. Todos sabiam o motivo... Ele era o único de nós que levava sua escrava para o clube todos os dias. Era exaustivo para nós... Imagina para ela, usando todo aquele salto?

— Não se meta nisso, Willian.

— Apenas fiz um comentário — disse, levantando minhas mãos. De todos nós, ele era o mais arreadio.

—  Bom, cavalheiros, vamos ao que interessa? — disse Paulo, cortando a conversa. — Ontem falei com o Jhonatan sobre fazermos um rodízio de férias. Cada um aqui está com sua vida particular um caos e todos precisam de um tempo e descanso para repor as energias.

— Aprecio isso.

Eu iria dormir por uma semana inteira.

— Como vamos fazer? Você é o único gerente, e ele o único administrador — perguntou Marcos.

— Bom, vou colocar o Willian no meu lugar. Mas, para isso, vou precisar de alguém para assumir o dele. Assim, eu assumo a parte do Jhonatan para ele sair de férias. Quando ele voltar, eu vou. Depois, o Willian, e, depois, você, Marcos.

— Tenho alguém para sugerir.

— Quem? — perguntou Jhonatan. — Tem que ser tão bom quanto você. Não quero e não posso deixar a masmorra apenas com monitores.

— A Domme Naga. Ela é boa, eficiente e tem muita responsabilidade.

— Concordo com o Willian, ela é uma Domme experiente.

— Iria até um pouco mais... Estamos trabalhando muito para que todos aqui tenham uma vida pessoal, podíamos fazer turnos. Eu ficaria nos fins de semana, e ela durante a semana.

— Gostei da ideia, Jhonatan — aprovou Paulo.

— No meu lugar poderia ficar o Dom Mitsuo, aquele japa é experiente — indicou Marcos.

— Não tinha pensado na possibilidade de outras pessoas pegando um cargo de tamanha responsabilidade. No entanto, estamos todos sobrecarregados, precisamos de uma pausa.

— Penso até que podíamos fazer disso algo definitivo — sugeriu Paulo.

— Estou começando a gostar da ideia.

Com turnos distribuídos, todos poderiam desfrutar da vida ao invés de ficarem preso lá todos os dias.

— Explique, Paulo.

— Podíamos deixar o Mitsuo e a Naga nas noites de terça a quinta e nas tardes de sexta a domingo. O Marcos e o Willian ficariam nas tardes de terça a quinta e nas noites de sexta a domingo, que são os dias de maior movimento.

— Perfeito. Fica decidido assim. E quanto a você, Paulo? Como vai ser?

— Preciso que você saia ainda hoje. Daqui a duas semanas, tenho um compromisso com a Patrícia. Acredito que quinze dias para todos nós seriam muito bem-vindos.

— Hoje? Não tenho nada programado.

— Isso se chama férias. Pegue o carro e saia, apenas vá — insistiu Paulo.

— Vamos lá, Jhonatan, todos nós precisamos desse tempo.

— Poderíamos fazer isso duas vezes no ano... Antes das férias de meio de ano e fim de ano.

— Concordo com o Marcos. Não temos fins de semana, nem feriados, nem dias de folga. Apesar de termos a segunda-feira, nós nunca a tiramos.

— Tudo bem. Peço desculpas por toda essa bagunça, acredito que agora seja possível organizar as coisas dessa forma.

— Relaxa, homem. Vai aproveitar suas férias, pois não vejo a hora de chagar as minhas. — Iria direto pra São Paulo. Conhecia uma submissa lá do jeito que eu gostava... Pena morarmos tão longe; para mim, relação à distância não funcionava.

— Bom, eu preciso ver o que está acontecendo com o produto das tochas antes de sair.

— Não mesmo, eu mesmo vou ver isso.

— Precisamos arrumar outro gerente, também — disse Jhonatan ao Paulo.

— Aprecio isso, meu amigo.

— Lamento a situação com a Caroline.

— Obrigado.

— Bom, meus amigos... Estou indo. Até a volta. — Até que enfim tínhamos umas férias. Diria que foi uma reunião proveitosa.

— Vou indo, preciso dormir um pouco, estou exausto.

- Vai lá, vou falar com a Naga e ver se ela pode começar ainda hoje.
- Obrigado. Até mais, Marcos.
- Até, amigo.

Antes de sair, dei mais uma volta pelo salão. Ainda havia praticantes fazendo sessões. Desci até o calabouço para fazer uma última verificação. Havia poucos casais. Caminhei pelos corredores e parei em uma sala onde acontecia uma sessão. A submissa estava com os braços algemados, presos aos tornozelos e juntos amarrados acima da cabeça, deixando-a completamente exposta. Ela estava vendada e usava uma mordaça.

Mr. Wilson O dominador foi até sua bolsa e pegou um flogger. Conhecia aquele, tinha um igual. O cabo era de látex, com 17 tiras de couro de 21 centímetros cada. Voltou e começou a chicoteá-la com ele. Deixou a bunda dela bem vermelha; diga-se de passagem, era uma bela bunda. Ele voltou com uma cane e começou a bater com ela na planta de seus pés. Na posição em que ela estava, era impossível ela se mexer. Ele a acertava nos pés e nas mãos e depois subiu para a parte de trás das coxas. Deixou-a bem marcada e com vergões altos. Era lindo ver a entrega por parte dela.

Quando estava satisfeito, ajoelhou-se e fechou a boca em seu clitóris. Meu pau reagiu vendo a sessão. Precisava daquela folga o quanto antes. Odiava sexo bauni-lha... Para mim, não tinha a menor graça. Resolvi ir pra casa. Ficar vendo aquelas cenas não me adiantaria em nada. Passei por outra sala onde havia uma submissa amarrada, com as mãos acima da cabeça e o pé direito amarrado e levantado na vertical, também completamente exposta. Ela usava uma mordança e tinha um dildo de cristal inserido na vagina. Ele tinha duas varetas de *teaser* na mão e encostava levemente nos seios da submissa. Depois, desceu para a barriga e, em seguida, nos lábios vaginais.

Ela gritava e tentava se afastar usando a ponta dos pés. Do outro lado, um Dominador tirou um flogger de fios de aço. Aquela peça era uma beleza, deixava a pele da submissa muito bem marcada. Ele começou a chicoteá-la enquanto o outro massageava seu clitóris. Longas listras surgiam em suas costas. Algumas começaram a sangrar, então, ele parou e outro Dom tirou o dildo e a penetrou. O outro colocou uma camisinha e a penetrou por trás.

- Achei que você tivesse ido para casa. — A voz do Marcos me tirou da cena.
- Dando uma checada antes de ir.
- No calabouço?
- Qual é o seu problema, Marcos? Por que anda pegando tanto no meu pé?
- Vi como você olhou para a minha cadela.

— Eu não a olhei! Quando ela saiu, reparei que mancava. Nunca faltei o respeito com nenhum dos dois.

— Isso não é problema seu. Não se meta. — Não respondi, deixei-o falando sozinho. Não ia ficar rezando uma cartilha que ele tanto conhecia. A situação estava fora do SSC e ele sabia disso.

Saí do Castelo, dando boas-vindas à luz do dia e ao frio. Adorava o meu trabalho... Não

porque ganhava bem, mas porque vivia e trabalhava no meu estilo de

vida. Apesar de estar exausto, era ali que gostava de passar meus dias e minhas noites.

Entrei no meu carro e fui para o meu apartamento. Não ficava muito longe do Castelo. Às vezes, ia correndo, para fazer exercícios. Liguei o som do carro e desci o morro que dava para o Castelo. A estrada era sinuosa e tinha arbusto por todos os lados. Atrás deles, árvores centenárias, tornando tudo ainda mais sombrio. Jhonatan realmente construiu em um lugar que tinha tudo a ver com o BDSM.

A próxima música a tocar era “One”, do U2. Aquela música me fazia lembrar da única mulher que amei. Aprendemos tudo juntos... Descobri com ela o meu desejo de dominar. Compartilhei com ela o prazer que tinha em infringir dor. Ela aceita-va tudo que eu estava disposto a fazer e, naquela época, eu não conhecia o BDSM. Era prazeroso, para mim, dar e, para ela, receber.

Tínhamos nossas sessões na garagem da minha casa. Morava sozinho, e aos poucos fui moldando o lugar para nossas práticas. Sempre que transávamos agia de uma forma diferente. Comecei com algumas palmadas, depois mordidas e, em seguida, com a cinta. Quanto mais eu dava, mais ela pedia. A primeira vez em que a amordacei foi com um lenço e fita adesiva. Depois, usei alguns prendedores de rou-pas em suas partes íntimas e mamilos. Muitas vezes eu a deixava toda roxa e com a pele cheia de vergões.

Aos poucos, fui ousando. Enquanto ela aguentava, eu espancava. Não sabíamos da SAFE naquela época, então, não era, não. Num dia ela foi até a minha casa levando um açoite de couro cru trançado. Meu lado sádico não pensou duas vezes; apesar de não ter a menor noção do que fazíamos, deixei que nossas fantasias assumissem a situação. Levei-a para a garagem amarrei suas mãos acima da cabeça. Naquele dia, evitei colocar a mordaca. Se ela dissesse “não”, eu pararia. Suas costas ficaram em vermelho-vivo e em alguns pontos sangrava. Foi a experiência mais erótica que eu já tive na minha vida.

A cumplicidade durou anos. O amor foi inevitável, éramos jovens e vivíamos as nossas fantasias como queríamos. Era louco por ela, tratava-a com carinho...

Sempre depois das sessões fazíamos amor. Depois, dava-lhe banho e passava uma pomada que descobrimos ser boa para acalmar a dor. Ela nunca se cansava, nem eu. Quanto mais dor ela sentia, mais prazeroso era para mim. Muitas vezes pensei ter ficado doente com esse desejo. Quando descobri que ela sentia o mesmo desejo que o meu - ao contrário -, foi uma sensação de pura liberdade.

██████████ Estávamos juntos há 3 anos e, no últimos seis meses, ela vinha se afastando. Não entendia o motivo e não quis pressionar. Até que, um dia, vi-a com outro cara...

Ela morreu naquele dia para mim. Nunca a perdoei. Sempre fui honesto com ela e achava que ela fazia o mesmo comigo. Nunca soube suas razões. Ela nunca me pro-curou para dar justificativas, simplesmente sumiu.

Depois de anos estudando o BDSM, soube que se ela casou com aquele cara era completamente infeliz. Ser submissa estava em sua essência, fazia parte de quem ela era. Ela jamais seria feliz em um casamento baunilha. Podia até tentar, mas seria uma mulher frustrada, porque em uma relação baunilha ela jamais teria a satisfação que tanto necessitava. O que tínhamos não era uma brincadeira, não era um simples fetiche. Para ela, era uma necessidade em servir e em sentir dor; para mim, era a arte da dominação, sentir prazer em provocar dor. O que fiz com ela no passado era hoje; apenas preliminares para mim.

Troquei a música para “Dream On”, do Aerosmith. Sim, é isso aí: o que ficou no passado era passado. Agora, precisava de uma submissa que fosse sádica. Todas que apareceram no Castelo eram encoleiradas, e as que não eram não gostavam de dor. Era extremamente difícil... Eu fazia algumas sessões, mas, na maioria das vezes, elas diziam a SAFE. Era muito frustrante. Estacionei o carro na garagem e subi para o meu apartamento. Tomaria um banho e cairia na cama, exatamente nessa ordem.

Capítulo 04



SUZANA

Passei o sábado lendo um livro que comprei pela internet. Devorei o livro. Era muito bom, mas acabou de uma forma trágica... Pobre da Fabiana. Erick era uma delícia, e também um canalha. O cara não valia nada! Agora, estava roendo as unhas para esperar a continuação.

Depois que me separei, comecei a tomar gosto por livros eróticos. Lia vários, mas esse despertou minha curiosidade sobre fetichismo. O tal do Erick adorava fazer umas coisinhas que me deixaram com os pelinhos do braço arrepiados, mas não ao ponto de me excitar.

Peguei meu notebook e digitei no *Google*: fetichismo. Apareceu conceito e de-finição. Nada que tinha ali se parecia com o livro. Então, resolvi pesquisar sadoma-soquismo. Aquele lance de sentir dor erótica me deixou curiosa. Nas cenas do livro, não tinha nada com dor extrema; era erótico e sexual. Havia muita coisa sobre o assunto no *Google*.

Tudo se resumia em dominação, escravidão, erotismo, sexo, servidão, submis-são, bondage, disciplina e etc... Li tudo com muita voracidade. Algumas coisas me fizeram arrepiar, outras despertaram ainda mais a curiosidade.

 Depois de ler bastante sobre o assunto, cliquei em imagens. Algumas eram de homens e mulheres algemadas - algumas com cordas por todo o corpo. Velas, alge-mas, couro, látex, vendas, mordaca, chicotes, coleiras etc... Pela primeira vez na vida, meu corpo despertou. Não estava excitada, pelo menos não achava que era. Sentia um arrepio, uma curiosidade cada vez maior de continuar lendo, mas resisti. Parei por ali mesmo e fui almoçar.

Meu corpo zumbia com as emoções que estava sentindo. Achava que estava começando a enlouquecer, nunca tinha sentindo nada parecido antes. Talvez fossem os orgasmos que nunca senti, subindo para a cabeça e afetando meu cérebro. Vai saber...

Resolvi ir a pé para um restaurante que tinha perto da minha casa. Morava em Copacabana e meu apartamento ficava bem próximo à praia. Adorava fazer minhas caminhadas antes de ir ao trabalho, faziam-me muito bem. Cheguei ao restaurante e me sentei no mesmo lugar de todos os domingos. Gostava do restaurante e da comi-da que era servida.

Meu garçom favorito veio pegar meu pedido.

— Olá, Suzana.

— Olá, Silvio, como está?

— Estou bem, e você?

— Bem, também. — Ele era muito agradável e o atendimento era rápido. Sem-pre deixava uma gorjeta para ele.

— O que vai ser, hoje?

— Quero uma caipirinha, depois penso no almoço.

— Quer algo para acompanhar a bebida?

— Sim, me traga umas fritas, por favor.

— Não demoro.

Ele saiu e eu fiquei observando o movimento. Do lugar onde me sentava dava para ver quem estava passeando no calçadão e quem entrava. Um homem de terno me chamou a atenção... Um calor de 35° em um domingo e o cara usando terno dificilmente não chamaria a atenção. O cara era lindo... Não! Ele era maravilhoso. De jeito nenhum! O cara era a encarnação da beleza masculina. Entrou e escolheu uma mesa do outro lado do restaurante. A mesa que ele escolheu

dava de frente para a minha. Maravilha! Agora teria que almoçar olhando para ele. Não havia maneira de conseguir comer sem babar.

Tirei os olhos da beldade, olhando para a as pessoas que passeavam pelo cal-çadão, outras que estavam na praia e para o mar. Meus olhos tinham vida própria; voltei a olhar a beleza máscula que estava sentada a poucas mesas da minha. Ele tinha tirado os ósculos de sol e falava ao telefone. Tinha olhos claros, não dava para identificar se eram azuis ou verdes. Barba cerrada, cabelo quase que completamente raspado... Uma belezinha. Não percebi o quanto estava babando até que ele me enca-rou, levantando uma sobrancelha. Meu coração disparou e minhas mãos começaram a suar.

O que era pior? Babar ou ser pega babando? Desviei minha atenção e tentei me concentrar no mar - qualquer coisa que não fosse ele. Comecei a ficar nervosa, não entendia o motivo daquilo, afinal, estávamos num restaurante público e eu podia olhar para quem ou para o lugar que quisesse. Meus dedos começaram a batucar a mesa. Talvez, se minha caipirinha e minhas batatas tivessem chegado, eu teria a minha atenção voltada para eles.

Definitivamente, meus olhos tinham vida própria. Voltei a olhá-lo e, dessa vez, meus olhos se encontraram com os dele. Ele não sorriu, mas o seu olhar me prendeu. Não conseguia desviar os olhos. Um arrepio subiu pela minha coluna, parando na minha nuca. Nunca vi nada igual; por mais que quisesse desviar os olhos, eu não conseguia. Silvio chegou, quebrando o contato. Minha respiração saía em ofegos. Jesus! Aquele homem era uma potência!

— Ei, Suzana, você está bem? — Peguei a caipirinha e tomei um bom gole dela.

— Estou... Estou ótima! Maravilhosa, eu diria.

— Precisando, é só chamar.

— Obrigada, Silvio. — Bom, agora que a minha caipirinha e a minha batatinha haviam chegado, eu poderia me concentrar nelas.

Não olhei mais para onde a belezinha estava. Consegui me entreter com a mi-nha bebida e comida. Não sei bem quanto tempo se passou até que o vi saindo. Ele não olhou para trás. Fiquei arrasada, no entanto, a visão de seu traseiro era magnífi-ca... Tão lindo quanto o dono.

Depois de almoçar, fui caminhar na beira-mar. Aquela belezinha não saía da minha cabeça, que incrível aquilo! Nunca havia sentido nada assim, nem mesmo com Rodrigo. Caminhei por horas

na praia e depois voltei para o meu apartamento. Tomei um banho e fui dar uma olhada no *Facebook*. Eu tinha apenas uma amiga no

 Rio. As pessoas que estavam na minha rede social eram da época que estava casada, e outras dos grupos de livros que eu participava.

Ainda com todo o lance do “belezinha”, eu não conseguia tirar história do sa-domasiquismo da cabeça. Fiz meu login e digitei “sadosomiquismo” no Face. A procura deu origem a vários grupos. Olhei alguns pela quantidade de pessoas e en-trei em um que se chamava Castelo Savage. Não demorou muito para meu pedido ser aprovado. Entrei para dar uma espiada no conteúdo, li algumas postagens inte-ressantes... Percebi que muitas pessoas estavam com perfis *fake*.

Logo em seguida apareceu uma postagem direcionada a mim, desejando boas-vindas.

Lord Fire: Seja bem-vinda ao Castelo, Suzana! — Pensei na postagem por al-guns minutos...

Suzana: Obrigada pelas boas-vindas.

Lord Fire: Sou o monitor do Castelo. Se precisar de alguma coisa, é só chamar.

— Que prestativo, não?

Suazana: Não estou precisando de nada. Apenas curiosa. — Ele não respondeu, mas apareceu no meu *feed* o seu convite de amizade. Aceitei, por que não? Logo em seguida, apareceu no meu *inbox* uma mensagem dele:

Lord Fire: Saudações SM. Não quero ser inconveniente, mas procura algo em específico? — Que estranho... Tinha que responder a um questionário para entrar no grupo?

Suzana: Por que a pergunta?

Lord Fire: Sabe do que se trata o grupo que você acabou de solicitar a entrada? Suzana: Sim, sobre sadosomiquismo.

Lord Fire: Certo. Ainda assim você disse que não estava à procura de algo. En-tão, por que mentiu? — Pensei na sua pergunta por um instante. Eu menti? Acredito que não...

Suzana: Não menti. Estou apenas curiosa sobre o assunto.

Lord Fire: Então, você quer saber sobre BDSM... — Que insistência a dele!

Suzana: Não quero ser inconveniente. Se não posso participar do grupo, estou me retirando.

Lord Fire: Não precisa se retirar, estou apenas tentando ajudá-la.

Suzana: Quando precisar de ajuda, eu lhe comunico! — Sua intrusão me deixou irritada.

Lord Fire: Você não precisa ser grossa, apenas queria ajudá-la com informações.

Suzana: Na verdade, essa sou eu sendo simpática.

Lord Fire: Tudo bem, Suzana. Mas, se quiser ouvir um conselho, faça um *Fa-cebook fake* para entrar nesse tipo de grupo. Mantenha sua identidade preservada. Até mais.

O que ele quis dizer com aquilo? Que coisa estranha de se aconselhar. Desli-guei-me dele e fui atrás de outros grupos de livros, queria algo para ler no fim do dia. Alguns minutos depois, meu nome foi citado no *feed*. Dei uma olhada para ver quem era e vi que era do grupo do Castelo. Entrei no grupo e tinha um Dom Riddle me dando boas-vindas. A foto dele era de um olho de cor azul. Aqueles olhos me eram familiares, mas não me lembrava de ninguém no momento. Depois das pergun-tas do Lord Fire, resolvi, desta vez, não agradecer.

Aproveitei que estava no grupo e li mais algumas postagens. Realmente, só ha-via *fakes* ali. Postagens interessantes... Algumas fotos, mas nada do que estava no livro. Estava saindo do *Facebook* quando apareceu o convite do Dom Riddle. Que insistência era aquela? Não sabia por que estava fazendo, mas fiz do mesmo jeito: aceitei ao seu convite. Como da outra vez, no meu *inbox* veio sua mensagem.

Dom Riddle: Saudações SM. — Todos eles saldavam da mesma forma? Era sempre assim?

Suzana: Oi. — Sim, seco assim.

Dom Riddle: Sou proprietário do Castelo Savage. Desejo-lhe boas vindas!

Suzana: Obrigada! — Proprietário de um grupo e precisava dizer que era dono? “Que loucura! Realmente, no mundo virtual tem gente pra tudo!”, pensei.

Dom Riddle: Não é um pedido! Leia os tópicos desse site antes de solicitar par-ticipar de um grupo como o meu. Passar bem! — O site que ele me mandou o link tinha o mesmo nome do grupo.

Cliquei no link e a página foi aberta. A página inicial tinha a foto de um Castelo maravilhoso e tocava uma música agradável do Shaman; “Fairy Tale”. Fiz o cadas-tro e entrei na página. Havia vários links: Hotel, clube, associados, área vip etc... Mais abaixo tinha: BDSM, SSC, Liturgia etc... “Interessante o site”, pensei.

Cliquei nos links, um por um, e li tudo o que foi postado no site. Quando terminei, eram quase duas horas da manhã. Meu corpo zumbia e os pelinhos do meu corpo inteiro estavam arrepiados. Nunca tinha visto nada igual ou lido sobre algo pare-

acido. Era muito mais do que imaginava... As coisas que Erick fez com Fabiana eram fichinha para o que tinha acabado de ler. Não sabia o que pensar sobre o assunto. BDSM era um estilo de vida muito profundo, muito instigante. Infelizmente não tinha tempo para ler mais nada, precisava dormir. Apaguei as luzes e me deitei.

Meu corpo era punido de forma severa... Linhas vermelhas marcavam minha pele... O desejo, a luxúria e a necessidade invadiam meus sentidos... Minhas mãos estavam dormentes devido às restrições... Meus pés, doloridos pelas punições... Meu clitóris pulsava insistentemente pelo desejo... Levantei minha cabeça e vi o Dono da minha alma se aproximando... Olhos azuis penetrantes e envolventes me analisa-vam... A satisfação em seus traços era perceptível... Eu implorava, rogava, ao Se-nhor Dono de mim, por liberação... com toda a sua glória e imponência aproximou-se de mim... Baixou sua boca em meu ouvido e emitiu o seu comando...

— Goze para mim, minha cadelinha... — Suas mãos tocaram meu clitóris mui-to suavemente e meu corpo obedeceu ao seu comando... Gozei, gritando pelo Do-no...

Oh, céus! Acordei pulando da cama. Olhei em volta, desorientada pelas sensações que o sonho me proporcionou. Minha vagina latejava e, pela primeira vez na minha vida, estava sentindo coisas que não conhecia. Coloquei a mão dentro da minha calcinha e cheirei o líquido que escorria dali. Não era xixi! Meu Deus! Como podia ser excitação? Aqueles olhos... Eram os mesmos olhos do homem do restau-rante.

Muita loucura! Nunca vi o homem antes na minha vida, como podia um estra-nho invadir meus sonhos daquela forma? Irritada, fui ao banheiro para tomar um banho para ir ao trabalho. Sensato da minha parte esquecer tudo aquilo... Sim, deixa-ria aquilo para trás.

JHONATAN

Suzana...

Então, a gata do dia anterior tinha interesse por sadomasoquismo... Interessan-te... Ela era linda... Cabelos negros como a noite, olhos verdes puxadinhos... Pele cor de oliva... Uma bela mulher, com curvas nos lugares certos. Não tinha problema com gordinhas; desde que não fosse obesidade mórbida, para mim não tinha a menor importância. O que eu queria delas era servidão e obediência.

Ontem, quando Willian me chamou para ver a nova adesão ao grupo, quase não acreditei. Enquanto ele conversava com ela, eu olhava seu perfil. Ela tinha poucas fotos, nada no seu perfil me dizia algo sobre ela ou sobre o seu interesse. Por sua resposta a ele e pela maneira como ela me encarou no restaurante, podia ser que não fosse submissa. Talvez uma *switcher* (praticante que domina e se submete. Sente prazer dos dois jeitos). Ou até mesmo uma *Domme*... Difícil falar, não a conhecia e nunca tive contato com ela... Mas iria, em breve. Ela entrou no site e fez o cadastro. Agora, era só esperar ela ir atrás de mais informações.

Peguei meu celular e fui caminhar no calçadão, sentia falta disso. Poder fazer exercícios na praia, caminhar à beira-mar, poder sentir o sol queimando a pele...

Aquelas férias me ajudariam relaxar para voltar ao trabalho. Saí do hotel e acabei tropeçando em uma pessoa. E olha que maravilha...

— Não olha para onde anda?

— Desculpe-me, não foi a minha intenção machucá-la. — Ela ainda não tinha olhado para mim, estava ajustando sua bolsa e casaco. “Empresária?”, pensei.

— Boas intenções... Está cheio delas no inferno. — “Ah, o que não daria para estarmos sozinhos! Ela e sua boca esperta iriam aprender bons modos”, pensei.

— Como disse, desculpe-me. — Não saí do lugar, queria que ela me visse.

— Olha... — Ela levantou a cabeça e me viu. — Oh... — “Sim querida, sou eu”, pensei. Dessa vez, ela desviou os olhos e corou profundamente. Interessante...

Vergonha ou excitação?

— Olá. — Como se fosse possível, ela corou ainda mais.

— Desculpe. Estou atrasada, preciso ir — disse, tirando seus olhos de mim. Olhos como de um felino; verdes e puxadinhos. Sim, uma verdadeira gata selvagem.

— Tenha um bom dia.

— Ah, sim. Hm... Obrigada, para você também — disse, sem me olhar. O que eu não daria para estar na sua cabecinha e saber exatamente o motivo que a faz corar tanto... Resolvi mexer

com ela.

— Olhou o site ontem? — Ela parou, inclinou a cabeça e me olhou nos olhos.

Agora sim ela estava confusa e curiosa.

— Não sei do que você está falando. — Negação; era normal até ela se desco-

brir.

— Creio que não me apresentei adequadamente. — Estendi minha mão para ela, cumprimentando-a. — Meu nome é Jhonatan. Para você, Dom Riddle. — Ela

corou e encarou a minha mão. Com certeza, estava indecisa se apertava ou ignorava. Os minutos ficaram suspensos, até ela avançar e apertar minha mão. Era um pro-gresso.

— Onde está o restante do circo? — perguntou, olhando para os lados.

— Circo? — Não entendi a sua pergunta.

— Sim, o mistério está aqui... — disse, apontando para mim com a mão. —...

Falta só o fogo. — Muito engraçadinha. Dois podiam jogar aquele jogo. Aproximei-me dela e falei, próximo ao seu ouvido:

— Adoraria ver o que o Lord Fire faria com tamanha falta de respeito. — Ela entendia, leu o suficiente para ter uma ideia sobre o que eu falava. — Agora posso aproveitar o momento e lhe dizer exatamente o que eu faria com uma boca tão esper-ta. — Afastei-me para ver seus olhos. Estavam abertos como dois pratos, e sua pele estava bem corada. Passei o dedo em suas bochechas, coloquei meu óculos de sol e fui caminhar.

— Ei? Espere! Riddle? — Não voltei, e também não respondi. Aquela seria sua primeira lição: falar somente quando eu quisesse.

Cheguei à beira-mar, tirei minha camiseta - colocando o celular enrolado nela - e dei um bom mergulho. O mar estava limpo, a água fria e o sol quente. Maravilho-so! O dia começou perfeito, faltava apenas uma boa companhia. Talvez fosse para Flórida... Com quinze dias de férias, era possível fazer uma visita a alguns amigos em Tampa. Depois do mergulho, fui correr um pouco.

Voltei para o hotel por volta do meio-dia. Iria tomar um banho e almoçar. As-sim que entrei, passei pela mesa onde meu notebook estava ligado e verifiquei as mensagens no *Facebook*. Se aquilo não era uma grande surpresa...

Suzana: Você não foi um cavalheiro me ignorando daquela maneira.

Olhei sua mensagem e fui tomar banho. Não iria responder até que ela viesse com um assunto que realmente me interessasse. Se ela quisesse ajuda, informação, conhecer o estilo de vida BDSM, teria minha completa atenção. Quando saí do ba-nho, meu *inbox* indicava nova mensagem.

Suzana: Não esqueça das boas-vindas.

“Implore, Suzana”, pensei. Talvez assim daria a atenção que ela tanto queria.

Coloquei uma roupa e fui para o restaurante que Paulo me indicou.

O lugar estava lotado, mas o ambiente era agradável. A maîtresse me levou até o bar enquanto esperava uma mesa ser desocupada. Pedi ao garçom uma dose de uís-

que e esperei a mesa enquanto bebia. Poucos minutos depois, ouvi uma risada suave. O som era encantador, muito feminino. Olhei em volta para ver se achava a mulher que sorria tão suavemente.

Surpresa... Surpresa... A bela felina com a submissa do Paulo, juntas. Ora, se aquilo não era muita coincidência! Peguei meu copo e fui para a mesa que as duas estavam. Assim que me aproximei, Patrícia baixou os olhos e me cumprimentou.

— Olá, Senhor Jhonatan. — A felina olhou para mim, sem acreditar que eu poderia estar realmente ali.

— Olá, menina, como está?

— Estou bem, e o Senhor?

— Bem, também.

— De onde você o conhece Patrícia? — perguntou a felina. Patrícia não sabia o que dizer. Olhou para mim, pedindo permissão para falar. Acenei, dando a permissão. Ela não precisava pedir isso para falar sobre ela, mas, como se tratava da minha pessoa, precisava dessa permissão.

— Ele é amigo e chefe do Dono.

— Que Dono?

— Será que posso me sentar e fazer companhia às duas?

— Claro, Senhor. — Sem dúvidas nenhuma, a submissa do Paulo tinha bons modos. Ela não tinha obrigação nenhuma para comigo, não era necessário pedir ajuda ou permissão minha. Não era o seu Dono, mas o respeito era bom e cabia em qualquer lugar.

— Obrigada, meninas.

— Não consigo ver nenhuma menina aqui. — A Patrícia se engasgou com o suco que tomava. Sabia o motivo daquilo; provavelmente, nunca tinha visto alguém tratar um Dominador daquela maneira. — Você está bem, Patrícia?

— Estou bem, sim. Mas, por favor, Suzana, vá com calma.

— Está tudo bem, Patrícia. Digamos que sua amiga baunilha não sabe se portar muito bem.

— Ela é minha chefe, Senhor.

— Que interessante...

— Baunilha? — perguntou, sem entender o termo. — Sabe... Talvez fosse mais educado se vocês dois me envolvessem na conversa.

— Desculpe-me, Suzana.

— [REDACTED] Tudo bem. Agora... Pode me dizer o que é baunilha?

— Claro. São pessoas que gostam de sexo tradicional.

— Não sou baunilha. — Agora sim a conversa ficava interessante.

— Não?

— Não. — Ah, mas não ia me satisfazer apenas com essa resposta.

— Que tipo de sexo você gosta? — Meu pau reagiu olhando aqueles olhos ver-des penetrantes e envolventes.

— Nenhum. Não gosto de sexo. — Isso explicava a sua frieza. Não é que não gostava de sexo, ela não havia sido despertada. Por isso ela mantinha todo mundo longe. Sua arrogância era um muro que ela interpunha entre ela e as pessoas que tentavam se aproximar.

— Não sei o que dizer — disse Patrícia. Coitada, sua chefe deveria ser um pé no saco.

— Não tem o que dizer. Estou acostumada. Aprendi a lidar com isso. — Como baunilha, poderia fazer um convite e mostrar o prazer que ela tanto ansiava. Porém, como Dominador, eu iria com calma. Queria conhecer todas as suas façanhas e, depois de conhecê-la bem, poderia levá-la para conhecer o Castelo.

— Aqui está. — Tirei meu cartão e dei a ela. — Se precisar conversar sobre o que você descobriu ontem, estarei à sua disposição para esclarecer qualquer dúvida que tenha. — Ela pegou o cartão e leu.

— Não vou fazer sexo com você — disse, corando. Ela era muito frustrante!

— Não estou lhe convidando. — Ela levantou a sobrancelha, como se estivesse duvidando do que tinha falado. — Não se preocupe, não faço sexo baunilha. —

Levantei da cadeira e fui atrás dela, falando em seu ouvido: — Eu não peço nada. —

Endireitei-me e me despedi das duas. — Boa tarde, meninas. Até mais, Patrícia.

— Até mais, Senhor. — Deixei as duas sozinhas e voltei para o bar, a fim de esperar por minha mesa e poder almoçar.

Capítulo 05



SUZANA

Não entendia por que perdia totalmente o meu controle quando estava perto de-le. Ele me deixava desconcertada.

— Você vai me dizer o que é esse Castelo?

— Podemos conversar, sem problemas.

— O que é “Dono”?

— Vou explicar para você quando for falar sobre o Castelo. Mas, antes, preciso pedir permissão para o Dono.

— Pedir permissão? — O que ela queria dizer com aquilo? Não fazia ideia...

— Sim, vou falar com o Dono de mim e, depois, se ele autorizar, falo com vo-cê. — Estava ficando cada vez mais confusa. Primeiro foi a insistência do Lord Fire, depois o site do Dom Riddle e, agora, a permissão da Patrícia.

— Tudo bem.

Minha cabeça dava voltas. O sonho, o encontro e o almoço... O meu dia inteiro foi voltado naqueles olhos azuis. Aquele homem infernizou meu dia de todas as maneiras possíveis e inimagináveis.

No fim do expediente, Patrícia me informou sobre seu pedido de demissão...

—  Por que isso? Você não está satisfeita? Seu salário não está à altura?

— Não é isso, Suzana, os meus motivos são pessoais. Fico duas semanas, para você encontrar uma secretária que ocupe meu lugar.

— Não vai ser possível, é pouco tempo para arrumar alguém ao seu nível.

— Tenho alguém para indicar, será tão boa quanto eu.

— Quem?

— A Cleo. Ela é boa e eficiente. Sabe tudo o que acontece dentro da empresa, ela pode te ajudar sem problemas.

— Você realmente tem que sair? — Foi a melhor secretária que já tive. Patrícia era absolutamente educada e dedicada.

— Sim, eu tenho que sair.

— Não vai me contar o motivo? — perguntei, com o coração na mão. Traba-lhá-vamos juntas desde que eu estava no Rio.

— Vou. Senhor Dono de mim permitiu que falasse com você. — Se aquilo não era interessante...

— Quando?

— Quer jantar lá em casa hoje? Ele permitiu que você fosse lá, mas não me permitiu sair. — Permissão, permissão... Ela falou uma frase usando essa palavra duas vezes. Não ia falar nada, deixaríamos essa conversa para o jantar.

— Combinado. Saímos juntas?

— Tudo bem.

— Mais uma meia-hora e vamos embora.

— Certo. Vou voltar para a minha mesa.

Voltei a trabalhar na planilha que estava terminando para mandar para o departamento de cobrança. Minha cabeça não estava no trabalho, tudo girava em torno de palavras. Dor, servidão,

permissão, baunilha, Dom, Lord, Dono, Senhor, submissa, sadismo, masoquismo, BDSM... E mais tantas que não conseguia sequer falar. Aquele maldito sonho também... Eu tinha certeza que os olhos do meu sonho eram os do Riddle.

Cansei de ficar sentada e fingir que estava fazendo algo que na verdade não saiu do lugar. Salvei a planilha e desliguei meu computador. Peguei minhas coisas e saí do escritório.

— Podemos ir, Patrícia?

— Claro. — Ela pegou suas coisas e descemos para a garagem.

— Onde está o seu carro?

— Deixei na concessionária para fazer revisão. — Acenei e destravei as portas

do meu.

— Para onde?

— Leblon. — Interessante. Aquele bairro fica em uma das áreas mais caras do

Rio.

— Precisamos passar no mercado ou quer comprar comida pronta?

— Comida pronta... Assim, ficaremos com mais tempo para conversar. Mas eu peço lá de casa, tenho um cardápio de um *chinês* maravilhoso.

— Não quer passar ao invés de pedir?

— Não tenho permissão para sair. — Não disse nada. Guardei mais essa informação para perguntar depois.

— Você não tem que esperar, Su. Pode perguntar o que quiser. Ajuda a quebrar o silêncio desnecessário no carro. — Respirei fundo, aliviada. O silêncio realmente era tenso.

— Que tal você me dizer como se envolveu nisso tudo?

— É um estilo de vida. Apenas o escolhi.

— Não explica nada — respondi, secamente. Se fosse para ouvir evasivas, teria ficado com o site.

— Preciso saber o que você quer ouvir e o quanto você está preparada para ouvir. — Pensei em sua resposta. Realmente queria ouvir tudo o que ela tinha para me dizer? Estava preparada? A resposta era “sim”! Minha curiosidade pelo desconhecido estava me matando.

— Sim. Quero ouvir.

— Prefiro mostrar, então. Vamos esperar chegar ao apartamento do Dono. Ficamos caladas

o restante do caminho. Minha cabeça girava em torno das tan-

tas perguntas que eu tinha e das várias que iam surgindo. Meus pelos se arrepiavam todas as vezes que voltava a pensar no sonho extremamente louco que tive. As imagens eram vívidas.

Pouco depois, chegamos ao condomínio onde ela morava.

— Vou abrir o portão da garagem para você por o carro lá dentro. Vai ser mais seguro quando você for embora.

— Obrigada. — Esperei-a pegar o controle e abrir o portão.

A viagem de elevador para o apartamento foi silenciosa.

Assim que entrei no apartamento, parei, chocada.

Tinha fotos em todas as paredes. As fotos eram em preto-e-branco. A modelo vestia apenas lingerie. Foram tiradas em várias posições: ajoelhada, agachada, de quatro e em pé. Mas não foram as fotos em si que me deixaram perplexas, e sim a modelo. Era ela, era a Patrícia... Em todas elas.

— Você gosta?

— Por que tem fotos suas assim?

— Dono gostava, então, fazia para satisfazê-lo.

— Gostava? — Ela não respondeu, mas tocou em seu pescoço, como se tivesse procurando por algo. Olhei para ela e para as fotos e percebi que em todas elas ela usava um colar - o mesmo em todas as fotos. — Belo colar, por que deixou de usá-lo?

— Não é um colar, é uma coleira. — “Uma coleira...”, pensei.

— Coleira? Como de cachorro? — perguntei, tentando dar sentido para aquilo.

— Acabou de dizer que era linda. — Ela tirou o blazer e me mostrou um lindo colar. — Olhe, Suzana, eu ainda uso. Porém, essa é a social.

— O que significa?

— Um símbolo da nossa relação, da minha entrega, da minha obediência, do meu prazer em servi-lo, da minha lealdade a ele... Existem muitos significados.

— Ele a trata como um animal? Porque é exatamente isso que me parece. —

Não sabia o que pensar. Estava chocada!

— Vai depender de como você vai enxergar a situação. A definição de “ani-mal” para você é diferente da nossa definição.

— Não entendo...

— Venha, eu vou lhe mostrar. — Ela foi para o corredor e eu fiquei. Não sabia se acompanhava ou se ia embora, deixando para trás toda aquela loucura. — Pode vir, Suzana, estamos sozinhas aqui.

Mesmo com minha mente mandando correr, os pés ganharam vida própria e a seguiram. Ela abriu a porta de um dos quartos, e o ambiente era extremamente escuro.

— Vou ligar as luzes para você ver o que tem aqui dentro. — Ela fez. Quando meus olhos se adaptaram na claridade, vi mais do que queria.

— Mas o que é isso tudo?

— Esse é o calabouço do Dono. É aqui que ele faz suas sessões comigo.

— Tenho até medo de te perguntar o que é “sessão”. — Minhas pernas tremiam e meu coração batia violentamente. Tudo era vermelho e preto. Nas paredes havia acessórios que não conseguia nem imaginar para que serviam.

— Vou explicar para você, por parte. — Ela foi até o outro lado do quarto e pa-rou de frente a um “X”. — Essa é a cruz de Santo André — disse, passando a mão por toda a extensão da madeira. — Você quer que eu diga para que serve? — Não respondi, não tinha voz. Apenas acenei. — Ela é usada para manter a submissa presa e completamente exposta, para o seu Dono usá-la da maneira que quiser. Ficamos com mãos, pés e cintura presos. Vai da vontade do Dono.

— Hm... — Não tinha nada para dizer.

— Aquele é o cavalete. Ficamos montadas ali. Geralmente, Dono usa para me castigar.

— Castigar? — Uma hora a tratava como um cachorro, depois, como uma cri-ança. Não sabia mais o que pensar sobre o assunto. Acreditava que tudo era erótico, apenas para sexo.

— Sim. Quando sou indisciplinada, desobedeço a uma ordem do Dono ou ape-nas porque ele tem vontade. — O que diria? Pela primeira vez, não sabia o que di-zer. — Aquela é a guilhotina. Pulsos e cabeça ficam presos na parte de cima e, na de baixo, os tornozelos. — Pensei na posição que eu ficaria ali presa. Fiquei molhada quando tentei me imaginar ali. — Aquela é a mesa ginecológica. — De maneira nenhuma perguntaria para que ele usava aquilo. — E esse é o banco de spanking.

Ele usa...

— Sei o que é um *spanking*, não precisa me dizer.

— Sabe ou pensa que sabe?

— Bater em uma mulher é mais velho que o mundo, Patrícia.

— Você está vendo isso como uma baunilha. — Mostrou todo o quarto com as mãos. — Para entender, precisa ver tudo isso como eu vejo.

— Violência é violência.

— Discordo de você. A diferença entre SM e violência é o consenso. Dono faz porque dei a

ele o direito de fazê-lo. Permiti que fizesse. Servi-lo é o meu prazer, submeter é a minha necessidade.

— Você fala tudo isso com muita naturalidade...

— Para mim, é normal. Só por que usamos artefatos para um ato sexual, ou pa-ra o sexo, não quer dizer que somos anormais.

—  Podemos pedir a comida? — Não queria mais ficar vendo aquelas coisas.

Era muita informação para um só dia.

— Claro, vamos até a cozinha e eu te mostro o cardápio do *chinês*.

Fizemos o pedido da comida e ficamos sentadas na sala enquanto esperávamos a entrega. Minha cabeça rodava com tanta informação, meu corpo zumbia por completo. Reações que nunca imaginei ter estavam acontecendo. Embora sentisse medo e insegurança, minha curiosidade só aumentava.

— Você vai sair do trabalho por que ele quer? — perguntei, assim que nos acomodamos no sofá da sala.

— Suzana, para explicar o porquê disso, tenho que te dizer o que é uma relação 24/7.

— Por favor.

— Bom... No BDSM, as relações são variadas. Não existe uma regra, cada casal negocia de uma maneira diferente. O meu perfil é de uma slave, sou uma submissa escrava. Minha relação com o Dono é de 24 horas por dia, 7 dias por semana. Eu o sirvo o tempo todo, todos os dias, a qualquer momento que ele queira. — Pensei na relação que ela descrevia. Podia servir a um homem assim? — Quando fizemos nossa negociação, ficou acordado que, depois que ele colocasse minha coleira, viveria com ele e para ele.

— Isso é um absurdo!

— Deixe-me terminar. Por favor! — Calei-me para que ela continuasse. —

Meu perfil como submissa é esse. Quero que você entenda que fiz de espontânea vontade, em nenhum momento somos obrigadas a aceitar esse tipo de relação. Aceitei servi-lo, obedecê-lo e me submeter a ele. Entreguei-me de corpo e alma, coloquei minha vida em suas mãos. A minha entrega é genuína... Faço porque gosto, porque necessito, porque meu corpo e minha mente pedem por isso. Eu o amo, Suzana, e essa é a minha forma de mostrar o que eu sinto por ele.

— Nunca ouvi falar de algo assim.

— A relação não é só isso, Su. Tem que haver uma verdadeira entrega, uma lealdade e cumplicidade. Tenho que confiar nele e ele em mim, para sempre dizer a ele a verdade. Mentir,

enganar e trair podem causar uma lesão grave ou até a morte de uma submissa. Para ele estar no controle, tem que saber o que estou sentindo. Dono é absolutamente responsável e íntegro. Ele é atencioso e carinhoso comigo, Suzana. Se preocupa com o meu bem-estar, com a minha alimentação e com a mi-

nha saúde. Atende a todas as minhas necessidades. Ele é atento a tudo quando se trata de mim. — Ela me olhava com os olhos brilhando. Deus! Além de amar aquele homem, ela confiava nele cegamente.

— Não consigo entender essa relação. Simplesmente não consigo...

— Sei como você se sente. Apesar de nunca negar o meu lado submisso, con-vivi e tive relação baunilha. Não é a mesma coisa, Suzana. É muito além, é mais profundo. Não é se ligar a uma pessoa só porque a ama e se dão bem. É estar com a pessoa e saber que ela vai cuidar e respeitar você. É saber que você pode confiar sabendo que ele vai protegê-la. É entregar, servir e amar sem esperar nada em troca.

É sermos verdadeiros pelo o que sentimos, pelo o que necessitamos, pelo o que somos.

— Onde você se encaixa nisso tudo?

— O que quer dizer?

— Tudo é ele, Patrícia, nunca é você! É sempre para ele e por ele.

— O meu prazer é servi-lo. Eu não preciso gozar para sentir prazer, Suzana. Atender ao Dono é erótico, ver o quanto o deixei satisfeito é prazeroso. Estar ao lado dele é minha recompensa.

— Nossa... Não consigo entender como você consegue abrir mão de você mesma para uma pessoa.

— Você sabe, só não quer aceitar.

— Não entendi. O que quer dizer com isso?

— É como colocar você atendendo balcão, como vendedora. — Ri alto da sua comparação, não conseguia me ver sendo vendedora. Era péssima naquilo. — Sou uma submissa, seria impossível ser feliz em uma relação baunilha. Preciso que mi-nhas necessidades sejam atendidas, preciso e tenho que ser comandada, guiada, direcionada.

— Necessidades de quê?

- Além dessas que eu te falei, também tem a parte sexual.
- Você acabou de dizer que não precisava gozar para sentir prazer.
- Eu disse “sexual”, não “sexo”.
- Oh!

— Vou explicar. O sexo é o ato a conformação física. A sexualidade envolve fantasias e desejos. Está relacionada ao toque, à visão, ao olfato, aos sentidos, em um todo.

—  Então... Não tem sexo? — Ela riu alto.

— Claro que sim! Quando Dono quer, quando ele achar que eu mereço, quando ele achar que é conveniente.

— O que você deseja não importa?

— O meu dever é a servidão. Eu sou uma escrava, e meu desejo é servi-lo.

— Jesus! Patrícia, você se ouve quando diz isso? Você abriu mão de sua vida de ser-humano para ser uma cativa, um animal. Você não pensa, não sente, não age, não fala e não faz nada, a menos que ele permita. Isso não é vida.

— Você entendeu perfeitamente, apesar de discordar de você quando diz que não é vida. É a minha escolha, procurei por algo que me desse prazer. Você é uma baunilha, Su, jamais vai conseguir entender isso a menos que abra sua mente para esse estilo de vida. Eu sou uma cativa e um animal de estimação para o Dono de mim. Você não tem fantasias? — Remexi-me no meu lugar. Nunca tive fantasias...

Até ontem.

— Não...

— Eu gosto de ser tratada como cachorrinha. De coelhinha, ser chamada de ga-tinha. Usar minha coleira com guia... Entende? É a minha fantasia, ela só é mais excêntrica que a sua.

— Como ele te trata? — Gostei dessa parte, era uma fantasia interessante.

— Como sua cadelinha.

— Oh. Meu. Deus. — Não sabia mais o que pensar. Como ela mesma disse, não queria aceitar, mas estava fascinada e queria mais respostas.

O interfone tocou e ela foi atender. Provavelmente era a comida.

— A comida chegou, Suzana.

— Maravilha! Estou faminta.

— Você paga — ela disse, como muita naturalidade. Sempre dividíamos a con-ta, qual era a dela, agora? — Lembre-se: eu apenas sirvo. — Sorriu e piscou para mim.

- Não sou seu Dono.
- Não é, mas vai pagar por estar livrando você de uma vida de miséria.
- Cadela!
- Oh, sim! Diga-me algo que eu ainda não saiba. — Ela foi para a cozinha, e eu a segui.
- E o Castelo, Patrícia? O que é?

- Um castelo, mesmo.
- Não diga... — falei, com sarcasmo explícito na minha voz.
- Você não me deixou terminar.
- Ok. — Fiz gestos, como se tivesse passando a chave na boca.

— É um Castelo de verdade, não só por nome. Jhonatan o construiu exatamente como os que existem na Irlanda. Tudo foi trazido de lá, ou quase tudo. A maior...

- Minha nossa!
- Sabe, Suzana... Se fosse eu no seu lugar, já estaria com a bunda vermelha.

Dono de mim teria me disciplinado

— Por quê? O que foi que eu fiz? — Não entendi seu comentário, mas fez com que pressionasse meu bumbum.

- Você não me deixa terminar de falar.
- Você não quer mesmo que eu ouça essas coisas sem dizer nada não é?

— Certo. Então... A maior parte do Castelo é para lazer. Ele também é um hotel para os associados passarem as férias ou fins de semana. Tem masmorras, calabouço, pista de dança, uma infinidade de lojas para equipamentos e aparelhos... É praticamente uma vila BDSM.

- Uau! Nunca ouvi falar de nada parecido.
- Com certeza, não. Jhonatan mantém tudo muito discreto. Uma das regras do

Castelo para a preservação da intimidade dos usuários é evitar a divulgação aos baunilhas. É claro que deve haver alguém que saiba, porém, a segurança é extremamente rigorosa.

- O que acontece lá dentro?

— Viu os aparelhos que eu te mostrei? Lá tem infinidades daqueles, e muitos outros. O castelo é muito bem equipado e impecável. Vários associados fazem sessões lá, levam seus submissos ou escravos para a prática... Além das pessoas com o estilo de vida BDSM, apenas fetichistas entram.

— Nenhum baunilha?

— Nenhum. A menos que seja convidado de um associado. — O lugar deveria ser um luxo. Fiquei desapontada por saber que não poderia visitá-lo por contra pró-pria. — No entanto, até para ele entrar é necessário um convite com código de barra impresso pelo clube. — Completamente impossível.

A conversa fluiu; ouvi pacientemente tudo o que ela me dizia e as práticas que eram feitas. Meu corpo dançava com cada palavra que ela dizia. Mais uma vez,

Minha minha vagina voltava a latejar com as cenas que me descrevia. Quanto mais ouvia, mais queria ouvir.

Capítulo 06



JHONATAN

Havia acabado de me arrumar para encontrar Leila. Ela era uma excelente sub-missa. Houve uma época em que tentei ter uma relação, mas ela não estava à procura de um Dom. Naquela mesma época conheci a Fernanda e acabamos ficando juntos por um ano.

Meu carro estava à minha espera, na porta. Entrei nele e segui para o Leblon. Passava um pouco das dez da noite. O trânsito fluía bem, chegaria em cerca de quinze minutos. Peguei meu celular e digitei uma mensagem para ela indicando o tempo que chegaria. Quando cheguei ao Leblon, o GPS me deu as indicações para onde teria que ir. Conhecia muito pouco o lugar. Visitei o Paulo em seu apartamento e nada mais. O GPS me indicava aquela rua. Segui adiante quando um carro em alta velocidade passou por mim. Mais adiante, um carro saía da garagem do prédio onde Paulo tinha um apartamento. Diminuí a velocidade, já sabendo o que ia acontecer. Foi inevitável. O impacto foi tão grande que o carro que saía da garagem capotou. Peguei meu

celular e saí do carro. Percorri a distância já ligando para a emergência.

Cheguei ao local, olhando para o carro capotado. Era uma mulher que estava no volante. No meu celular, ouvi a voz da moça da emergência. Dei a ela o local e con-

— Olhei como aconteceu o acidente. Assim que terminei a ligação, fui para o lado do motorista. Mal conseguia olhar... O retrovisor estava todo quebrado e o lado dela estava virado para o chão.

Levantei e fui até o outro carro. Um homem jovem estava atrás do volante. Parecia pouco machucado... Com certeza, o *air bag* levou a melhor.

— Você está bem?

— Hmm...

— Perguntei se você está bem.

— Huhu...

Provavelmente estava bêbado. Havia latas de cerveja dentro do carro.

— Suzana! — O grito foi apavorante. Olhei para trás e vi Patrícia se debatendo no carro que estava capotado.

Fui até ela, segurando-a para que não se machucasse com os cacos de vidros.

— Patrícia, espere! Pare! — Puxei-a para mim, abraçando-a. — Acalme-se, querida, vai ficar tudo bem.

— Jhonatan?

— Sim, estava passando por aqui e vi o que aconteceu...

— É a Suzana! Minha chefe! — Seu choro ela lastimoso.

— Acalme-se, querida. Vou ligar para o Paulo... — Peguei meu celular e fiz a ligação.

Ele atendeu no terceiro toque.

— Jhonatan, como vai, homem?

— Olha, a chefe da Patrícia sofreu um acidente na porta do prédio onde vocês moram.

— E a Patrícia? Ela estava no carro? Ela está bem?

— Acalme-se, homem. Apesar de estar em choque, ela está bem, não estava no

carro.

— Estou descendo.

— Venha com calma, não precisamos de outro acidente. Estou com ela, vou ficar até você aparecer.

— Aprecio isso. — Passei a mão nas nos braços dela, tentando acalmá-la.

— Vai ficar tudo bem, Patrícia.

Não conhecia a mulher, mas qualquer pessoa acaba se comovendo nessa situação.

— Ela veio conversar comigo. Dono me liberou falar com ela sobre o nosso es-tilo de vida — falava, em meio às lágrimas. — Ela saiu tão perturbada com tudo o que conversamos...

— Ela vai ficar bem. — Esperava não estar mentindo. Ouvi, longe, o barulho das sirenes.

Ambulâncias e policiais tomavam conta do lugar. Falei com vários policiais, dando o meu depoimento. O Corpo de Bombeiros chegou e os primeiros socorros começaram. Um dos paramédicos entrou no carro para ver o estado dela, enquanto outros trabalhavam para tirar o para-brisa.

Quando o vidro foi retirado, conseguimos vê-la. Ela estava de cinto e o *air bag* tinha funcionado. Não havia manchas de sangue em nenhum lugar, mas isso não dizia nada. Ela foi retirada desacordada e Patrícia correu para o lado da maca.

— Suzana! Por favor, minha amiga, fale comigo. — Fui até ela, puxando-a para que a equipe terminasse de fazer o trabalho.

— Venha aqui, Patrícia. — Usei com ela uma voz mais dura. Não queria fazer isso, mas não tinha outra opção; ela estava totalmente descontrolada.

— Senhor, por favor...

— Suba, tranque o apartamento e, assim que você descer, iremos ao hospital. Paulo está descendo para lhe fazer companhia, ele chegará a qualquer momento.

— Obrigada, Senhor, não demoro. — Assim que ela saiu, fui até o paramédico perguntar para onde levariam Suzana e qual era o seu estado. Assim que obtive todas as respostas, fui buscar meu carro para levar Patrícia para o hospital.

Ficamos por duas horas esperando por alguma notícia. As horas eram intermi-náveis. Patrícia não parava de chorar. Não sabia mais o que fazer para acalmá-la quando Paulo chegou.

— Pequena. — Ela ouviu sua voz e correu para os braços dele. A relação deles era linda, de uma cumplicidade e respeito incrível. Ele teve muita sorte na escolha de sua submissa.

— Obrigado, Jhonatan.

— Pode contar comigo sempre. — Os dois começaram a conversar. Levantei-me para buscar um café. Não ficaria ali olhando e ouvindo o que os dois falavam.

Estava preocupado com Suzana. Ela não estava acordada quando saiu do carro. Não tivemos nenhuma notícia, e a espera era angustiante.

— Familiares de Suzana Azevedo. — Olhei para onde o médico se encontrava.

—  Eu sou sua amiga, ela não tem família no Rio. Sou a pessoa mais próxima dela. —

Interessante... De onde será que ela era? Por que ela estava sozinha em outro estado?

— Ela teve uma concussão leve e o pé direito quebrado. — Muita sorte, a bati-da foi violenta.

— Posso vê-la?

— Amanhã. Agora ela está sedada e precisa descansar.

— Obrigada, doutor.

— Vamos lá, pequena, você ouviu o que o médico disse.

— Senhor, vou poder vê-la amanhã?

— Claro que sim, mas agora vamos para casa. — Duvidava que não... Paulo às vezes era incapaz de negar algo a ela.

— Obrigada, Dono de mim.

— Obrigado, Jhontan. Desculpe todo esse transtorno nas suas férias.

— Está tudo bem, amigo. Conheci a Suzana.

— Sim, minha paty me disse. Você vai para o hotel?

— Vou. Eu tinha uma sessão, mas não vejo como ir... Além de estar tarde, perdi o ânimo. — Esqueci completamente de ligar para a Leila. Devia uma desculpa por tê-la feito esperar. Merda!

— Nos vemos amanhã?

— Claro.

— Boa noite.

— *Slan.* — Peguei meu celular e digitei uma mensagem para a Leila, explicando a situação e pedindo desculpas. Falaria com ela no dia seguinte.

Voltei para o hotel completamente chateado e irritado. Com Paulo no Rio, o clube ficava sem gerente, e era bem provável que ele não voltaria tão cedo. Talvez fosse melhor eu voltar e dar a suas férias antecipadamente e depois tirar as minhas. Não adiantava nada ele ficar no Castelo

com a cabeça lá, preocupado com a Patrícia. Cheguei ao hotel e fui para o meu quarto. Tirei minhas roupas e fui dormir. Ao me-nos foi o que pensei... Não consegui.

Suzana não saía da minha cabeça. Aquela mulher era um enigma. Quanto mais pensava, mais frustrado eu ficava. “Por que veio para uma cidade, longe da família, em um lugar onde não conhecia ninguém e tinha sua secretaria como pessoa mais próxima?”, pensei.

“O que será dela quando Patrícia for embora para Teresópolis?”. Perguntas e mais perguntas... Mesmo que ela tivesse vindo apenas a trabalho, teria que ter ami-gos? Ou um namorado? Ah! Mas ela não gostava de sexo... Eu poderia dar uma relação sem sexo para ela. Sorri ao pensar na proposta. Gostaria de ouvir meu chico-te cantar naquela bela pele. Fazê-la gozar mais vezes do que ela poderia contar, ouvi-la suplicar por mim, por mais!

Acordei na manhã seguinte completamente irritado e estressado. Tomei meu banho e coloquei uma roupa. Peguei meu celular para verificar se havia alguma mensagem. Havia apenas uma, do Paulo.

Paulo Vasconcelos

Estamos no hospital, Suzana recebe alta a qualquer momento.

Mensagem enviada às 09:45

Olhei as horas no relógio e vi o quanto tinha dormido. Passava das 11h00min da manhã. Merda! Liguei para o seu número, para saber onde estavam.

— Ei, dorminhoco.

— Não sei o que aconteceu, simplesmente apaguei.

— Sem problemas, são suas férias.

— Onde estão?

— Aqui em casa. Minha paty não queria deixar Suzana sozinha. — Um plano se formava. Talvez fosse uma boa ideia, ou não...

— Isso não vai dar certo.

— Do que você está falando?

— Estou indo aí.

— Até mais.

Peguei minhas chaves e segui para o seu apartamento. O carro da Suzana havia sido retirado e não tinha sinais no local em que o acidente havia acontecido. Entrei na portaria e subi. O porteiro já tinha sido avisado por ele. Quando cheguei em sua porta, bati a campainha.

— Olá, Senhor. Bom dia.

— Olá, Patrícia. Como você está? — perguntei, entrando no apartamento. O lugar tinha fotos dela espalhadas em todos os cantos.

— Bem. Obrigada por perguntar, Senhor.

- [REDACTED] Onde está o Paulo?
- Dono está no escritório. O Senhor aceita um café, ou um suco?
- Obrigado, menina. Não tive tempo de tomar café.
- Irei servi-lo com o Dono, no seu escritório.

Adentrei ao local para falar com o Paulo, mas meus olhos procuravam por ela. Queria saber se estava bem e como ela ficaria depois que Patrícia se fosse. Bati na porta do escritório e entrei.

- Bom dia.
- Ei, Jhonatan, entre. — Entrei e me sentei em uma cadeira frente à sua mesa.
- Como ela está?
- Com a perna engessada até o joelho e um galo enorme na cabeça.
- Você a conhece? Sabe algo sobre família, amigos, namorado?
- Por que o seu interesse, Riddle? — A batida na porta me impediu de falar.
- Entre.
- Com licença, Dono de mim. Trouxe café, suco e algumas torradas.
- Sirva-nos. — Ela nos serviu e aguardou por mais instruções.
- Pode ir, pequena.
- Com licença, Senhores.
- Espere! — pedi, antes que ela saísse. — Paulo, me deixe falar com ela?
- Claro.
- Patrícia... Quero saber da família da Suzana, e por que ela está aqui sozinha.
- Permissão para me expressar, Senhor de mim — pediu a Paulo.
- Fale.

— Com todo o respeito, Senhor, ela não tem nosso estilo de vida e não acho adequado falar sobre a vida dela para uma pessoa que mal a conhece. — Não tirava a razão dela, mas eu queria as respostas assim mesmo.

— Quero ajudá-la, Patrícia, mas preciso saber com quem estou lidando. — Ela ainda estava reticente.

— Responda, pequena, está tudo bem.

— Tudo bem, Senhor. Ela veio do Rio Grande do Sul, é divorciada e vive sozinha.

— Ela veio a trabalho?

— Sim, Senhor.

— O emprego dela é fixo ou ela está como *freelancer*?

— Não, Senhor, o cargo dela é fixo e de alto nível.

— Sabe por que ela se divorciou? — Minha curiosidade levou a melhor nessa. Ela não respondeu e ficou incomodada com minha pergunta. — Tudo bem, não precisa responder. Obrigado, menina.

— Com licença, Senhor de mim. — Fugiu, como se o diabo estivesse atrás. Sa-bia que tinha sido injusto, no entanto, precisava daquelas repostas.

— Então?

— Tenho algumas ideias.

— Estou ouvindo

— Você pega as férias agora e eu vou depois.

— Não entendi.

— Vou levá-la comigo para o Castelo. — O plano era bom, só restava saber se daria certo.

— Não estou conseguindo acompanhar.

— Se lembra da mulher que o Willian falou? Aquela baunilha que tinha entrado no grupo do Castelo?

— Era a Suzana?

— Sim.

— Isso explica por que minha paty veio pedir permissão para falar com ela so-bre o assunto.

— Sim, eu dei a ela o site do Castelo e ela fez o cadastro.

— O que pretende com tudo isso, Jhonatan?

— Adestrá-la. — Ele riu alto. O filho da puta riu tanto que chegou chorar.

— Desculpe-me — disse, ao enxugar as lágrimas. — Conheço a Suzana e não vejo um fio de cabelo submisso nela.

— Veremos. Quero poder contar com sua ajuda.

— Ajuda em quê? Quer que eu a treine com você? — perguntou ele, incrédulo.

— Posso fazer isso sozinho — respondi, secamente.

— Você realmente quer treiná-la?

— Sim. Meus motivos são pessoais, não vou falar sobre eles com você. — Ca-da Dominador pensava e agia de forma diferente. No BDSM não existem regras, o que existe são conceitos e o bom-senso - além do SSC. Eu gostava de um desafio...

Escrava treinada demais para mim era monótono. Nada como um bom desafio, e Suzana respondia a todos os requisitos.

— Entendo... Então, me diga: do que você precisa?

— Cobertura.

— Pode ser um pouco mais específico?

— Ela não vai poder trabalhar agora, então, enquanto estiver de licença médica, vou levá-la para o Castelo.

— E onde eu entro nisso?

— Você fica, para fazer a mudança e para a sua pequena encontrar alguém para ficar no lugar dela.

— Pode ser que não dê certo.

— Por que não?

— Porque as duas já sabem quem vai ficar no lugar da Patrícia.

— Ela com certeza vai precisar ensinar a outra secretária. — Ele ia me inter-romper, mas levantei as mãos para que ele esperasse minha conclusão. — Caso isso não dê certo, podemos usar a relação de vocês como desculpa.

— Não gosto disso.

— Paulo, vai me dizer que você vai ficar aqui quinze dias sem fazer nenhuma sessão com a Patrícia? Sem contar que a Patrícia é uma escrava 24/7. Suzana vai realmente ficar aqui vendo você dois sem interferir, ou pior, chamar a polícia? Você a conhece melhor que eu, aquela mulher não tem trava na língua.

— Vou dar toda cobertura que você precisar.

— Imaginei que sim.

— Não vai ser fácil, ela é absolutamente controlada. Nunca vi nenhuma nuance de submissão na Suzana.

— Veremos. — Estava disposto a apostar nisso.

Capítulo 07



SUZANA

Meu corpo estava todo dolorido. Minha cabeça parecia que ia explodir. Não vi o carro vindo... Era extremamente cuidadosa no trânsito. Foi tudo tão rápido, e, depois, nada... Não ficaria lá, não queria atrapalhar a Patrícia e o Paulo. Não tinha maneira de ficar todos aqueles dias assistindo aos dois. Minha cabeça estava um turbilhão de emoções. Tudo que ouvi da Patrícia ontem, por mais que não quisesse aceitar, de alguma maneira me atraía. Embora estivesse com tanta dor, meu corpo reagiu à voz que chegou até a mim. Era ele: Riddle. Não o conhecia bem, no entan-to, vi-o mais vezes do que mera coincidência poderia justificar. Sua voz, seus olhos, o rosto frio... Não havia dúvidas de que aquele homem faria um estrago na minha monótona vida. Na verdade, ele já estava fazendo. O sonho, a reação do meu corpo ao ouvir sua voz... E agora...

— Oh! — Ele estava na porta do quarto, com um rosto frio e inexpressivo.

— Posso entrar? — “Agora ele pergunta?”, pensei.

— Achei que você era do tipo que pedia.

— Melhor assim — disse, entrando no quarto e puxando o puff para perto da cama para se sentar. — Você vai me escutar e, depois que eu terminar de falar, pode

— dizer o que quer fazer. — Ele esperou que eu dissesse algo. Com certeza, estava me testando. Não caí nessa. Continuei calada, apesar de não ter ideia do por que fiz. — Boa menina. — O elogio me deixou envergonha. Podia sentir minhas bochechas esquentarem. — Você vai comigo para o Castelo. — Meu primeiro impulso foi de pular da cama e dizer para ele: de maneira nenhuma! No entanto, eu queria conhecer o lugar, e isso aconteceria apenas de uma maneira: através dele. — O médico lhe deu atestado de alguns dias. Você está com a perna quebrada, então, poderá ficar lá até melhorar. — Ele falava pausadamente, como se esperasse uma explosão da minha parte. A verdade era que eu não tinha a menor vontade de ir contra o que estava sentindo... Era tudo muito novo, assustava-me, mas era bem-vindo receber emoções tão contraditórias na minha vidinha tão monótona. — Agora, você pode falar.

— Sim. — Estava calma e resoluta. Além de querer conhecer o Castelo, queria conhecer o estilo de vida, ver as sessões acontecerem, estar perto de pessoas que viviam o BDSM... Ele ergueu a sobrancelha e esperou. Primeiro: ele não esperava a minha reação. Segundo: fiz exatamente como ele mandou, o que naquele caso era inédito. Terceiro e não menos importante: senti-me bem ao fazê-lo.

— Você está bem? — perguntou, incrédulo.

— O que acha?

— Você parece diferente. — Tentei não rir do seu desconforto.

— Sofri um acidente ontem. Quebrei meu pé, estou com um colar cervical e com dores por todo o corpo... Como poderia não estar diferente?

— Bem, ela está de volta — disse, com sarcasmo. — Vamos subir para Teresópolis depois do almoço.

— Vou precisar pegar algumas coisas na minha casa.

— Vou providenciar tudo o que seja necessário, não se preocupe com nada.

— Por que está fazendo isso? — Não entendia o motivo. Mesmo assim, queria conhecer. Estava fascinada e confusa ao mesmo tempo.

— Porque eu posso.

— Certo. — Ele parou, avaliando-me. Nunca pensei que um homem como aquele poderia ser surpreendido.

— Você tem certeza de que está realmente bem? — Sua voz demonstrava con-

fusão.

— Claro. — Sorri... E senti dor ao fazê-lo. — Ui!

— Está com dor?

— Preocupado?

— Claro que sim, sua saúde é importante.

— Interessante... Achei que você era o homem que gostava de provocar dor.

— A dor erótica é diferente da dor que está sentindo. Aquela é para o prazer, essa é resultado de uma colisão brutal. São sensações diferentes.

— Certo. — Pagaria para ver. Iria com um completo estranho para um lugar desconhecido para saber sobre um estilo de vida diferente...

— Responda.

— Sim, estou com dor.

— Onde estão seus remédios?

— Já os tomei. Não fez efeito, ainda.

— Bom, já que você aceitou ir comigo, há algumas coisas das quais precisamos conversar. — Não respondi. Esperei que ele terminasse. — Quero que saiba que tudo o que acontecer lá será somente com seu consentimento. Minha parte será ins-truí-la, mostrar a você o estilo de vida.

— Entendo...

— O que a Patrícia falou sobre o BDSM para você?

— Praticamente tudo.

— Defina “tudo”.

— Ela me mostrou o calabouço, falou sobre os aparelhos, as práticas, a relação, o SSC, a SAFEWORD... Como disse, basicamente tudo.

— O que você sentiu?

— Sobre o quê? — Não queria falar sobre isso, era muito íntimo.

— Como seu corpo reagiu ao saber de tudo, tão detalhadamente?

- Não vou falar sobre isso com você, é muito íntimo.
- Você vai! Quero saber exatamente o que você sente em relação ao BDSM.

Você vai precisar confiar em mim para que eu possa guiá-la. Se tiver algum interesse seu sobre o assunto, vou te ajudar, mas, se for apenas curiosidade sobre o assunto, então... Estou perdendo meu tempo.

Não respondi. Como diria a ele que fiquei excitada em sonhar sendo amarrada e espancada? Pior: que era ele o Dominador do sonho? Nem pensar!

— Até mais, Suzana, cuide-se — despediu-se e levantou do puff, indo para a porta. Um desespero enorme me afligiu. Nunca falei sobre sexo com ninguém, e a primeira e única tentativa foi catastrófica. Ele estava saindo do quarto e pronto para

fechar a porta quando minha vontade de me descobrir como mulher venceu o meu medo.

— Pela primeira vez, me excitei ao pensar em algo erótico — falei, com calma e naturalidade. Era como se estivesse falando comigo mesma, no entanto, a vergonha e o medo estavam presentes. — Nunca tive um orgasmo, nunca me excitei. Senti coisas diferentes somente ao ler sobre sadomasoquismo. Não faço ideia do que meu corpo quer ou deseja, nunca falei sobre sexo com ninguém, a primeira vez que tentei foi catastrófica. — Fechei meus olhos, evitando olhar para ele e ver sua pena. Não queria que ele sentisse pena de mim.

— Procurou ajuda?

— Sim, mas não deu resultado. Desde então, acreditei que era frígida. Meu casamento acabou por isso.

— Você nunca gozou se tocando?

— Nunca senti o desejo de me tocar. — Respondia sem olhar para ele, era muito vergonhoso.

— Quantos anos você tem, Suzana?

— Tenho 27 anos.

— Não sou médico, também não estou dizendo que o BDSM seja a resposta para a sua falta de orgasmo... Quero que saiba que, se seu corpo reagiu de uma maneira diferente sobre o assunto, talvez seja porque você necessita de algo diferente.

— Ser submissa? Viver a relação 24/7 ?

— Não existe uma regra, nem todas as relações são iguais... E também não disse que é uma submissa. Quero apenas mostrar para você o estilo de vida. O que acontecer depois, vamos trabalhar nisso.

— Eu não sei...

— Se você não tentar, nunca saberá. Esqueça do que você sabe sobre relação, esqueça sobre o que você sabe sobre sexo. Venha até o Castelo de mente aberta.

Olhe para mim. — Sua voz veio em tom de comando. Os pelinhos do meu corpo inteiro se arrepiaram. Abri meus olhos e me perdi no oceano que eram os seus. —

Não seja preconceituosa com você mesmo, não permita que a sociedade imponha valores sobre como você deve explorar sua sexualidade. Não se envergonhe, não se reprima, permita-se.

— Estou com medo — disse, mais para mim do que para ele. Não era medo de-le, era medo de que tudo aquilo não desse certo e depois continuasse sozinha.

— O medo é bom, ele encoraja. É um instinto de preservação.

— Ou acovarda.

— Tem razão, mas os covardes em geral estão mortos. — Não sabia o que responder. — Preciso que confie em mim, para mostrar a você tudo e para que todas as suas dúvidas sejam respondidas.

— E depois?

— Depois vamos voltar a conversar e começar as negociações, caso você venha aceitar o estilo de vida.

— Estou de acordo.

— Muito bom. Vamos conversar sobre as regras assim que chegarmos lá. Antes, quero lhe fazer uma pergunta.

— O que quer saber?

— Você pode tirar férias?

— Achei que seriam apenas quinze dias.

— Para conhecer, você vivenciá-lo, vamos precisar de um pouco mais de tem-

po.

— Em quinze dias dou sua resposta.

— Essa será a única exceção que você terá. — Saiu do quarto, como sempre, antes que eu respondesse.

Aquilo era o que eu queria: conhecer o lugar, conhecer o estilo de vida. Tinha plena consciência que não seria um passeio; embora sentisse medo, não iria me acovardar. Passei anos da minha vida cativa de mim mesma, achando que não teria nada para mim lá fora, vivendo sob a sombra e o pesadelo que foi o meu casamento. Nunca achei que o Rodrigo fosse culpado. Ainda não achava, sempre soube que o problema era comigo, mas talvez agora pudesse encontrar as respostas que tanto buscava.

Muito fácil, algo estava errado. Talvez fossem os remédios? Ela concordou em ir com muita naturalidade... A menos que a explicação da Patrícia tenha sido roman-tizada, o que tornaria a situação complicada. Eu não tinha amante. Não queria uma namorada e não estava à procura de uma esposa. Aquilo era sobre dominação e servidão, nada mais. Bati na porta do escritório do Paulo e esperei.

—  Entre. — Abri a porta e entrei. Sua submissa estava ajoelhada ao lado de sua cadeira, com a cabeça em seu colo.

— Atrapalho?

— Não. Então, como foi? — Olhei para a submissa e para ele. — Vá ficar com a Suzana, minha cadelinha.

— Como desejar, Dono de mim. — Ela se levantou, beijou sua mão e se retirou.

— Então? — disse ele, sarcástico.

— Ela aceitou — respondi, vitorioso.

— Pode repetir? — Estava completamente incrédulo. Eu ainda estava...

— Ela aceitou.

— Ela disse “sim” e pronto?

— Exatamente. — Ficamos em silêncio por alguns momentos. Ele não sabia o que pensar, e nem eu. Pensei que ouviria dela todos os tipos de argumentos, ou um absoluto “não”. Por mais que não quisesse admitir, ela havia me surpreendido, o que não era uma coisa fácil de se conseguir.

— Não sei o que pensar. Estou completamente confuso.

— Entendo você perfeitamente.

— Vai levar isso adiante?

— Vou, tenho quinze dias com ela.

— E depois?

— Voltaremos a conversar.

— Boa sorte. — Honestamente, estava começando a duvidar de que precisaria de sorte.

Falamos sobre o hotel, até sermos chamados para almoçar. Antes de ir à sala, mandei uma mensagem para Leila, para que ela fosse até o Castelo para a sessão. Ela enviou uma em seguida,

concordando.

Almoçamos e depois seguimos para Teresópolis. Ela estava silenciosa e completamente tranquila. Não via nenhum nervosismo por parte dela, nenhuma tensão, absolutamente nada. Talvez estivesse cansada de viver de forma baunilha, já que esse estilo de vida não lhe trazia nenhuma satisfação.

- Quer aproveitar a viagem e perguntar alguma coisa?
- No momento, não tenho nada para perguntar. Talvez depois possa haver...
- Você não tem nenhuma curiosidade?

- Você não é brasileiro. De onde é?
- Da Irlanda.
- O que faz no Brasil?
- Vim a trabalho e fiquei.
- Desde quando vive o BDSM?
- Desde sempre.
- Como assim?
- Meus pais tinha uma relação D/s.
- Então há amor...
- Não para mim. Talvez existisse entre eles, mas eu duvido.
- Então o quê?

— Cumplicidade, respeito, lealdade, companheirismo, afeto, confiança, verda-de e consensualidade. Além de obediência, servidão e submissão. Minha mãe era uma escrava 24/7, e meu pai um Mestre.

- Tudo isso não é o que define amor?
- Tudo isso define uma relação D/s.
- Você nunca amou ninguém?
- Sim, meus pais.
- Eles eram casados?
- Eles tiveram a Cerimônia das Rosas.
- É como um casamento?

Ela me fez dez perguntas... E tinha acabado de dizer que não tinha dúvida ne-nhuma. Tive vontade de rir, porém, não o faria, iria acabar com a sua vontade de fazer perguntas.

— É muito mais que um casamento. Os votos feitos são mais profundos que os de um baunilha.

— Você já teve uma Cerimônia?

— Não.

— Por que não?

— Apenas não tive.

— Você quer que eu fale tudo, mas não vai me dizer nada?

— Você fala e eu me reservo no direito de não dizer sobre a minha vida pessoal.

— Por que então eu tenho que falar?

—  Porque, se você me ocultar qualquer coisa, podem vir acontecer problemas que poderiam ter sido evitados.

Ela não podia esconder nada de mim. Qualquer mentira ou meias-palavras poderiam colocar a vida de qualquer submissa em risco.

— Você precisa entender que tudo tem que ser consensual. A verdade é primordial em uma relação como essa. Se a submissa mentir, enganar ou inventar qual-quer coisa que não seja nada além da verdade, pode acarretar em um erro grave, deixando sequelas ou às vezes sendo letal para a submissa.

— É uma loucura deixar sua vida nas mãos de uma pessoa.

— Não é. A confiança é de suma importância. A verdade evita qualquer impre-visto. O Dominador tem que ser responsável, centrado e uma pessoa equilibrada. Ele tem que estar atento a tudo que se passa com a submissa. Tem que ser observador, e tem que haver muita cumplicidade entre os dois.

— Estou com medo.

— Isso é bom, o seu medo vai mantê-la viva.

Seguimos o restante da viagem em silêncio. Queria estar na cabeça dela para saber a enxurrada de perguntas que havia ali. Esperaria por ela, uma hora ela iria se abrir. Aqueles quinze dias seriam apenas para ela se conhecer; depois disso, se ela ficasse, aí sim seria sobre as minhas regras, apesar de que, agora, ela teria que aprender algumas para evitar ter problemas no clube. Esperava, para o bem dela, que ela cumprisse com todas as regras. Teria que assinar o contrato de associação do clube... Nele vem tudo muito bem especificado, do que pode ou não se fazer. A partir do momento em que ela assina, ela está sob as regras e sob os castigos, caso venha a quebrar alguma. Seria sensato da parte dela seguir a fio tudo o que estava escrito ali. Ele não valia legalmente, mas, dentro do Castelo, ele era a lei.

— Minha nossa! — Estávamos chegando ao Castelo. A vista realmente era impressionante.

— Gostou?

— É magnífico!

— Tentamos deixá-lo o mais real possível.

— Ficou impressionante.

A subida era íngreme e a estrada sinuosa. Os arbustos faziam uma espécie de paredão dos dois lados, e as árvores centenárias deixavam a estrada sombria. Dos dois lados havia candelabros artificiais, que eram ligados a energia elétrica.

O Castelo contava com um jardim muito bem cuidado e foi projetado para práticas BDSM ao ar livre. Em meio aos labirintos, havia equipamentos para os praticantes. No começo do ano, fizemos a comemoração de São Patrício no jardim. Comemoramos em grande estilo, como muitas brincadeiras entre os associados. A festa foi um sucesso.

SUZANA

Não queria acreditar no que meus olhos estavam vendo. Era como estar na Irlanda ou na Escócia. O Castelo era totalmente de pedras, com três andares e quatro torres. Lindo de tirar o fôlego! Absurdo ele manter algo como aquilo completamente escondido. No entanto, o que acontecia dentro tinha que ser completamente protegido; agora eu entendia o porquê de tanto sigilo.

— Chegamos.

Ele estacionou o carro do outro lado do Castelo. Praticamente um apartamento separado, mas no mesmo estilo. Saiu do carro e veio para o meu lado para me ajudar sair dele.

— Por que estamos aqui, e não no Castelo? — Estava ansiosa para conhecê-lo por dentro.

— Primeiro: quero instalar você no quarto que será seu pelos próximos dias.

Segundo que, para você entrar lá, terá que assinar um contrato. Terceiro: porque vamos ter que conversar sobre as regras.

— Certo. — Saí do carro e o segui. Achei estranho o fato dele não pegar uma mala, porém, ele disse que ia cuidar de tudo, então, resolvi dar um voto de confiança e apenas esperar.

Quando ele abriu a porta, fiquei de cara para uma escada que tinha pelo menos uns trinta degraus. Jesus! Como subiria tudo aquilo com um colar servil me impedindo de olhar para baixo e uma perna engessada?

— Qual o problema, Suzana? — Ele era ignorante? Não via qual era o meu problema ali?

— O que você acha? — Ele não disse nada, apenas me deu um olhar gélido.

— Suba.

— Você está cego? Não consigo olhar as escadas e estou com a perna engessa-da, não parece óbvio para você? — O assovio que veio de trás de nós nos fez virar.

—  Jesus! — O homem era alto. Minha nossa! Ele era um gigante... Não conseguia ver o seu rosto devido ao maldito colar cervical, então fiquei olhando para o seu peito. Ele vestia uma roupa esquisita, parecia medieval. Suas mãos eram as únicas coisas que eu via dele. Ele tinha a cor de chocolate. Dei alguns passos para trás para conseguir ver sua fisionomia.

— Quem é ela, Riddle?

— Ela é a Suzana, Lord Fire.

— Oh, meu Deus! Eu quero ir embora. — Dei as costas aos dois e voltei para o carro. Comecei a ficar desesperada. Minha conversa com aquele Lord não foi nada educada.

— Espere, Suzana. Acalme-se... Ele é grande, mas não morde. — A risada profunda do Lord Fire me fez estremecer. Não queria imaginar aquela risada dentro daquele Castelo sombrio. De jeito nenhum! Iria matar Patrícia por me dizer que estaria segura naquele lugar. Tentei me ajustar para entrar no carro e acabei caindo. Dava para ficar mais constrangedor? Minha cabeça doeu com a nova batida. As lágrimas foram inevitáveis, fiquei constrangida e me sentia humilhada.

— Primeira lição: peça antes de se achar autossuficiente, não custa pedir ajuda.

Não tem que fazer tudo sozinha. E a segunda lição é a confiança. Se não confiar em mim para ajudá-la e guiá-la, isso não vai dar certo.

— Desculpe-me. — A vergonha guerreava com o medo. — Me ajude? — Não era fácil para mim, sempre fui autossuficiente. Não pedia ajuda e raramente precisava dela, porque sempre ia atrás das coisas ao invés de esperar que fizessem por mim.

— Vem aqui. — Ele me ajudou a levantar e me passou para os braços do Lord Fire. Meu corpo todo tremeu ao passar por suas mãos, e de uma maneira muito ruim.

— Fácil, pequena. Não vou machuca-la, vou ajudá-la a subir as escadas.

— Obrigada. — Meus dentes batiam tanto que pareciam trituradores. Ele subiu as escadas comigo no colo, sem o menor esforço. Eu não era uma mulher magra; usava calça 42, mas minha cintura era extrafina, quase tamanho P, e meu busto era do tamanho 44. Meu corpo era totalmente desproporcional. Ainda não conseguia olhar o seu rosto. Maldito colar! Seus braços eram fortes, e estar neles me incomodava mais do que ele podia imaginar.

Assim que chegamos à sala, ele me deitou no sofá, aí sim pude ver seu rosto. Ele era lindo:

marrom chocolate com frios olhos verdes. Seu rosto era duro e sua postura parecia a de uma pantera pronta para saltar. Era assustador.

— Melhor? — Não conseguia falar, apenas acenei. Um armário vivo, não tinha outra definição para dar a ele. — Sei que sou grande, mas não vou machucá-la. Pode ficar tranquila para falar comigo.

— Uhum.

— Fez isso muito bem antes de me conhecer. — Sua voz pingava a sarcasmo.

— Falei daquela maneira porque achei suas perguntas inoportunas.

— Faz parte do processo de adesão ao grupo.

— Sim, agora eu entendo.

— Entende? — perguntou, levantando uma sobrancelha.

— Acredito que um pouco. — Ficamos em silêncio por um momento. Queria saber onde estava o Riddle. — Você trabalha no Castelo?

— Sim.

— O que faz lá?

— Sou supervisor das Masmorras.

— Por isso se veste assim?

— Sim, faz parte da cena. — Perguntas e respostas. Muito evasivo.

— Por que “Lord Fire”?

— Sou um Mestre. Não faço sessões esporádicas, escolhi esse estilo de vida. Sou um sádico que vive o BDSM todos os dias.

— Jesus Cristo! — Comecei a chorar novamente. Meu Deus! Estava sozinha em um apartamento com um sádico.

— Não precisa desse drama. Já disse que não vou machucá-la. — Não conseguia nem olhar para ele, quem dirá respondê-lo. — Você realmente sabe sobre o assunto ou está se aventurando?

— As... As... Du-du... Du...

— Acalme-se! — Sua voz tinha o comando que ouvi na voz do Riddle, no entanto, com ele, ao invés de me acalmar, chorei ainda mais.

— O que está acontecendo aqui? — “Oh, meu pai, muito obrigada!”, pensei. —

Por que ela está chorando?

— Vou saber? Não adiantou nada eu dizer que não vou machucá-la.

— Obrigado, Fire, eu assumo aqui. — Graças a Deus! Sua voz era um calmante no meio de todo o caos.

— Até mais. — Antes de sair, olhou para mim, sorrindo. — Até mais, pequena.

— Desviei os olhos, antes que caísse no choro ainda mais.

—  Seu comportamento é inadequado. — Não respondi, aguardei calada. —

Ninguém aqui vai tocá-la, a menos que eu permita. Você está sob minha responsabilidade. Vou mantê-la segura se você me ajudar com isso.

— Do que está falando?

— Este aqui é contrato do clube. Ele não tem valor judicial, mas é uma lei dentro dele. Quero que você leia com muita atenção.

— Tudo bem.

— Suzana, estou falando sério. Todos os associados levam esses termos a sério... Se você burlar qualquer regra dele, não vou poder ajudá-la. Você entendeu?

— Sim.

— Depois que você lê-lo, vamos conversar sobre as regras.

— Ok.

— Agora, venha, vou levá-la para o seu quarto. — Ele me ajudou a levantar do sofá e me mostrou o quarto que seria meu nos próximos quinze dias.

— Volto no início da noite para conversarmos. Se você precisar de qualquer coisa, me avise.

— Obrigada.

— *Slan.* — Saiu, deixando-me sozinha.

Peguei o contrato que ele havia me dado e comecei a ler. Basicamente, era sobre as regras do clube. Havia regras de condutas, regras de uso dos equipamentos, regras sobre as bebidas; regras, regras e regras. O contrato inteiro se resumia a elas. Na parte final havia os castigos, para os submissos que burlavam as regras. Comecei a ler lentamente, para entender tudo o que estava escrito: *pau-de-arara, pet play, spanking, prisão em cage, face slapping...* E a lista era interminável. A submissa seria disciplinada dentro do SSC, e a escolha seria do Dominador que foi desrespeitado.

Li e reli o contrato. Todas as vezes que passava os olhos sobre ele, ficava em pânico. Basicamente, meu direito era de dizer “sim, Senhor” ou “não, Senhor”. Comecei a pensar que tudo aquilo era loucura. O pior era que, quanto mais eu lia sobre o assunto, mais interessada ficava.

Tinha muita coisa para estudar, muito para ser lido. Fiquei por horas analisando os prós e contras de tudo aquilo. Sempre fui cora-josa, busquei respostas sobre o meu problema toda a minha vida... Agora, eu tinha ou não a chance de descobrir parte de mim como mulher e sobre o meu lado sexual. Exausta com pensamentos tão conflitantes, acabei pegando no sono.

Quando acordei, Riddle estava sentado em uma poltrona, do outro lado do quarto.

— Oi.

— Você está bem?

— Estou.

— Leu o contrato? — Sentei-me, para olhar melhor para ele.

— Sim.

— E então?

— Estou de acordo com as regras do clube. São, de certa forma, aceitáveis.

— Defina “de certa forma”.

— Para o estilo de vida que vocês vivem aqui, é necessário manter o bom-senso, já que a lei baunilha vê de outra forma.

— Muito bom. Você entende o porquê disso?

— Sim. — Entendia, apesar de sentir medo.

— Você está com medo.

— Estou. — Como ele sabia disso? Não fazia a menor ideia.

— Isso é bom, vai mantê-la longe de problemas.

— Eu não sou uma criança — falei, começando a ficar irritada com toda aquela disciplina.

— Não disse que era criança, apenas que era indisciplinada.

— Me irritar não vai fazer as coisas melhorarem.

— Então, controle-se. — Eu realmente poderia fazer aquilo? Poderia passar por aqueles quinze dias sem perder o meu controle?

- Vamos às regras.
- Eu já li todas elas.
- Às minhas regras.
- Oh! — O que mais viria dele?

— A partir de agora, sou Dom Riddle para você. — Iria interrompê-lo, quando ele me gelou com o olhar. — Dentro do clube, só irá falar quando eu permitir. Se quiser se expressar, vai me pedir permissão antes que o faça. Vai me responder quando eu perguntar, sempre dizendo “sim, Dom Riddle” ou “não, Dom Riddle”. — Ouvi tudo sem dizer nada. Esperei pacientemente ele terminar. — Você só vai ao clube quando eu levá-la. Não quebre as regras, os castigos também serão aplicados por mim. Você entendeu?

— [REDACTED] Sim, Dom Riddle.

— Muito bem. Agora, quero saber sobre você. — Desta vez, não sabia se respondia ou se continuava calada. Sabia que ele estava me testando e não queria ser indisciplinada, como ele dizia. — Quando teve sexo pela primeira vez?

— Posso fazer uma pergunta, Dom Riddle?

— Faça.

— Por que “Dom Riddle” e não “Senhor”, como a Patrícia faz?

— Porque não sou seu Senhor.

— Então não preciso chamar ninguém de Senhor?

— Você leu o contrato?

— Sim, Dom Riddle.

— Então já sabe minha resposta. Agora, responda à minha pergunta.

— Quando tinha quinze anos.

— Você teve quantos parceiros?

— Apenas um. — Não me envergonhava disso.

— Você só esteve com um homem a sua vida toda? — perguntou, incrédulo.

— Sim. Namorei a casei com o único homem que tive relações sexuais.

— Então, como você pode dizer que não gosta de sexo ou que é frígida?

— Eu... Eu... — Pois é... Não tinha resposta.

— Estou esperando.

— Não sei respondê-lo. Nunca me excitei, nunca gostei.

— O que sua médica disse?

— Não concluí o tratamento. — Ele me avaliava como um falcão. Deixava-me desconcertada

quando fazia aquilo.

— Você já se tocou alguma vez?

— Não me toquei. Não me excitava sendo tocada, nem assistindo a filmes por-nô. Nada até agora me fez ficar excitada. — Sabia que tinha extrapolado, mas ver minha intimidade sendo invadida daquela forma me deixava irritada. Era ruim falar sobre isso, ainda mais para um completo estranho. Minha respiração era rasada, meu coração estava disparado.

— O que mudou?

— Como assim? — Fiquei confusa com a pergunta.

— Você disse: nada até agora me fez ficar excitada. Quero saber o que foi que

mudou.

— Oh! — Não havia maneira de dizer que sonhei com ele e fiquei excitada. Desviei meus olhos dos dele. Estava com muita vergonha... Por que fui falar tanto?

— Estou esperando sua resposta. — Não respondi, não tinha coragem. Se eu mentisse, ele saberia.

— Você sonhou sendo amarrada e açoitada, não foi? Você se excitou com isso, foi por isso que foi atrás de informações. — Fiquei olhando para ele, de boca aberta. Como sabia daquilo? — Você precisa ser verdadeira com você mesmo, Suzana — disse, ao se levantar e ir para a porta. — Vou mandar trazer comida para você.

— Dom Riddle?

— Sim?

— Preciso tomar banho.

— Sinta-se à vontade, tem um banheiro naquela porta ali — disse, apontando para a porta.

— Minhas roupas? — Ele parou e me olhou. Seu rosto estava sério, mas pude ver um pequeno sorriso - que ele soube disfarçar muito bem.

— Sem roupas. Você vai ficar nua.

— Como assim vou “ficar nua”?

— Vai ser assim até você se conhecer e assumir sua sexualidade. — Saiu, fe-chando a porta do quarto.

Loucura! Como ficaria nua o dia inteiro e o tempo todo? Levantei-me da cama com muita dificuldade, por causa do bendito colar. Ainda bem que no dia seguinte poderia tirar aquela porcaria. Fui até o banheiro e comecei a brigar com minhas roupas. Era quase impossível fazer isso sozinha. Estava com tanta raiva e tão revol-tada que voltei a chorar novamente.

Capítulo 08



DOM RIDDLE

Estávamos em pleno século XXI e ainda existiam mulheres que não se conhe-ciam. Não procuravam saber sobre sexo, não descobriam sua sexualidade... Não se achavam atraentes, não gostavam de si mesmas... Que viviam competindo uma com outra para ver quem era mais magra. A sociedade impõe um estilo de vida para mu-lheres baseadas em dieta. Uma mulher, para ser bonita, não tem que ser magra. Uma mulher para ser sexy não tem que ser alta e com seios fartos. Ela tem que se amar, gostar-se, conhecer sua sexualidade, cuidar da saúde; ser saudável não é sinônimo de magreza.

Irritava-me ver uma mulher tão bela como a Suzana se reprimir e se esconder tanto. Ela vestia calça jeans e camiseta, escondendo completamente sua forma, suas curvas. Absurdo! Era algo que mudaria nela, e começaríamos agora. Sem roupas para ela nos próximos quinze dias. Ela teria que se olhar no espelho e se ver todos os dias sem roupas.

Tomei um banho, para relaxar os músculos, e fui para o clube. Passei no restaurante e pedi para o chefe organizar o jantar dela. Sua comida seria regada com muito suco, frutas, biscoitos, salada, proteínas e carboidrato.

Voltei para o salão, em busca da Leila. Devido a toda a confusão do dia anterior, não pude ir à sessão que havia marcado com ela, então, enviei uma mensagem para ela ir lá. Não demorou muito para encontrá-la, ela estava no local que havíamos marcado.

— Boa noite, pequena.

— Boa noite, Senhor Riddle.

— Vamos, nossa sala já está pronta. — Ela me seguiu para a sala que havia reservado para mim.

— Você se alimentou antes de vir para a sessão?

— Sim, Senhor

— Tomou sua insulina?

— Sim, Senhor

— Está sentindo algum desconforto ou dor?

— Não, Senhor.

— Muito bem, pequena. Dispa-se e me espere.

— Sim, Senhor. — A espera era uma parte erótica: aumentava a tensão, a ansiedade do que estava por vir e, conseqüentemente, o prazer.

LEILA

Não via a hora de voltar a servi-lo. As sessões com Dom Riddle eram intensas e muito prazerosas. Conhecíamos-nos há bastante tempo. Quando possível, sempre nos encontrávamos. Ele era controlado, dificilmente se excedia. Sempre mantinha as rédeas da situação, minha confiança nele era plena.

Tirei minhas roupas e me ajoelhei, esperando-o para servi-lo. De cabeça baixa, ouvi quando ele chegou. Logo em seguida, vi a ponta dos seus sapatos à minha frente. Ele sempre usava social nas sessões... Nunca perguntei seus motivos, e jamais o faria. Achava sexy, dava mais imponência à

sua a aparência.

Andava em círculos à minha volta, avaliando-me. A espera, a expectativa e um friozinho me deixavam ainda mais excitada. Meu corpo ficava alerta em sua presença, deliciava-se com o que estava por vir. O medo aumentava a adrenalina no sangue e minha respiração saía rasa. A espera era um prelúdio do que estava por vir.

— Boa menina. — Ouvir seu elogio, sua voz rouca tão próxima, aumentava ainda mais minha excitação e o meu prazer. — Levante-se. — Fiz como ele exigiu e

MR. RIDDLE mantive minha cabeça baixa. Pegou-me pelo braço, levando-me até a Cruz de Santo André. Meu coração acelerou e comecei a ficar ofegante.

DOM RIDDLE

Agachei-me atrás dela, passando as mãos em seus tornozelos muito lentamente

— uma carícia. Fui subindo por suas pernas, fiz círculos com os dedos atrás dos joelhos e continuei subindo. Passei a mão por sua bunda, acariciando. Depois, subi com o dedo em suas costas, seguindo a trilha da sua coluna. Encostei meu corpo no dela e mordi sua nuca, fazendo-a gemer.

— Você tem um cheiro bom — disse, ao mesmo tempo em que algemava suas mãos. Mordi sua orelha esquerda e puxei sua cabeça para trás. Olhei-a nos olhos e depois os beijei. — Vai me servir muito bem hoje, cadelinha. — Passei a língua em sua orelha, deixando-a mais excitada. — Vou vendá-la, amordaçá-la e deixá-la com minha marca. — Peguei a venda e a mordaça e coloquei nela. Encostei ainda mais meu corpo no seu e descí minha mão para o seu centro. Lentamente circulei seu clitóris, fazendo-a gemer. Ela estava molhadinha. — Muito bom, putinha. Está excitada, esperando que a use, que faça você se render. — Enfiei um dedo em seu canal e depois retirei a mão. Ela gemeu, chorosa. Desci até seus tornozelos e prendi os dois. Afastei-me dela e passei o dedo em suas costas novamente. Voltei para a minha casa e peguei um rabo-de-gato de vinte e cinco tiras trançadas, com rosas de couro nas pontas. Voltei para ela e passei todo o chicote por suas pernas, bunda e costas. — Chicote com rosas. O tom da sua pele vai ficar lindo com ele. Vou deixar em suas costas a marca das rosas. — Coloquei um lenço vermelho em suas mãos.

Ela estava acostumada a fazer sessões comigo. Usava o lenço para a sua SAFE. Se fosse demais, ela deixaria o lenço cair no chão. Comecei lentamente por suas pernas; depois, subi para a sua bunda, deixando-a bem vermelha; depois, subi para suas costas, alternando sempre os lugares onde batia. Ela gemia e se contorcia. Em poucos minutos, seu corpo estava suado e suas costas bem marcadas.

LEILA

A sensação era incrível. Começou lento, no ritmo da música *“Faith Divides Us*

— Death Unites Us”, da banda Paradise Lost. Conforme a música ia evoluindo, ele

aumentava o ritmo das chicotadas. Meu corpo se arrepiava nas lambidas do chicote. Segurei firmemente o lenço em minhas mãos... De maneira nenhuma interromperia a cena. Adorava o cheiro do couro, amava a sensação de fogo nas minhas costas. Meu corpo cantava juntamente com o chicote. Minha boceta latejava, implorando para ser usada. Deixei-me levar completamente, entregue à dor e ao prazer. Não sabia quanto tempo havia se passado até ouvi-lo.

— Você está bem?

— Sim, Senhor. — Estava excitada e suada. Meu corpo se apertava, implorando pela liberação que viria depois de muita espera.

DOM RIDDLE

Observei-a atentamente. Suas costas estavam completamente marcadas. O corpo inteiro estava suado, sua respiração estava ofegante. Coloquei minhas mãos em sua boceta e a senti, completamente encharcada. Era muito gostoso e excitante ver a entrega de uma submissa. A tênue linha entre prazer e dor era completamente sensual. Ficava excitado com as marcas que deixava em sua pele, com o prazer que proporcionava a ela além da dor.

— Venha. — Levei-a até a barra e preendi seu tornozelo direito, com uma restrição parecida a uma bota. Ela evitava machucar ou prender a circulação sanguínea.

— Segure-se na barra e não solte. Vou erguer você.

— Sim, Senhor. — Subi a barra, em uma altura que sua cabeça não encostasse ao chão. Segurei suas costas e pedi para que ela soltasse a barra. Naquela posição, ela ficava completamente exposta. Amarrei seu pé direito na lateral das barras.

— Muito bom. — Dei um passo para trás, avaliando o trabalho. Perfeito! Peguei uma vela, acendi e aproximei dela. Comecei a pingar a vela do seu tornozelo à virilha, cuidando para não pegar em sua vagina. Ela se contorcia e gemia a cada pingo da vela. Pinguei em seus seios e depois voltei para sua virilha e pernas.

LEILA

Adorava velas. O fogo, a temperatura, o cheiro... Era extasiante. No começo ti-nha medo, mas aprendi a confiar em Dom Riddle e me deixei levar. Os pingos queimavam e, em seguida, vinha a sensação de prazer. O misto de dor e prazer quase

Dom Riddle me levou ao orgasmo. Controlei minha respiração e me concentrei nos pingos da vela. Travei meu maxilar, impedindo ao máximo que meu corpo sucumbisse ao prazer e gozasse antes de sua ordem.

A tortura era interminável. Os pingos começaram nos meus seios, deixando-os doloridos e duros. Um arrepio reverberou da minha coluna, alojando-se no meu centro. Era demais: sensações violentas me assaltavam.

Dom Riddle apagou a vela e inseriu dois dedos no meu canal choroso.

— Senhor, por favor... — implorei, para que ele tivesse piedade e desse ao meu corpo o que ele tanto necessitava. — Ahhh! — Estava pronta para gozar quando ele lambeu meu clitóris. A massagem estimulante dos seus dedos, com as carícias de sua língua, enlouqueceu-me. Virava minha cabeça de um lado para o outro. Cravei mi-nhas unhas no chão, tentando tirar a minha atenção do orgasmo que estava por vir. Era demais; quando achei que não aguentaria mais, ele deu a ordem:

— Goze, cadelinha. — Em meio aos berros e à sensação de puro êxtase, cheguei ao orgasmo. Meu corpo flutuou no arrebatamento. Ele era incansável... Seus dedos aumentaram o ritmo e sua língua insistente trabalhava com maestria, fazendo-me gozar novamente. Cansada e exausta, deixei que ondas e ondas de orgasmos assaltassem meu corpo.

— Firme-se no chão, vou baixá-la. — A barra foi baixada lentamente, até que meu corpo inteiro estivesse no chão. Estava ofegante e cansada pela quantidade de orgasmos que me foi concedida pelo Senhor... Um presente maravilhoso.

DOM RIDDLE

Fascinante! Completamente inebriante o controle e o respeito por seu corpo e minhas ordens. Ver uma submissa no ápice do seu orgasmo era maravilhoso. Proporcionar isso a elas de forma completamente erótica e sexual me dava um poder indescritível. Levantei-a do chão e a segurei, até que ela se estabilizasse.

— Você está bem?

— Sim, Senhor.

— Não está tonta ou enjoada?

— Não, Senhor.

— Muito bom, cadelinha. — Peguei-a pelo queixo e beijei seus lábios profundamente. Exigi de sua boca até ela ficar sem fôlego. Depois, amarrei seus braços nas

laterais da barra e voltei a amordaçá-la. Fui até a minha case, peguei um preservati-vo, coloquei-o em uma prótese e a penetrei com ele. Coloquei o vibrador novamente no seu clitóris e comecei a massageá-la novamente. Ela rebojava e gritava ao mesmo tempo. Sua vontade de gozar a deixava descontrolada. — Goze, cadelinha. — Per-miti que ela o fizesse, e não parei de massageá-la até que gozasse novamente. De-pois de satisfeito, soltei suas mãos, tirei sua mordança, agarrei seu cabelo em punho e a fiz se ajoelhar. — Mãos nas costas. — Tirei meu pênis do confinamento e o colo-quei em sua boca. Forcei-o até a sua garganta e tirei. Fodi sua boca incansavelmente. Estava excitado, completamente satisfeito com sua entrega.

Quando estive perto de gozar, segurei sua cabeça com as duas mãos e a forcei a me levar por completo, até as bolas. Gozei com o meu pau enterrado em sua boca, fazendo-a engolir tudo. Rugi meu orgasmo, presenteando-a com ele. Ela engoliu cada gota do meu prazer. Perfeita, como uma cadelinha deve ser.

LEILA

Meu corpo estava mole e me sentia exausta. Ajoelhada, esperei por sua ordem.

— Levante-se. — Ao tom do seu comando, levantei-me. Sua mão segurou meu cabelo com firmeza, inclinando minha cabeça para trás. Sua boca desceu sobre a minha, beijando-me calmamente. Seu beijo era profundo; essa era a forma de Dom Riddle agradecer por minha servidão. Ele beijava bem - tinha o beijo molhado e exigente. Estava perdendo o fôlego quando ele o terminou.

Pegando-me pelo braço, guiou-me até a cadeira erótica.

— Sente-se. — Fiz como ordenou.

Suas mãos eram fortes e firmes. Amarrou minhas mãos atrás das costas, depois, foi para minhas pernas, amarrando-as nas abas laterais, e as abriu, deixando-me completamente aberta. Voltou a colocar a venda e fixou minha cabeça no encosto da cadeira com cintas de couro. Aquela posição me deixava completamente imóvel e exposta.

Senti uma coisa molhada em meus seios e, depois uma picada, era sua boca. Mordia e chupava meus mamilos insistentemente, deixando-os em picos duros. Depois, nada; foi então que uma dor enorme me assaltou. Grampos de mamilos foram colocados nos meus seios. A dor era

muito intensa... Eu gritava e gemia, to-talmente descontrolada. Suas mãos vieram para minha virilha, e muito suavemente

— ele acariciava. Depois, algo gelado foi colocado nas virilhas. Não tinha a menor ideia do que era.

— Vai ajudar a estimular. — Mal terminou de falar e a primeira onda de cho-que acertou minha virilha. Gritei alto com a sensação. A eletroestimulação era muito intensa, fazia-me gozar mais rápido. — A cadelinha tem permissão para gozar. — O assalto foi imediato. Senti a primeira chibatada na parte de dentro da coxa... Depois, o choque. Em seguida, chibatada no meu clitóris e choque. Gozei na hora. A tortura era interminável... Ele reversava entre o choque e as chibatadas. Meu clitóris pulsava a minhas pernas ardiam.

DOM RIDDLE

Ela não aguentava mais. Dei a sessão por encerrada. Muitas vezes, ficávamos por horas, mas ela não estava em seu melhor. Talvez fosse do cansaço, afinal, era um dia de semana, e ela trabalhava muito.

— Levante-se. — Demorou, mas ela conseguiu. — Como você está se sentindo? — Ela não respondeu. Coloquei a mão no seu queixo, fazendo-a me olhar. — Menina, você está bem? — Ela acenou, mas não respondeu. Não estava bem. Peguei-a no colo e sentei com ela no sofá. Abri o frigobar que ficava ao lado do sofá e peguei uma barra de chocolate e uma garrafa d'água. — Leila, você realmente se alimentou antes de vir para a sessão? — Peguei o chocolate e coloquei em sua boca.

Esperei ela mastigá-lo e dei mais alguns pedaços a ela. Depois, coloquei a garrafa de água em sua boca. Ela bebeu quase toda a água. Continuei dando a ela o chocolate, observando-a atentamente. Nunca a tinha visto assim... Ou ela havia mentido sobre a alimentação, ou não havia tomado a insulina. Nossa sessão havia sido pequena se comparada ao que éramos acostumados.

Puxei um cobertor que ficava ao lado do sofá e a cobri assim que ela começou a tremer. Uma crise hipoglicêmica... Peguei meu celular no bolso de trás e liguei para o ambulatório, pedindo à médica que fosse à sala. Não demorou muito para ela aparecer.

— Jhonatan?

— Entre, Marisa.

— O que houve? — perguntou, abaixando-se e verificando Leila.

— Acredito que seja hipoglicemia.

— Ela não comeu?

— Se não comeu, mentiu. — Uma mentira me deixava completamente irritado.

A primeira coisa que uma submissa tinha que aprender era a nunca mentir. Uma mentira poderia acarretar a uma situação como aquela, ou muito pior.

— Leila, você tem diabetes?

— Sim.

— Vou medir sua glicose.

— Dei a ela água e chocolate.

— Certo. — Ela pegou o aparelho de medir glicose, uma agulha descartável e uma tarjeta. — Me dê o dedo, Leila. — Ajudei-a se livrar do cobertor e a estender o braço para a médica. O furo foi feito e o sangue foi pingado na placa. Minutos de-pois, veio a confirmação. — Muito baixa. Continue dando a ela o chocolate, vou pedir para trazerem uma refeição.

— Obrigado, Marisa.

— Até mais, Jhonatan. — Respirei fundo para acalmar minha raiva. Além de irado, estava decepcionado. Perguntei a ela se tinha se alimentado... Ela sabia como eram nossas sessões e o que era necessário para o preparo. Sem chance, não faria mais sessões com ela, porque perdi a confiança... E, também, iria banir sua associação ao clube. Aquele tipo de comportamento não era aceitável.

— Como está se sentindo?

— Estou melhor, Senhor. Não sei o que aconteceu. — Mais mentiras.

— Você sabe. Mentiu para mim dizendo que havia se alimentado adequada-mente. Aconteceu, Leila, não tem volta. Diga-me a verdade.

— Não tive tempo, saí do trabalho e vim direto para cá — disse, choramingan-do. Não ia adiantar. Nada do que ela me dissesse mudaria minha decisão.

— Por que não foi ao restaurante? Por que mentiu para mim? — Não era des-culpa.

Tínhamos um restaurante aberto 24hrs para os associados.

— Desculpe-me, Senhor. Por favor...

— Seu jantar chegou — disse, assim que vi o garçom entrar. — Sente-se para se alimentar adequadamente.

Assim que ela fez, levantei-me, peguei a bandeja das mãos do garçom e colo-quei no colo dela.

Enquanto ela comia, fui arrumar a sala e organizar os aparelhos. Era uma obrigação de cada Dominador deixar os aparelhos usáveis para a próxima sessão. Depois

MR. SUTTON que saíssemos, uma equipe da limpeza iria fazer a reposição do frigobar e a limpeza geral.

— Terminei, Senhor. Obrigada pela refeição.

— Vamos. — Peguei minha case e suas coisas e coloquei minha mão em sua cintura, dando a ela apoio para que não caísse.

Parei na recepção do hotel e pedi a chave de uma suíte. Levei-a para o quarto. Deixei-a sentada na cama e fui para o banheiro. Enchi a banheira e voltei para bus-cá-la.

— Vamos, vou te ajudar a tomar banho e, depois, você vai dormir. Você não vai voltar para o Rio. Amanhã vamos conversar, antes de você ir embora.

— Como quiser, Senhor. — Ajudei-a a tomar banho. Normalmente só fazia is-so quando a submissa ia para o subespaço. Sempre cuidei, mas o banho era com elas.

Terminamos o banho. Coloquei-a na cama e passei a pomada em suas costas, para aliviar a dor, e a deixei dormindo.

Não voltei para o clube. Estava tão chateado que não queria ver e nem ouvir nada. Cheguei em casa e encontrei Suzana dormindo no sofá, completamente vesti-da. Dava para ficar mais irritado?

— Suzana — chamei-a, com calma, mas com voz firme.

— Hmm... — Virou-se para o lado e voltou a dormir. Ela era uma graça quando estava de boca fechada... Seus traços eram belos; uma felina.

— Suzana! — chamei, novamente, e desta vez a tocando no ombro. Ela abriu os olhos, desorientada.

SUZANA

Sua voz era como trovão no meio de todo aquele silêncio. Olhei em volta, ten-tando me orientar.

— Acho que peguei no sono.

— Por que está vestida? — Seu tom de voz era diferente, ele parecia irritado.

— Não posso ficar nua, você não entende?

— Estou cheio disso. Se não está disposta a cumprir com as ordens, não há necessidade de ficar. Amanhã mesmo vou levá-la para o Rio. — Ele virou as costas e saiu da sala.

— Dom Riddle! Por favor, espere!

— Não. Escute, Suzana, estou sendo muito paciente com você. Não sou eu que espero e ouço ordens, é você.

— Não posso ficar nua, tente entender!

— Ou é da minha maneira ou você vai embora. — O que eu faria agora? Meu corpo era horrível, ele não via a minha insegurança?

— Não tenho o tempo todo, Suzana. — “Mas que droga!”, pensei. Olhei em volta, tentando pensar no que faria. Não podia ir embora... Queria ficar e aprender tudo. — Estou esperando. — Desabotoei minha calça e a tirei. Envergonhada, tirei a minha blusa e mantive minha cabeça baixa. — Estou começando a ficar impaciente,

Suzana. Não entendo o porquê de sua insistência se você não está disposta a tentar.

— Você quer que eu fique completamente nua? — Nunca havia ficado nua na frente de outro homem além do Rodrigo. Ele me conhecia desde que era uma ado-lescente, havia me acostumado a ele.

— Exatamente.

— Nunca fiz isso para outro homem — lamentei, completamente envergonhada.

— Não está fazendo isso para mim, Suzana, está fazendo isso por você. Vejo mulheres nuas todos os dias. Para mim, tornou-se natural. — Suas palavras eram calmas e serenas. Confiando nele, despi-me completamente. — Perfeito. Agora, vá dormir. Boa noite! — Ele virou as costas e foi para o seu quarto. Só levantei minha cabeça quando ouvi o barulho da porta sendo fechada. Deixei todo o ar dos meus pulmões sair pela boca e fui para o meu quarto.

Fui assaltada pelas emoções, estava em conflito comigo mesma. Não sabia se ficava com vergonha ou com raiva, se me sentia arrependida ou corajosa, vulnerável ou confiante. A indiferença de Riddle machucou ainda mais. Ele não disse nada, nem sequer uma palavra. Não sabia o que esperava ouvir... Estava tão acostumada a me achar gorda e desproporcional que aprendi a conviver com a autocrítica. Não disse se era bonita ou feia, sexy ou desengonçada,

absolutamente nada... E isso ma-chucou muito mais do que deveria. Chateada e confusa, fui dormir.

Capítulo 09



Acordei pela manhã com a sensação de que estava sendo observada. Na verdade, eu estava. A presença de Riddle era imponente. Conseguia sentir sua presença mesmo estando dormindo, e aquilo começava me preocupar. Não queria me acostumar a ele. Toda experiência acabaria em breve, e me apegar a ele seria uma grande besteira da minha parte.

— Bom dia, Suzana. — Sentei-me para conversar melhor. Tinha tirado o colar cervical no dia anterior, para tomar banho, e não tinha colocado.

— Bom dia.

— Como está se sentindo?

— Dormi muito bem. Obrigada, Dom Riddle.

— Não foi o que perguntei. — Ele era muito observador, estava atento a cada palavra que

eu falava.

— Confusa, com medo. Estou me sentindo em conflito.

— Muito bom. Faça sua higiene e não demore, vou esperá-la na sala.

— Sim, Dom Riddle. — Levantei e fui para a o banheiro. Fiz minha higiene e voltei para o quarto. Diante do espelho, meu dilema voltou com força total. Na luz do dia, eu sairia do quarto, completamente nua, para encontrar com um homem que havia visto há dois dias, uma única vez.

Quando cheguei à sala, ele estava lendo o jornal. Olhou para cima assim que parei na porta.

— Vamos ao Castelo. — Mordi o lado de dentro da boca, para não contestar e nem perguntar como iria a um castelo cheio de gente completamente nua.

— Sim, Dom Riddle.

— Não voltou a colocar o colar cervical. O médico permitiu que o tirasse?

— Sim, Dom Riddle.

— Muito bem. Vamos. — Foi para a porta, e o gosto de sangue na boca me fez engolir rápido. Tinha mordido minha bochecha até machucá-la, mas não ia perguntar.

Obedientemente, segui-o até a porta. Descemos as escadas em completo silêncio... Sabia que ele me avaliava. Podia sentir seus olhos em mim. Desci com calma, afinal, estava com o pé engessado. Ele parou na porta que dava para o jardim e me olhou.

— Como está se sentindo sabendo que vai ser exposta? — Seus olhos de falcão estavam atentos a todas as minhas reações.

— Estou confusa, irritada e com vergonha.

— Você está começando a confiar em mim. Gosto disso. — Abriu o armário que estava atrás da porta e pegou um roupão de dentro. Aliviada, quase sorri.

— Obrigada, Dom Riddle.

— Vamos lá, não se esqueça das regras.

— Não me esqueci das regras, Dom Riddle. — Atravessamos os jardins e paramos em frente à porta do Castelo.

— Suzana, eu realmente me preocupo com você e com o seu bem-estar. Você é a primeira baunilha a entrar nesse local... Não se esqueça das regras de comportamento. Não me coloque em uma situação da qual não vou poder defendê-la. As regras aqui servem para todos que ultrapassam essas portas. Consegue entender isso?

— Perfeitamente, Dom Riddle. — Não entendia tanta preocupação, mas, em meio à dúvida, faria exatamente como ele me pedia.

— Certo. — Ele abriu as portas e entramos.

O lugar era surpreendente! Nunca imaginei estar dentro de algo tão bem plane-jado. No hall de entrada, o piso era um mosaico do símbolo do BDSM. As fotos eram eróticas; algumas tinham mulheres, outras eram de cenas e equipamentos. O

resto era tudo medieval, com piso de ardósia na cor tabaco-brilhante. As paredes eram de pedras e o ambiente era iluminado por candelabros. A estrutura do teto era em pedras, no formato de um arco. Era como estar no século XVII, ou talvez XVIII.

— Incrível!

— Você gostou? — Tirei os olhos das janelas para olhá-lo. Havia muito orgulho neles. O tom de sua voz era vulnerável... Aquilo era muito diferente da postura que sempre passava.

— Fabuloso, Dom Riddle.

— Vamos ao restaurante. Depois faço um tour com você. — Passamos pelos inúmeros corredores e uma majestosa piscina.

— Minha nossa! — Ela ficava ao céu aberto e no centro do Castelo. Estava pasma com a projeção de tudo.

— Vamos lá, pequena. Vamos ter tempo para isso depois. — Continuei o seguindo até o restaurante, no entanto, meus olhos não acompanhavam.

LORD FIRE

Passei pelas últimas celas antes de descer para o restaurante. Para uma noite de terça-feira, o movimento foi grande. Àquela hora, ainda era possível ouvir gemidos e gritos. Andei até a última torre e vi dois dos monitores com cara de poucos amigos. Um deles segurava o estômago. Aproximei-me para ver o que acontecia. Meus instintos entraram em alerta; uma cena como aquela não era comum. Chegando perto, pude entender o motivo. Meu estômago se revirou. Cara! Sempre respeitei todos os tipos de práticas e fetiches, mas, se havia algo que eu detestava, era o *scat*, parafilia um tanto bizarra.

— Saíam daqui — disse, com a voz quase inaudível. Os dois saíram como se os cães do inferno estivessem atrás deles.

Assim que saíram, tentei respirar fundo e dei uma olhada na sala. “Ah, merda! Definitivamente, no sentido literal da palavra”, pensei. O submisso estava coberto pela merda do Dominador. Realmente... Não era para mim. Todas as celas tinham um banheiro próprio, era uma regra do clube deixar a cela usável para a próxima sessão.

Para esse tipo de prática, havia uma mangueira dentro do banheiro. Os usuários eram os

responsáveis pela limpeza higiênica, depois, a equipe de limpeza do Castelo

ia e fazia a limpeza geral. Saí de perto daquela cena e do cheiro desagradável e desci para o restaurante. O resto das celas tinha os outros monitores averiguando.

Quando cheguei ao restaurante, quase voltei. Marcos e sua submissa estavam presentes na mesa. Não queria outra cena como aquela. A única coisa que me fez não desistir foi Suzana. Ela tinha um instinto enorme pelo perigo, jamais faria mal a ela... Mas sua reação a mim me deixava envaidecido.

— Bom dia, nobres colegas. — O recuo dela foi tão forte que ela quase pulou no colo do Riddle. Não pude evitar e acabei sorrindo. — Olá, pequena Suzana. —

Ela olhou para Riddle e cochichou, provavelmente pedindo permissão.

— Bo-bo-bom dia... — Chegou a respirar fundo. Como ia colocar naquela ca-becinha que o fato de ser sádico não significava que a machucaria, que jamais a colocaria em uma situação que não fosse consensual?

— Sabe, é desnecessário esse medo — disse, ao me sentar ao lado dela. — Vo-cê já conhece o Castelo? — Mais uma vez ela olhou para o Riddle, pedindo permissão. Quem diria que a “essa sou eu sendo simpática” um dia agiria completamente disciplinada.

— Não, Senhor.

— Então, vou levá-la. — Antes que ela respondesse, Riddle passou a frente.

— Aprecio isso, meu amigo. Tenho algumas coisas para resolver no escritório.

— Se o Senhor quiser, Dom Riddle, posso ajudá-lo com a papelada do clube.

— Prefiro que você vá com o Fire. Ele vai ser um grande anfitrião. — Ela realmente estava muito assustada. Meu lado sádico gostou e aprovou aquilo.

— Como quiser, Dom Riddle.

Cara, a voz dela parecia um miado, e, para complementar a voz, o seu olhar era absolutamente felino. Ela era sexy e quente como o inferno! Riddle tinha as mãos cheias.

Tomamos café com um papo agradável. Percebia-a olhando para a submissa de Marcos de

tempos em tempos. Aquilo não ia acabar bem... Marcos era perverso; não era à toa que seu nome no BDSM era Lord Evil.

Peguei meu celular e digitei uma mensagem para Riddle, avisando-o. Antes de fechar meu celular, a mensagem já tinha chegado ao seu. Continuei comendo o meu café, sem olhar para ele. Pelo canto do olho, vi quando falou com ela. Seu olhar se voltou para o prato e lá ficou... Melhor assim; causar uma indisciplina só porque a intocada submissa do Paulo não podia ser vista era completamente desnecessário.

 Depois do café, levantamo-nos, e eu não pude deixar de cumprir com a minha palavra convidando a felina para um tour no Castelo.

— Vamos lá, pequena. Vou te mostrar todas as nossas instalações.

— Vá com ele, Suzana. — Riddle deu a volta na mesa e se aproximou, falando, próximo ao meu ouvido:

— Cuide dela, Fire. Não a deixe se meter em problemas.

— Vou cuidar dela. — Ele me olhou nos olhos e, com muita posse, disse:

— Não encoste, nela.

— Não vou.

Ele saiu e eu olhei para ela. Seu olhar estava em suas costas...

Havia mais naquele olhar de “lamento de ser deixada por ele”. Estava apaixonada? Aquilo seria muito ruim para ela. Esperava, para o seu bem, que não fosse o caso.

— Vamos lá, pequena.

Levei-a para conhecer primeiramente o hotel... Lojinhas, o spa, as piscinas, academia, sala de conferência e, depois, o bar.

— O ambiente aqui em cima é mais para descontração. Beber, comer, jogar conversa fora.

— É incrível. É como se uma vila tivesse sido construída aqui dentro.

— Sim, muitas pessoas pensam mais como vila do que como castelo. — Aos poucos, ela foi ficando um pouco mais à vontade comigo. Tentei enrolar o máximo até que as sessões tivessem terminado. Havia prometido ao Riddle que a manteria segura, e pretendia cumprir minha palavra.

— Vamos. — Ela me seguiu e eu fui rumo ao calabouço. A escada tinha mais de quarenta degraus. Tinha o estilo caracol. As paredes eram de pedra e a ilumina-

ção era feita por tochas. Ela parou no começo da escada. — Não há outra maneira de você chegar lá embaixo que não seja por essas escadas.

— Estou com medo.

— Eu sei disso, mas vai ter que confiar em mim... Tanto quanto Riddle fez ao deixar você em minha companhia.

Ela começou a descer. Ah! Se aquilo não era interessante, ela reconheceu Riddle como seu Dominador. O problema agora era saber se ela aceitaria e abraçaria o estilo de vida...

SUZANA

Não era que eu confiava nele, eu confiava era no Dom Riddle. O suficiente para que tivesse a certeza de que ele jamais me colocaria em uma situação que não fosse segura para mim. Desci a escada. Ela era interminável... Conforme íamos descendo, ela ia virando, como uma espiral. As luzes das tochas deixavam o ambiente medie-val sombrio.

Quanto mais descia, com mais medo eu ficava. Meu coração batia violentamente nas costas. Consequia ouvir meus batimentos. Quando cheguei ao último degrau, paralisei. Saí do ambiente sombrio para entrar em um luxuosíssimo: sofás em cetim vermelho-vivo, paredes com cortinas luxuosas, mesas na cor preta e um bar central. A iluminação era feita por velas na cor dos móveis, em candelabros de ferro forjado fixados nas paredes.

— Uau.

— Não acha meio desproporcional?

— Está falando sério? O lugar é incrível!

— Isso deve ser coisa de mulher.

— O quê? Isso tudo não faz parte de um Dominador? — Ele não entendeu o que eu quis dizer. Tentei explicar da forma que eu via. — Não é como os Domina-dores? Saem do inverno congelante para o quente infernal...

— Boa análise. Digamos que esse salão seja o meio-termo.

— Como assim?

— Ainda não chegamos ao inferno. — Um arrepio frio me fez tremer. Não entendia por que ele fazia aqueles comentários, achava aquilo desnecessário. — Va-mos. — Não sabia se continuava ou se corria. Ele não olhou para ver se estava o seguindo-o. Sumiu pelo corredor e eu fiquei para trás.

De repente, aquele ambiente já não era tão luxuoso. O silêncio era completamente assustador. Olhei para o corredor onde ele havia entrado e fui atrás... Ao menos na sua companhia, estaria segura. Passei por algumas salas, cada uma com uma cor diferente, todas elas

com vários equipamentos - muitos deles eu havia visto no calabouço da Patrícia.

Não vi o Senhor Lord Fire. Na esperança de encontrá-lo, continuei andando pe-lo corredor. Salas e mais salas... Elas eram intermináveis. Logo à frente, vi um ba-nheiro feminino e entrei. Havia uma mulher nele. Parei, não sabendo o que fazer.

— [REDACTED] Bom dia. — E agora? Será que era uma Domme? Ela vestia roupas normais.

— Bom dia. — Passei por ela e fui para a cabine. Fiz minhas necessidades e saí para lavar minhas mãos. Ela ainda estava lá.

— Está sozinha?

— Me perdi do Senhor Lord Fire e resolvi vir ao banheiro. — Seu olhar era avaliador.

— Tem Dono?

— Não. — Ela apenas acenou. Deixei-a de lado e fui lavar minhas mãos.

Quando terminei, ela estendeu para mim uma toalha. — Obrigada pela gentileza. —

Eu tinha a minha educação, não custava agradecê-la.

Quando ia me virando para sair, ela me prendeu entre seu corpo e a pia. Fiquei desconfortável com sua audácia.

— Pode me dar licença?

— Ah... Então você quer sair, pequena?

— Sim, se você me der licença. — Empurrei-a, tentando sair de sua prisão.

— Não tão rápido. — Ela me olhava e sorria como um tubarão. Não gostei daquilo.

— Deixe-me passar. — Ela baixou a cabeça e cheirou o meu pescoço. Empur-rei-a forte, porém, era como empurrar uma parede. Ela era puro músculo. Comecei a ficar desesperada.

— Você parece uma felina. Tem lindos olhos. — Uma de suas mãos agarrou meu cabelo, forçando minha cabeça para trás.

— Me solte!

— Não, você não me tratou com respeito. Não se dirigiu a mim com respeito.

— Aproximou sua boca do meu ouvido e disse: — Agora, você é minha por alguns minutos.

— Não sabia que a Senhora era uma Domme. — Se antes eu estava com medo, agora estava apavorada.

— Você conhece as regras, menina. Uma submissa sempre reconhece uma Domme.

— Suzana?

— Socorro, Senhor Lord Fire! — Seu aperto no meu cabelo foi maior, causando-me uma dor aguda no galo em minha cabeça.

— Aiii!

— O que diabos está acontecendo aqui?

— Olá, nobre colega. Olha só o que eu encontrei aqui. — Seu olhar ia dela para mim, completamente pasmo.

— Juro que não fiz nada, entrei para usar o banheiro...

— Cale-se, cadela!

Não calei.

— Não sabia que ela era uma Domme! E não a tratei com falta de respeito, eu juro, Senhor Lord Fire!

— Vamos conversar, Domme Darkness.

— Regras são regras, e ela quebrou a mais importante.

— Dom Riddle é o seu mentor, ela é uma baunilha. Está conhecendo o estilo de vida agora.

— Bom... Então, ele não tem a ensinado muito bem. — Ouvir aquilo me deixou enfurecida.

— Isso não é verdade! Ele é completamente instrutivo, eu só não sabia que vo-cê era uma Domme. Não consegui identificá-la vestida assim.

— Ah, merda! Suzana, mantenha a boca fechada!

DOM RIDDLE

— Não confio mais em você, Leila. — Estive ouvindo seus lamentos há uns bons 15 minutos. Minha preocupação com Suzana só aumentava. Aquele passeio estava demorando mais que o necessário.

— Por favor, Senhor... Me dê mais uma chance. Eu prometo ao Senhor que não vou fazer aquilo novamente. — Ela era uma excelente submissa. Fazer isso com ela era uma merda para mim, porém, uma segurança para o clube.

- Não vou fazer isso. Sua associação termina aqui.
- Lamento por isso, Senhor Riddle. — Meu celular tocou e o tirei do bolso.

Fechei os olhos ao ver o nome de Willian na tela.

- Temos problemas.

— Pedi que você cuidasse dela! — Eu sabia que aquela boca esperta ia causar problemas, tinha quase certeza disso.

- Estamos no banheiro do calabouço, na ala de *spanking*.
- Estou descendo. — Desliguei. — Tenho que ir, Leila, passar bem.

Dom Riddle Saí do meu escritório e corri para o calabouço. Todos os tipos de cenas se pas-savam na minha mente: ela tentando tirar a chibata de algum Dominador, invadindo uma sessão, batendo boca com um Dom... E mais outras, que não queria nem imagi-nar. Quando cheguei ao banheiro, a cena que vi já me dizia tudo. Ela chorava e a Domme Darkness tinha seu cabelo em punhos. Aquilo me enfureceu, e um senti-mento de posse me cegou.

— Solte-a. Agora.

— As regras foram feitas por você, e essa cadelinha me desrespeitou.

— Por Deus, eu juro, Dom Riddle, eu não fiz isso. — Acreditei nela. Vinha se comportando muito bem.

— Solte-a para que eu possa falar com ela, Domme Darkness. — Ela soltou

Suzana, que imediatamente correu para perto de mim e se ajoelhou, agarrando mi-nhas pernas. Guardei sua atitude para analisar depois. Agora, eu tinha um grande problema nas mãos. — Nos deixe sozinhos.

— Vou cobrar o meu castigo, Riddle. — Assim que eles saíram, voltei minha atenção para Suzana.

— Levante-se. — Ela se levantou, com a cabeça baixa. Outra atitude para pen-sar mais tarde.

— Conte-me o que aconteceu.

— Senhor Lord Fire entrou pelo corredor e demorei um pouco para segui-lo. Estava com medo de entrar aqui, mas, quando fiquei sozinha no salão, fiquei deses-perada. Encontrei o banheiro e ela me disse “bom dia”. Eu respondi, e, depois, ela perguntou se eu tinha um Dono e eu disse que não, porque o Senhor tinha dito que não era Dono de mim e... — Enquanto ela me contava a história, percebi onde foi que eu errei. Não a identifiquei. Ninguém sabia que eu era o seu mentor. Não impe-diria de receber os castigos caso ela quebrasse as regras, mas impediria dela entrar naquele tipo de problema.

— Juro, Dom Riddle, não fui mal-educada com a Senhora.

— Olhe para mim, Suzana. — Esperei que ela fizesse. — Acredito em você, mas a regra foi quebrada. — Esperei para ver se ela ia me desafiar ou tentar se de-fender, mas não... Manteve-se calada. Surpeendente. — Vou falar com a Domme. Se ela aceitar, eu aplico o castigo.

— Por favor, Dom Riddle... — Saí, pensando em uma maneira de tentar fazer a

Domme entender a situação.

— Domme Darkness.

— Não tente, Riddle, vou querer castigo.

— Não vou negar a você o direito do castigo, mas vou negar a você o prazer de

dá-lo.

— Com uma condição. — Já sabia o que vinha.

— Fale.

— Eu escolho como será feito.

— Tudo bem. Espere-nos na sala cinco, por favor. — Ela virou as costas e se-guiu para a sala. Olhei para Willian.

— Estava com ela. Visitamos todo o exterior para dar tempo de terminar as ses-sões, ela foi a única a ficar aqui embaixo.

— Eu entendo. Agora, tenho um grande problema nas mãos.

— Não sei, Riddle, me pareceu proposital.

— E foi. Acredito na Suzana, mas é a palavra da Domme contra a da baunilha.

Tenho que servir de exemplo, Willian, um boato como esse pode acabar com a cre-dibilidade do clube.

— Ela vai usar a Suzana contra você. Espero realmente que isso não interfira na decisão dela de conhecer o BDSM.

— Vou falar com ela. — Voltei para o banheiro e a encontrei encostada na pia.

— Preciso que me ouça.

— Sim, Dom Riddle.

— Não acho justo com você, mas tenho que fazê-lo. Mesmo você não sendo uma submissa, quebrou a regra de uma. Ao menos, ela acha que sim. — Meu dever guerreava com a injustiça

que ela havia sofrido. Não era para ser assim; aquele sem-pre foi o meu medo. — Não temos um acordo e eu não sou seu Dono, mas, para fazê-lo, preciso do seu consentimento.

— Estou com medo.

— Sei que sim. Escute, Suzana, não vou forçá-la a isso. Se você não quiser, não vai acontecer, mas isso acaba aqui. Não posso mantê-la no Castelo se você se negar.

— Vai ser você que vai aplicar o castigo?

— Sim, serei eu.

— Não quero ir embora, e confio em você. Então, sim, eu aceito o castigo. —

Mesmo não gostando da situação, senti-me aliviado. Também não queria que ela fosse embora. Ela tinha muito o que aprender, ainda.

— **Dom Riddle** Vamos lá, felina. — Guiei-a para a sala onde éramos aguardados. — O que vai ser? — perguntei para a Domme.

— Quero o açoite de vinte e cinco cordas de couro trançado batido vinte vezes.

— De maneira nenhuma. Estávamos dentro do SSC e ela era uma novata, não concordaria com aquilo. Fugiria totalmente dos limites dela.

— Não posso, fuge do consensual com ela. Entenda, Domme, ela é uma novata e tem seus limites. Esse tipo de açoite é para uma submissa experiente. — Ela parou, avaliando a situação. Olhou para todos os açoites presos na parede e depois voltou a me olhar.

— De acordo. Escolho uma chibata, mas não abro mão de vinte açoites.

SUZANA

Odiei aquela mulher. Ordinária e maldita! Aceitaria meu castigo, porque seria Riddle que o aplicaria... Se fosse qualquer outro, viraria as costas e iria embora. Ele veio até mim e me olhou em meus olhos. Naquele momento, passou-me uma confiança enorme. Controlei minha respiração e tentei me acalmar.

— Venha comigo, felina. — Não entendia o porquê do nome, mas gostei de ouvi-lo. Vindo dele, soou carinhoso. Segui-o até o banco de *spanking*.

— Sabe o que é esse aparelho?

— Sim. Banco de *spanking*, Dom Riddle. — Patrícia tinha um igual em seu apartamento.

— Prefeito. Vou amarrá-la, vai ser mais fácil para você.

— Obrigada, Dom Riddle.

— Tire o roupão. — Sem vergonha nenhuma, fiz como ele ordenou, deixando-o cair aos meus pés. — Deite-se. — Meu peito ficava apoiado sobre o banco. Mi-nhas minhas mãos ficaram fora do banco e foram amarradas nas laterais. Meus pés também foram amarrados. O que estava com gesso foi amarrado na altura do joelho. Minha bunda ficava alta e exposta para o castigo. Uma faixa foi amarrada na minha cintura. Naquele momento, meu medo ganhou a melhor. Comecei a puxar as restrições, tentando me livrar delas. Meus olhos lacrimejaram.

- Fácil, felina. — Riddle ficou na minha frente e passou a mão nos meus cabe-los. Seu toque era calmante. Seu olhar transmitia a confiança que eu tanto precisava.
- Vai ficar tudo bem, não lute contra, Suzana. Vai ser mais fácil se você aceitar.

— Estou com medo, Dom Riddle.

— *Shh...* Não tenha. Escolha uma SAFEWORD. Se você a disser, tudo para, entendeu?

— Sim, Dom Riddle.

— Qual a palavra? — Pensei em uma por dois segundos, e a única que veio em minha mente foi:

— Riddle. Essa é a minha SAFE. — Ela demonstrava não só a minha vulnerabilidade, mas também a minha confiança.

— Boa menina. — Mais uma vez, seu elogio me acalmava o coração. Ele saiu da minha frente e eu esperei os açoites começarem.

A primeira batida da chibata não doeu, apenas assustou. Ele batia em lugares diferentes. Até a décima, eu aguentei tranquila. Sentia minha bunda esquentar, ficou dolorida, sim, mas nada como pensei que fosse. No entanto, não demorou muito para a dor ofuscar tudo. Em minutos, minha bunda parecia estar pegando fogo. A dor se tornou muito intensa. Sem pensar no que estava fazendo, comecei a puxar as restrições, o que não adiantou em nada. Naquela altura, perdi as contas de quantas já tinham sido aplicadas.

Comecei a me desesperar pela dor que estava sentindo na minha bunda. Ficaria o resto da vida sem me sentar.

— Controle-se, Suzana. Tente manter a calma. — Ouvei o seu comando e fiz como ele pediu.

Fechei meus olhos firmemente e respirei fundo. Comecei a pensar não na minha bunda, mas nas sensações que estava sentindo. A ardência, a dor e outra sensação, que era completamente diferente. Desliguei-me de todas as outras e me concentrei apenas naquela. O formigamento em todo o corpo, o latejar da minha vagina e o arrepio que senti eram totalmente novos. Mantive meus olhos fechados e me concentrei ainda mais na sensação. Era intensa, deixava-me desejosa, talvez excitada... Era tudo tão diferente... E, da mesma forma que veio, foi-se. Minhas mãos e pés foram soltos e meu corpo desamarrado. Fiquei onde estava, desorientada pelos sentimentos que me afligiam e, pior, com um louco desejo de ser possuída.

Capítulo 10



DOM RIDDLE

O Dominador em mim gritou para que continuasse, mas o bom-senso venceu. Ela era perfeita, agiu brilhantemente, melhor que muita submissa experiente. Definitivamente ela era uma submissa, só restava aceitar isso e abraçar esse seu lado. Ela também se excitou. Sua bocetinha estava completamente molhada. O castigo deu prazer a ela.

- Mentiu para mim, Riddle? Essa felina não é uma iniciante.
- Acredite em mim, Darkness, ela é. — Estava tão surpreso quanto ela.
- Vai encoleirá-la?
- Com todo o respeito, Darkness, isso não é da sua conta.

— Certo, estou indo. — Porém, antes que ela saísse, olhou para Suzana de forma intensa. Sabia exatamente o que ela estava pensando, no entanto, para ela chegar até Suzana, teria que passar por mim - e não deixaria isso fácil para ela.

— Aqui. — Willian me entregou o roupão da Suzana. Nunca tinha visto uma iniciante se comportar tão bem. Melhor ainda: sem gritos e sem choro. Apenas um pequeno pânico, que foi possível controlar com um comando. — Ela é brilhante — assenti, sem dizer nada. Precisava cuidar dela.

Peguei-a no colo e a levei para o apartamento. Sentia-me bem tê-la nos braços. Não seria fácil para ela aceitar. Quando se recuperasse, toda a confusão iria aparecer, não tinha dúvidas disso. Ela entraria em conflito entre o que ela era e o que o seu corpo necessitava. Ser submissa estava em sua essência, ela nasceu com isso.

Coloquei-a na cama e fui para o meu quarto, para pegar a pomada para passar em sua bunda. Ajudaria a acalmar a dor que ela sentiria quando se estabilizasse.

— Você está bem?

— Minha bunda dói. — Ela era uma gatinha manhosa.

— Não perguntei do estado físico.

— Estou confusa.

— É natural. Quer conversar sobre isso?

— Sim, apenas não sei por onde começar.

— Vire-se, vou passar essa pomada em você. Ela vai fazer se sentir mais confortável.

— Ai, isso dói! — Depois que apliquei a pomada, sentei-me ao seu lado na cama para conversarmos.

— O que você sentiu? — Meu pau reagiu ao ver sua bunda toda vermelha e com a minha marca. Ela tinha uma bela bunda, cheia e redondinha. Seios fartos e uma cinturinha...

SUZANA

Meu cansaço emocional me deixou sonolenta. Precisava conversar com ele para tentar entender tudo o que havia sentido naquele momento. Parte de mim estava entregue; a outra parte guerreava contra o que era moral e ético.

— Nunca senti emoções tão violentas.

— Qual foi a predominante?

— No começo, foi o pânico de estar amarrada para algo desconhecido. — Aquela foi a pior das sensações. — Ser privada de sair de me mexer era aterrador...

— O medo sempre vai existir, é o extinto do ser humano falando mais alto.

Mesmo você confiando no seu Dono, o medo vai estar presente, porém, de uma forma erótica... Um misto entre a ansiedade e o desejo.

— Entendo.

— O que achou do *spanking*?

— [REDACTED] No começo, foi tranquilo. Estava contando quantas já tinha levado. Tudo mudou tão rápido... Pensei em tantas coisas ao mesmo tempo... Foi quando entrei em pânico.

— Mas você conseguiu se controlar quando falei com você.

— Sim, tentei fazer o que você havia me dito sobre o controle. Ao invés de canalizar na minha bunda, pensei em outras coisas.

— Como o quê? — Ele era curioso, mas a conversa era fácil - ao menos estava sendo naquele momento.

— Me concentrei nas sensações do meu corpo. No que a dor estava proporcionando, na ardência, e depois... — Calei-me ali.

— Depois? — Era naquela parte que eu não entendia.

— Eu não sei explicar.

— Tente. Vou te ajudar a entender. — Sua voz era tranquila, um sussurro.

— Um formigamento, uma espécie de arrepio por todo o corpo, e... — Comoalaria aquilo para ele?

— Você se excitou, Suzana. Sua bocetinha estava molhada. — Fechei meus olhos, imaginando aquela cena novamente; exposta para seus olhos, amarrada para o seu toque e imobilizada por sua voz. — Você gostou de ser açoitada, gostou de me ver no comando. — O som da sua voz tão próximo e suas palavras tão vividas fizeram com que a sensação retornasse com força total. — Senti prazer em meio à dor, gostou de ficar exposta para os meus olhos. Confiou em mim e se entregou lindamente ao momento. — Minha respiração ficou ofegante, meu coração batia rapidamente.

— Oh! — Abri meus olhos, virei-me e o encarei. Minha vagina latejava novamente.

— Não sinta medo, abra suas pernas e se toque. — Comecei a ficar sem ar. Quanto mais eu respirava, mais falta de ar eu sentia. — Abra suas pernas e se toque, Suzana. Conheça seu corpo. Dê boas-vindas às novas sensações que ele vai lhe proporcionar.

— Oh, Deus!

— Não sinta vergonha. Se tocar é erótico, conhecer o prazer é gostoso e normal. — Sem vergonha alguma, desci minha mão para o meu canal e percebi o quanto estava molhada. — Boa menina. Circule seu clitóris com o dedo, não se sinta acanhada. Esse é o seu corpo, e você tem todo o direito sobre ele. — Fiz como ele

instruiu e comecei a circular meu clitóris lentamente. Meu corpo reagiu de forma inigualável. Uma dor gostosa me fazia apertar as paredes da minha vagina. — Colo-que seu dedo anelar dentro da sua bocetinha e circule seu clitóris com o polegar.

— Hmm... — Era uma sensação extasiante, era novo e gostoso. Com a exigên-cia do meu corpo, comecei a acelerar os movimentos.

— Muito bom, pequena. Entregue-se ao prazer. — Quanto mais ele falava, mais meu corpo respondia. Era bom e gostoso. Minhas pernas começaram a tremer e meus gemidos ficaram mais altos. — Goze para mim, felina. — Sua ordem me fez ir às alturas. O orgasmo veio como um tsunami. Finalmente, estava sentindo o que todas as mulheres sentiam. A sensação foi poderosa. Passei anos da minha vida tentando sentir algo assim... Busquei por informações e ajuda profissional, mas nada dava certo. Agora entendia que tudo estava relacionado à minha sexualidade. Era a minha entrega, a minha aceitação e o meu psicológico. Eu não era frígida, apenas não me permitia. Agora, que tudo fazia sentido, comecei a chorar.

— Shh... Venha aqui, pequena. — Tentou me puxar para o seu colo, mas não me permiti.

— Quero ficar sozinha. Por favor, me deixe sozinha... — A vergonha e humilhação por ter me negligenciado por tanto tempo eram inaceitáveis.

— Não vou deixá-la sozinha. Não lute, Suzana. Fica pior se você tentar ir con-tra o que você está sentindo. — Rendi-me e chorei ainda mais. Chorei por todo o desconforto que passei, por não conseguir me deixar levar, por ter feito Rodrigo passar por toda aquela humilhação. Chorei por me permitir abrir mão do controle e dar a alguém as rédeas da minha vida, permitir que Riddle me fizesse ver o quanto era importante me sentir bem comigo mesma, conhecer meu corpo, minha sexuali-dade, meus limites...

— Me sinto tão culpada...

— Por quê? Você está se descobrindo como mulher. Isso é libertador. É para trazer a você felicidade, não culpa.

— Não por isso, mas por ter me negligenciado por tanto tempo.

— Não acredito que tenha sido negligência, Suzana.

— Mas foi. Deixei meu casamento fracassar, fracassei como mulher.

— Você está deixando isso totalmente desproporcional. Conheço você, Suzana. Mesmo não sabendo sobre seu casamento, tenho certeza que você não se acovardou. Isso não é negligência, é falta de informação.

— [REDACTED] Nunca senti a necessidade de ser espancada.

— Tornou natural para você... Ou você ainda briga contra isso?

— Sei que não deveria ter gostado do castigo, mas gostei da sensação.

— Por que você acha que não deveria ter gostado?

— Porque é um castigo? — A resposta saiu como pergunta. Não sabia que po-dia gostar.

— Entenda: o castigo é aplicado devido a uma indisciplina ou um mau compor-tamento, ou apenas porque o Dom deseja fazê-lo. Acontece quando o Dominador achar que deve, e pelos motivos que ele ache certo. O *spanking* também é erótico. O problema da indisciplina são os motivos que a levaram a acontecer. A submissa é uma extensão do seu Dono, suas atitudes devem refletir as dele.

— Deve ser decepcionante.

— Algumas vezes, sim. Outras, nem valem a pena continuar.

— É um motivo para tirar a coleira?

— Vai depender do Dominador. Não existe uma regra, cada um age de uma forma diferente. Eu abomino a mentira. Para mim, não tem perdão. Ela é perigosa para o estilo de vida que vivemos. Uma mentira pode causar danos graves e, às ve-zes, até letais. — Entendia-o bem, Patrícia tinha me explicado isso.

— Eu gostei do *spanking*, mas juro para você que não fui disciplinada. Não a desrespeitei, Dom Riddle. A tratei com muita educação, mas, quando ela me pren-deu entre a pia e ela, senti-me invadida.

— Quero que você me ouça... A diferença entre uma Domme e uma submissa não está na roupa que elas usam. Está em sua postura e na coleira que as submissas usam. — Pensei na coleira de Patrícia e coloquei a mão no meu pescoço. Poderia usar uma daquela todos os dias? Conseguiria viver uma relação como aquela, 24 horas por dias, 7 dias por semana? Se fosse na semana anterior, diria não, mas, ago-ra, eu queria...

JHONATAN

Senti um tesão enorme quando ela se tocou. Ela ronronava quando gozava, exa-tamente como

uma gata. Linda! Fiquei envaidecido em ser o primeiro a lhe proporcionar isso. Agora ela tocava o pescoço, com um olhar de desejo. Será realmente que ela pensava na possibilidade de servir a um Dominador?

— Dom Riddle, posso te fazer uma pergunta?

— Você pode e deve me perguntar qualquer coisa.

— Como é? — Esperei que ela terminasse a pergunta, mas ela não continuou.

— Como é o quê?

— A escolha do Dono.

— É ele quem escolhe. — Ela ia abrir a boca, mas desistiu. Aquela não era a hora de recuar; se tinha dúvidas, tinha que perguntar. — Você pode me falar, Suza-na, qualquer dúvida que tiver. Se eu souber, vou responder da melhor maneira pos-sível.

— Eu não posso escolher?

— Você pode se oferecer. Vai do Dom aceitar ou não. Acredito que funcione da mesma forma que os baunilhas. Quando você é pedida em namoro, você tem o direito de aceitar ou negar.

— E se o Dom não me quiser?

— Não acontece assim. Vocês vão conversar, ele vai querer saber sobre os seus limites, sobre as práticas que você está disposta a fazer. Primeiro, ele tem que te conhecer. Se você não estiver disposta a aceitar práticas que para ele são fundamen-tais, ele vai negá-la.

— Mas por que a Patrícia não pode escolher nada?

— Porque a relação deles é diferente. Ela é uma *slave*, uma escrava, então, quando aceitou o Dom Shadow como seu Dono, ela abriu mão de tudo. Ela o serve em tempo integral, a relação deles é a 24/7. Ela só faz o que ele quer, quando ele quer e do jeito que ele quer.

— Ela teve que deixar o trabalho porque ele exigiu.

— Sim. Ela o serve... Se é dessa forma que ele quer, ela tem que fazer.

— Não é um pouco controlador demais?

— Mas a Dominação é o controle. A relação D/s é a troca de poderes. A sub-missa abre

mão de suas decisões e as entrega ao seu Dono. A relação é intensa, Su-zana. É perigoso se envolver com qualquer um que se diz Dominador. Tem gente de má índole em qualquer lugar, e para as submissas é ainda mais perigoso, porque, para elas, o prazer está na serventia. Tem que estudar e ler muito sobre o assunto para evitar cair nas mãos desses indivíduos que estão à procura de sexo fácil e abuso de poder. Para maioria, é um pretexto para encher a mulher de pancada. Isso não é BDSM, isso é violência doméstica. Está fora do SSC.

— Dom Riddle... E se eu quiser viver isso? — A pergunta de um milhão de dó-

lares.

Eu queria guiá-la, fazê-la entender primeiro como as coisas funcionavam. Percebi que Patrícia tinha dado muito, explicou muita coisa importante para ela. Ainda assim, ela não estava pronta para uma relação. Tínhamos muito no que trabalhar em sua sexualidade e segurança. Queria que ela visse as práticas, assistisse a uma sessão, conhecesse seus limites... Aí, sim, ela poderia tentar. Apesar de pensar nisso com tanta naturalidade, não me sentia indiferente. Eu a considerava minha e ela seria, mas não naquele momento. Como seu mentor, eu tinha que manter distância. Não que fosse uma regra, mas porque para mim era ético. Meu trabalho era guiá-la, conduzi-la e esclarecer qualquer dúvida que ela tivesse.

— Vamos esperar esses quinze dias terminar e, depois, se você quiser tentar, vai poder tirar suas férias. Assim, seguiremos adiante.

— Não podemos tentar nesses quinze dias?

— Você não está pronta. Tem muito o que estudar, ver e se acostumar com muita coisa...

— Tudo bem, Dom Riddle.

— Volto para buscá-la no almoço. — Não queria sair. Na verdade, gostaria muito de experimentar aqueles lábios, porém, não o faria.

— Obrigada, Dom Riddle. — Saí do quarto exausto e de pau duro. Eu a desejava, e ela era minha... Ela só não sabia disso, ainda.

Entrei na sala e vi Willian deitado no sofá.

— Achei que as noites da semana eram sua folga.

— E são. Naga precisou resolver um assunto no Rio e me pediu para ficar no lugar dela.

— Certo. — Servi-me de um copo de uísque e me sentei no sofá de frente para o que ele estava sentado.

— Como ela está?

— Ela está bem. Um pouco confusa e com as emoções a todo vapor.

- Ela é valente, e o temperamento dela vai ajudá-la.
- Estou impressionado. Ela se entregou, Willian, foi simples e sem drama.
- Acha que ela vai aceitar?
- Está se moldando.
- Ela é um desafio.

— Gosto da sua boca esperta. Vai ser um prazer discipliná-la. Vou levá-la ao clube amanhã à noite. — Estava na hora dela ver as sessões e como as práticas eram aplicadas.

— Ela vai precisar de uma coleira.

— Não vou pôr uma coleira nela.

— Não entendo o porquê de sua relutância. Não consegue ver que isso vai im-pedi-la de entrar em problemas?

— Ela não é minha para pôr uma coleira.

— Não? Tem certeza disso, Riddle? Ela não respondeu ao meu comando, nem ao da Domme... Mas ela responde ao seu.

— Willian, são minhas regras. Sou o seu mentor, não o seu Dono. Vai ser assim para os próximos quinze dias, é o meu trabalho orientá-la.

— E depois? Vai soltá-la no clube? Vai deixá-la livre para servir a qualquer

Dom?

— Já chega, Willian, não vou discutir com você meus motivos. — Não iria ul-trapassar aquela linha. Pelos próximos quinze dias, ela seria minha aluna e eu o seu mentor, sem nenhum contato físico.

— Certo. Vou ajudá-lo a ficar de olho nela.

— Aprecio isso, meu amigo.

— Tenho uma sessão hoje e amanhã. Se quiser levá-la...

— Não acho que seja uma boa ideia.

— E por que não? Isso vai ajudá-la a entender e tirar o medo que ela tem de

mim.

— Ou deixá-la em pânico. — Não conseguia imaginar a Suzana vendo uma sessão de Lord

Fire...

- Bobagem, tudo que eu faço é consensual.
- Vou pensar.
- Vai pensar?
- O que você ainda não entendeu, Willian, é que ela está aqui para aprender.

Preciso ir devagar, mostrar as práticas a ela aos poucos.

Era simples para mim. Fui mentor de várias submissas e nunca passei disso...

Não o faria agora.

- Como você consegue?
- Consigo o quê?

— **Stm. Jhonatan** Manter todo esse controle sabendo que ela é sua, sabendo que ela está a uma porta de você.

— Não tem sido fácil, mas vou levar assim até ela entender. Não quero e não vou impor isso a ela. Vou guiá-la, mas a decisão de ficar e aceitar cabe somente a ela.

— Eu o respeito muito, Jhonatan. Acho você um cara decente e ético.

— Agradeço por me entender. É apenas a minha maneira de lidar com a situação.

— Vejo você amanhã. Vou para casa, descansar e dormir.

— Não quer almoçar conosco?

— Não sei...

— Fique. Ela precisa se acostumar com o ambiente e com os Dominadores do clube.

— Certo.

SUZANA

Ninguém jamais entenderia. Por mais que eu explicasse, ninguém iria conseguir. Passei toda a minha adolescência, minha mocidade e boa parte da minha vida adulta enganando a minha mesma. Negligenciei a mim mesma com mulher.

Levantei-me da cama cuidadosamente, para que minha bunda não encostasse nela. Não foi fácil, ainda mais com a minha perna engessada. Tive que fazer um esforço extra para que isso acontecesse. Quando consegui, peguei na minha bolsa o meu celular. Procurei na lista o nome de Patrícia e disquei.

— Suzana!

— Oi, paty.

— Como você está?

— Estou bem.

— Está? Tem certeza? Parece que está triste. Aconteceu alguma coisa?

— Acalme-se, vou te falar o que aconteceu hoje.

— O que você fez? — Ela baixou o tom de voz para fazer a pergunta. Quase ri, era como se estivéssemos cotando um grande segredo.

— Por que acha que fiz alguma coisa?

— Não sei, sua voz está diferente.

— Estou bem, a minha bunda que não está.

— Não entendi.

— Fui disciplinada. — Ela gargalhou alto. Cadela!

— Uau... Como? O que você fez? O que você sentiu?

— Devagar, Patrícia.

— Estou tão feliz por você...

— Precisamos conversar. — Era bom falar com alguém que entendia o que eu estava passando.

— Espere, deixe-me pedir para o Dono. Eu já volto. — Esperei ela voltar sor-rindo sozinha.

Riddle tinha razão, era uma relação muito intensa e profunda. O respeito que ela tinha por ele era enorme. Independente de qualquer situação ou circunstância, sempre pediria sua permissão para qualquer coisa que fosse, inclusive um simples telefonema.

O mais estranho era como eu me sentia em relação a isso. Há três dias, estava pasma com tudo aquilo... Agora, parecia tudo tão normal! Começava a desejar aqui-lo para mim, também.

— Voltei. Agora, me conte.

— Lord Fire me levou para conhecer o Castelo.

— O Senhor Lord Fire é muito amigo, gosto dele.

— Está falando sério?

— Sim, estou. Às vezes, Senhor de mim convida todos eles para um almoço. Ele sempre comparece, dou muita risada com suas piadas.

— Entrei em pânico quando ele disse que era sádico. Não sei o que aconteceu,

Patrícia, só comecei a chorar e não parei mais.

— Foi por isso que você foi disciplinada? — perguntou, incrédula.

— Não! Deixe-me terminar de contar a você como ocorreu...

Contei a ela todos os detalhes, não deixando nada de fora; nem mesmo o or-gasmo.

— Nunca gostei daquela Domme. Fico longe dela sempre que vou aí... Sei que ela jamais desrespeitaria Dono de mim, mas evito qualquer encontro.

— Sim, também não gostei daquela cadela.

— Assim você me ofende. — Agora, quem riu fui eu.

— Desculpe... Daquela ordinária.

—  Melhor. Escute, preciso servir o almoço do Dono de mim. Ligue-me mais tarde, para continuarmos a nossa conversa.

— Certo, vai lá. — Queria um pouco mais de tempo com ela, porém, entendia seus motivos.

— Su?

— Sim?

— Estou feliz por você ter se descoberto como mulher. Quem sabe você também não seja uma submissa? Pense com carinho no que seu corpo está pedindo e deseje.

— Prometo que vou pensar em tudo com carinho.

— Até mais.

— Beijos.

Esperei para que o Riddle fosse me buscar para o almoço. Prometi a Patrícia que pensaria no assunto com carinho, porém, havia coisas que eu queria analisar de perto. Não estava pronta para abrir mão do meu trabalho. Era difícil, para mim, simplesmente largar tudo para abraçar algo que era completamente novo.

Ele foi me buscar e fomos ao restaurante em completo silêncio. Estava perdida em meus pensamentos, tentando pesar os prós e contras daquele estilo de vida. Não havia volta; tinha certeza que, a partir do momento que dissesse “Sim, Senhor”, o baunilha não existiria mais. Via isso na Patrícia; ela vivia o BDSM o tempo todo. Mesmo trabalhando fora, ainda continuava a mesma, com sua coleira no seu devido lugar, o respeito pelo Dono dela, a serventia a ele... Não importava o lugar, o seu comportamento era sempre submisso. Era muita coisa para pensar e analisar. A dimensão da relação era muito intensa.

Chegamos ao restaurante e sentamos em uma mesa perto da porta que dava pa-ra a piscina. A vista era impressionante. Apesar de tudo estar a céu aberto, comecei a me sentir claustrofóbica. Sabia por que estava me sentindo assim. A espera do que estava por vir, do desconhecido, das novas sensações, do prazer, da relação, da en-trega, da servidão... Aquelas coisas ficavam martelando na minha cabeça insistente-mente. A guerra era intensa. E acabou levando a melhor; minha cabeça começou a girar e a sensação de estar sendo sufocada começou.

— Respire fundo. — A voz de Riddle me trouxe de volta. Não senti que tinha prendido a respiração. — Vamos lá, Suzana, respire fundo. — Tentei fazer o que ele exigia, porém, meus

pulmões tinham outra intenção. — Olhe para mim, Suzana. —

Obedeci sua ordem de imediato. — Respire e inspire, respire e inspire. — Fiz com ele o exercício de inspirar e expirar até conseguir me controlar.

DOM RIDDLE

Percebi que ela não estava bem desde o momento em que saímos do apartamen-to. Estava quieta e calada, totalmente diferente da forma que a havia deixado. Era como se fosse outra pessoa. Dei espaço a ela e fiquei quieto, esperando o momento que ela explodiria.

Para um baunilha, é difícil aceitar o BDSM. As pessoas veem o estilo de vida como uma perversão, uma pecado, uma abominação. Então, quando a pessoa nasce, ela é criada em cima desses conceitos e isso fica arraigado na pessoa. Depois que ela cresce, não consegue discernir entre o estilo de vida baunilha do BDSM, porque já foi enraizado que o baunilha é o correto, ético, moral e aceitável. Tudo um bando de bobagens.

Infelizmente o preconceito existe, e, com ele, vem o temor, as acusações, a cul-pa, a guerra entre o que é moral e ético, entre o que é certo e errado. Tudo isso causa uma confusão tão grande que acaba acontecendo o que aconteceu com ela. O pânico, a sensação claustrofóbica de ficar no meio de uma batalha imposta pela sociedade...

Quer e tem medo, aceita e nega, sente vontade, mas é impedido por esses conceitos preconceituosos.

- Sente-se melhor? — Ela já tinha controlado sua respiração e sua cor voltava ao normal.
- Não sei o que aconteceu. — Mentira; ela sabia, só não queria aceitar.
- Esta mentindo para mim.
- Estou confusa.
- Lembra-se da primeira lição?
- Sim! — Até que demorou ela mostrar seu lado rebelde.
- Não entendi. — Ela sabia das regras. Dentro do clube, tinha que cumpri-las.

— Desculpe-me, Dom Riddle. A primeira lição era pedir ajuda. — Olha como era o extinto: sem eu dizer nada, ela sabia que tinha errado e onde, tanto que pediu desculpas.

— Sabe e não pede.

— Não consigo, Dom Riddle.

— [REDACTED] Depois do almoço, vamos voltar a conversar.

— Sim, Dom Riddle.

Almoçamos em completo silêncio. Willian estava nos acompanhando, mas estava exausto e acabou nos poupando de suas piadas sarcásticas. Eu a levaria para ver sua sessão no dia seguinte. Queria ver como ela reagiria a cada uma das práticas. Ela teria uma surpresa... Paulo estava subindo a serra, e estaria com sua submissa à noite no clube. Ter o suporte da pequena seria fundamental para ela. O fato das duas terem aceitado esse estilo de vida na fase adulta ajudava na troca de informação.

Depois do almoço, despedi-me de Willian e voltamos ao apartamento. Ela continuava calada, e isso era mais frustrante do que qualquer coisa. Preferia-a esbravejando, colocando para fora, do que guardando tudo para ela. Subimos as escadas e entramos no apartamento. Ela estava seguindo para o quarto quando a parei.

— Aqui na sala, Suzana. — Esperei que ela voltasse. — Tire seu roupão. —

Observei-a atentamente. A briga dela era em apenas alguns momentos, porque, em outros, ela fazia tudo o que eu exigia, sem pensar duas vezes. — Fique de joelhos no meio da sala. — Deixei-a sozinha e fui para o meu quarto pegar as coisas que eu ia precisar para o castigo. Ao voltar para a sala, ela estava exatamente como havia exigido.

— Sabe por que será disciplinada?

— Sim, Dom Riddle.

— Diga.

— Porque não o respeitei e não o respondi de forma adequada.

— Bom... Junte suas mãos e mantenha os dedos separados. — Ela fez como pedi. Peguei as cinco moedas que tinha trazido e coloquei entre seus dedos. — Não as solte, erga mais os braços. Mantenha-os na altura do rosto. — Esperei que ela fizesse como exigi. — Agora, abra suas pernas. — Sua perna engessada atrapalhava um pouco. Fui até o sofá, peguei uma almofada e coloquei embaixo do seu tornozelo. — Não importa o que eu faça, não solte as moedas.

— O que vai fazer? — Não respondi, apenas a observei. Olhei diretamente para ela, fazendo-a se render. E ela fez: baixou a cabeça e aguardou.

Peguei a pena que havia trazido do quarto e comecei a acariciá-la com ela. Ela começou a se esquivar.

— Não se mova e não deixe as moedas caírem.

— Mas...

— Você não tem permissão para falar, Suzana.

SUZANA

Aquela maldita pena me fazia cócegas. Ele continuou sua tortura... Passava nas minhas costas e foi descendo. Quando chegou na planta dos meus pés, deixei uma das moedas cair.

— Para cada moeda que você deixar cair, vou colocar mais cinco minutos no seu castigo.

— E agora que você fala? — Urgh! Não deveria ter falado, era para ficar cala-da. Entretanto, aquela pena me tirou do sério. Ele saiu da sala e foi para o seu quarto. Quando voltou, tinha uma mordaca na mão. — O que... — Não terminei; ele enfiou a bola na minha boca e amarrou atrás da minha cabeça.

A tortura continuou. Ele passava a maldita pena nos lugares mais sensíveis do meu corpo. Ficou na minha frente e começou a passar em volta dos meus seios, nos meus mamilos e umbigo. A sensação mudou drasticamente de cócegas a prazer. Passava na minha virilha, nos meus lábios vaginais... E, depois, subia ao umbigo. Estava excitada, e minha respiração era irregular. Ele desceu mais uma vez para minha vagina, passando a ponta da pena no meu clitóris. A sensação me fez ofegar, derrubando outra moeda.

— Mais cinco minutos, felina. — Estava começando a babar por conta da mal-dita mordaca. Ele continuou a tortura... Era incansável; circulava à minha volta, colocando a pena em todos os pontos sensíveis do meu corpo. Passou-a pelo meu pescoço e subiu, enfiando-a na minha orelha... E lá se foi outra moeda.

— Controle-se, Suzana. É tudo questão de controle. — Fácil, para ele, falar!

Quem estava nua, de joelhos e com a porcaria da pena sendo enfiada em seus bura-cos era eu. — Faça exatamente como você fez no *spanking*. — “Certo”, pensei.

Estava babando tanto que meu peito estava todo molhado. Fechei meus olhos e me concentrei nas sensações ao invés da pena... Ao menos era assim que havia feito da outra vez.

Ele continuou. Daria um sumiço naquele pedaço de ave depenada assim que ti-vesse

oportunidade. Desliguei-me da pena e me concentrei apenas nas sensações. O arrepio, a cócega, a leveza do contato... A pena era passada novamente nos meus seios e no meu umbigo e voltou para o meu canal. Ele se concentrou no meu clitóris.

Subia e descia a pena naquela parte tão íntima do meu corpo. A sensação de prazer foi aumentando conforme ele ia passando a pena. Aos poucos, minha respiração ficou instável e eu comecei a suar. Aquela sensação estava começando a ficar familiar. A pena era insistente no meu clitóris. Minhas pernas começaram a tremer, e meu estômago se apertou. Foi quando ele parou. Abri meus olhos, completamente frustrada.

— Você não vai gozar. É uma disciplina, e eu não vou dar a você esse prazer.

— Graças a Deus estava amordaçada, ou aquela disciplina não teria fim. Aceitei calada até um certo ponto. Quando não aguentei mais segurar, comecei a chorar. A privação e a perversão do ato me deixou humilhada. Ficar nua diante de um completo desconhecido e ser poupada de algo que passei a vida inteira procurando me enlouqueceu.

— Venha aqui. — Ele ajudou a me levantar e, assim que fiquei de pé, tentei me desvencilhar de seus braços. — Fique quieta. — Fiquei e permiti que ele me ajudasse. Entreguei-me a ele.

Riddle me levou até o sofá, fazendo-me sentar em seu colo. A dor na minha bunda me fez lembrar também daquela humilhação. Chorei como uma criança no colo de um completo desconhecido. O prazer ofuscou a humilhação... Agora, que havia me sido negado, fez-me ver o outro lado; o verdadeiro lado da disciplina e da humilhação.

— Fale comigo, Suzana. Quero ajudar você.

— Ajudar? — Saí do seu colo, para poder ter mais espaço. Ele me cercava de todas as maneiras, não me dava espaço algum. — Você me humilhou me fazendo ficar ajoelhada em sua sala, completamente nua.

— Faz parte da disciplina, Suzana. Da outra vez você teve a recompensa que, dessa vez, foi-lhe negada.

— Não vou ser disciplinada por você novamente.

— Vai, quando você quebrar as regras. Você assinou o contrato e aceitou isso ao fazê-lo. — A sua calma, a voz estável e a frieza dos seus olhos me deixaram completamente irritada.

— Quero ir embora. — Não ficaria sendo privada do que mais desejava.

— Tem certeza disso? Pense bem, Suzana, tomar uma decisão como essa, de cabeça quente, não é viável e nem inteligente. Acalme-se e pense sobre o assunto, primeiro.

— Não tenho feito nada além de pensar, desde o momento que cheguei aqui. Todos esses sentimentos contraditórios vão me levar à loucura.

— Você precisa aprender a se controlar. Está permitindo que os tabus a impeçam de pensar com mais clareza. Ouça seu coração, Suzana. Ouça seu corpo... Sua mente esta poluída e cheia de conceitos errôneos e preconceituosos. — Não conseguia pensar, não conseguia ver nada com clareza. — Vou pedir ao motorista do Castelo levá-la embora. — Levantou e saiu do apartamento.

As lágrimas voltaram. Era essa a minha vontade ou o meu medo falando mais alto? Por que meu estômago estava em nós, se era exatamente isso que eu queria? Estava realmente vivendo da maneira que os conceitos da sociedade impunha? Meu coração se apertou ao pensar que não o veria mais, ao pensar que não ouviria mais suas ordens, que não estaria mais lá ou que não ficaria para servi-lo...

Capítulo 11



DOM RIDDLE

Às vezes, sentia raiva de mim mesmo. Ser justo e ético era um conceito arraigado em mim. Jamais burlaria alguma das duas coisas. Só Deus sabia o esforço que tive que fazer para evitar colocá-la nos meus joelhos e remar aquela bunda até ela entender o que eu estava tentando explicar para ela.

Não queria que ela fosse embora. Minha saída do apartamento foi mais uma estratégia psicológica do que uma resolução. Queria muito que ela ficasse e entendesse tudo o que eu estava disposto a ensinar e a mostrar para ela. No entanto, não dependia apenas de mim. A necessidade de ficar tinha que partir dela.

O problema de aceitar o que ela estava sentindo e o que seu corpo pedia tinha que ser resolvido por ela. O máximo que eu podia fazer era ajudá-la a entender. Não era da minha

autoria decidir por ela. Em outras circunstâncias, com ela sendo minha escrava, decidiria por ela. Não tinha dúvidas de que a faria ficar. Com Suzana, tudo dependeria dela. Apenas ela podia escolher ficar ou não.

Estava na metade do caminho quando ouvi a porta do apartamento sendo bati-da. Esperava profundamente que ela tinha mudado sua decisão. Não parei. Continuei caminhando.

— Dom Riddle... Por favor, não consigo correr. — Apenas uma palavra dela me faria parar, e eu ainda não a tinha ouvido. — Por favor, Senhor. Não quero ir, quero ficar. — Agora, sim, parei e a olhei. Ela estava nua, não tinha colocado o roupão. Acreditava que ela não tinha percebido. Tornou-se natural para ela, e era exatamente isso que eu queria que ela visse; que, aos poucos, tudo se tornaria natu-ral.

— Não desista de mim. Não quero desistir, só que tem momentos que eu não consigo entender.

— Não sou eu que estou desistindo, é você que está.

— Não quero ir, me desculpe, Dom Riddle.

— Volte para o apartamento.

— Vai me deixar ficar, Dom Riddle?

— Será que alguma vez você vai obedecer sem questionar?

— Como quiser, Dom Riddle. — Observei-a voltar mancando para o aparta-mento. *Christ!* Como gostei de saber que ela ficaria. Poderia dizer que estava até aliviado.

Passei o restante do dia arrumando a papelada, ligando para fornecedores e ve-rificando potenciais associados. Pensei em Suzana... Ela seria de grande ajuda com toda essa burocracia. A Patrícia viria trabalhar conosco, Paulo já havia me avisado. Ter as duas trabalhando juntas aqui poderia ser contagiante.

No início da noite, estava fechando o meu escritório para ir para casa quando Willian chegou.

— Ei, cara. Ainda por aqui?

— Estou indo para casa agora.

— Vai assistir à minha sessão?

— Amanhã.

— Ela concordou? — perguntou, duvidoso.

— Não perguntei. Vou levá-la... Caso seja demais, eu a tiro de lá. — Deixar que ela visse seria mais viável do que falar. Sensato... Uma coisa a menos para ela entrar em parafuso.

— Vou pegar leve. — Sim... Como se eu não o conhecesse.

— Você viu o Paulo? — Fiquei atento ao seu olhar. Passou de descontraído pa-ra sombrio. Aí tinha.

— Não vi.

—  O que está acontecendo?

— O cara é estranho.

— Ele é possessivo quando se trata da sua escrava, mas, fora isso, é descontraído.

— Pode ser... Vou indo, preciso organizar a sala e verificar os aparelhos para a sessão.

— *Slan.*

— Até. — Tinha alguma coisa errada, e eu iria descobrir.

Willian dificilmente se irritava com algo. O cara vivia descontraído e de bem com a vida. Sua reação ao Paulo não era normal. A única vez em que vi um desentendimento dos dois foi no dia em que saí de férias. Ainda assim, não foi motivo para tanto.

Andei pelo Castelo, vendo o movimento dos hóspedes. Para uma quarta-feira, o movimento era muito bom; tínhamos mais da metade dos quartos ocupados. Dei a volta e entrei no corredor das lojas. Iria comprar para Suzana um belo espartilho; ela ficaria mais confortável usando um do que o roupão, ou nua.

Gastei um bom tempo procurando algo que combinasse com ela. Achei uma cinta-liga na cor verde-claro. Combinaria muito bem com o seu tom de pele e a cor dos seus olhos. A lingerie era feminina e sexy, ela ficaria deslumbrante vestida nele. Agradei à pequena sub que me atendeu e saí da loja. Estava na metade do corredor quando me lembrei dos sapatos.

Voltei para as lojas e entrei na de calçados. O problema era o número que eu teria que comprar. Peguei meu celular e liguei para o Paulo.

— Ei, Jhonatan.

— Ei... Preciso de um favor.

— Jhonatan pedindo favores? Interessante...

— Deixa de palhaçada. — Não entendia aquela insistência dele e do Willian.

— Tudo bem, diga do que precisa.

- Falar com a Patrícia.
- O que você quer com a minha escrava?
- Saber o número que Suzana calça.
- Vai dar um presente a ela? — perguntou, incrédulo
- Vou precisar. Ela vai para o clube e não trouxemos nada.
- E o que ela tem usado esses dias?

— Em casa, nada. No clube, um roupão de banho. — Ele caiu na gargalhada. Foi tão contagiante que acabei rindo junto.

— Preciso ver isso. Nunca imaginei que Suzana pudesse aceitar algo assim.

— Bom, preciso ir. Você pode me passar a Patrícia?

— Não, mas vou perguntar a ela o que precisa saber.

— Aprecio isso. — Esperei que ele fosse falar com ela.

— Jhonatan?

— Estou aqui.

— Ela usa número trinta e seis, mas a minha paty disse que ela só aguenta até salto dez.

— Por quê?

— Perguntando para a pessoa errada, homem.

— Ah, certo. Obrigado, até amanhã.

— Até mais.

— *Slan*. — Desliguei o telefone e entrei na loja.

Andei pelas filas de caixas esperando que algo me chamasse a atenção. Adora-va ver uma escrava em salto alto... Deixava suas pernas longas, dava uma aparência mais elegante a ela.

— Precisa de ajuda, Dom Riddle?

— Quero um sapato de salto alto.

— O senhor prefere salto agulha ou *stilletto*?

— *Stilletto*.

— Tem preferência de cor?

— Não.

— Vou lhe mostrar o que temos aqui. — A infinidade de calçados me deixou confuso. Não sabia o que escolher e qual cor levar. — Qual o número?

— Ela calça trinta e seis.

— Vou trazer algo diferente do que o Senhor tem visto aqui. — Acenei, con-cordando, e ela foi para os fundos da loja. Demorou cerca de dez minutos até ela voltar. Estava começando a ficar impaciente.

— Esses são os últimos lançamentos. — Ela começou a abrir as caixas, mos-trando-me os modelos. Na terceira caixa que abriu, soube que era aquele que deveria levar.

— O preto com salto vermelho.

—  É lindo.

— É, sim. Qual a altura do salto?

— Salto quinze. São bem confortáveis, a pata-de-vaca ajuda a não machucar a ponta dos pés.

— Vou levar. — Apesar de não entender nada do que ela dizia, o sapato era lindo e ponto final.

Voltei para o apartamento e a encontrei dormindo no sofá. Não deveria estar ali há muito tempo, seu cabelo ainda estava molhado. Sua posição era confortável e ela parecia menos tensa, mais relaxada. Olhei para o seu corpo, apreciando as belas curvas que ela tinha.

O formato era de um violão, com seios grandes, quadris fartos e uma cintura bem fina. Maravilhosa! Desci meus olhos para a sua bocetinha. Ela tinha pelos, mas nada exagerado; bem cortados e com a virilha depilada.

Passei a língua nos lábios, tentando imaginar o seu sabor. Voltei a olhar para o seus seios e seus mamilos estavam duros e arrepiados. Ou ela estava tendo um sonho erótico ou seu subconsciente sentia que estava sendo observada.

Saí da sala e fui para o meu quarto tomar banho. Tê-la em casa, completamente nua, punha meu alto controle à prova. Era um teste de resistência, dia e noite. Tirei minha roupa e meu pau dolorido agradeceu.

Entrei no chuveiro e deixei a água quente descer sobre as minhas costas. Meu pau estava rijo e implorando por atenção. Atenção que ele não teria, odiava o *cinco contra um*. Na minha idade, o negócio tinha que ser real.

SUZANA

Acordei sentindo que estava sendo observada. Ao me sentar, olhei por toda a sala, mas não vi ninguém. Havia apenas umas sacolas em cima da mesa. Fiquei quieta para ver se ouvia algo do Dom Riddle... Nada. Levantei-me e fui até o seu quarto. Ele havia chegado, pude ouvir o barulho do chuveiro. Sem pensar no que estava fazendo, fui até a porta do banheiro e o observei.

Era magro, alto e tinha um corpo bem definido. Nada exagerado, o suficiente para ser agradável. Ele ficou de lado e me escondi. Esperei alguns segundos e voltei a observá-lo. Seu

pênis estava ereto, era enorme. Ele estava olhando para ele. Começou a massageá-lo. Seu gemido foi profundo, fazendo meu corpo se arrepiar. Ele

acelerou os movimentos e eu comecei a ofegar... Naquele momento, viu-me. Não disse nada, apenas continuou sua massagem.

Estava completamente perdida em seu momento. Enquanto me olhava, massa-geava-se incessantemente. Meu corpo reagiu e minha vagina se apertou de uma forma dolorosa. Agora, conhecia aquelas reações... Comecei a ficar úmida e meu coração acelerou. Queria ir até ele e servi-lo, colocar a minha boca no seu pênis e chupá-lo, dando a ele prazer. O ritmo de sua mão aumentou, e meus batimentos também. Era lindo observá-lo. Muito prazeroso. Ele jogou a cabeça para trás e go-zou rugindo. Seu pênis jorrava jatos de sêmen pelo prazer que ele havia lhe dado.

— Vá dormir, Suzana. — Não respondi, não tinha voz. Estava completamente chocada com a minha audácia e muito excitada. Ele era um homem lindo e muito erótico. Sua sexualidade era contagiante. Ver o seu prazer me fez desejá-lo, servi-lo.

Atendendo ao seu comando, fui para o meu quarto, completamente excitada. Em um dia, havia ficado excitada três vezes. Minha vagina estava toda molhada. Fui até o banheiro me lavar novamente. Realmente gostei da reação, mas ficar com ela molhada o tempo todo era desconcertante. Voltei para o quarto e deitei. Meu corpo agradeceu, e minha perna também. Tinha tomado minha medicação e o galo na minha cabeça tinha diminuído consideravelmente. Ajeitei os travesseiros e fechei meus olhos, tentando dormir.

Senti meus seios sendo amassados... Meus mamilos estavam em picos duros...

Uma língua quente os circulava, causando arrepios no meu corpo... A sensação foi cortada pela dor ofuscante... Olhei para os meus seios e dois clamps estavam presos a eles... A dor era intensa e me fez gritar alto...

— Nenhum grito, cadela! — Fui virada de costas, ficando de frente para a pa-rede... Minhas mãos foram atadas... Suas mãos eram quentes em meu corpo... Suas carícias eram insistentes... Dom Riddle se afastou e voltou com um chicote... O couro lambeu minhas costas... O som do chicote era música para meus ouvidos... A respiração dele era pesada... Minhas costas queimavam... Eu pedia por mais, im-plorava para que ele desse... Ele soltou o chicote e mordeu a minha orelha forte-mente... Sua mão tocou a minha vagina e eu gozei...

— Ahh... — Acordei gemendo... Vívido! Meu sonho era praticamente real.

Pude sentir a dor, o cheiro e o prazer. Acordei gozando. Que loucura! Nunca conse-gui fazer isso

querendo... Agora, fazia sozinha e sonhando.

— Uma boa noite de sono, acredito. — Não o olhei, estava morta de vergonha.

— **[REDACTED]** Não sei como isso é possível.

— Com o que sonhou? — Sua voz estava rouca e profunda.

— Estava amarrada e sendo açoitada. Não entendo como é possível... Passei a minha vida inteira querendo algo que não conseguia, agora, estou aqui há pouco mais de quarenta e oito horas, me excitei três vezes e gozei duas. Uma apenas so-nhando...

— Sua sexualidade está aflorando. Aceite e abrace-a, ela é bem-vinda, Suzana.

— Farei isso, Dom Riddle. — De maneira nenhuma rejeitaria aquilo.

— Seu café será servido aqui. — Não entendi, mas aceitei. — Deixei para você um material para ler. Em cima da mesa tem um computador com alguns vídeos abertos, quero que você assista e anote tudo o que lhe trazer dúvidas. Tenha um bom dia.

— Bom dia, Dom Riddle. — Ele saiu do quarto e eu me levantei para fazer mi-nha higiene.

JHONATAN

A cena do banheiro não saía da minha cabeça. Foi preciso muito controle para não puxá-la para dentro do box e enfiar o meu pau em sua esperta boca. Quase impossível, até para um pobre coitado como eu. Sem dúvida alguma, aqueles próximos treze dias seriam os mais longos da minha vida.

Depois de uma noite bem dormida e de me recuperar do *voyeurismo* do dia anterior, faria com ela o mesmo que ela fez. Não foi intencional, mas foi impossível sair do quarto a ouvindo gemer e chamar por mim em seu sono. Lindo vê-la toda entregue e gozando enquanto dormia. Nunca desejei tanto que o tempo passasse como estava desejando... Quanto mais rápido, melhor. Faríamos as negociações e depois eu a faria minha. Minha cadela, minha escrava!

Caminhei até o Castelo e passei na cozinha para deixar as ordens de que seu café fosse servido no meu apartamento. Segui para o restaurante e sentei à mesa em que meus amigos estavam.

— Bom dia! — Recebi um coro de bom dia. Estavam os cinco ali, agora que

Naga e Mitsuo faziam parte do gerenciamento do clube.

— Parece animado, Jhonatan — comentou Willian. O cara nunca deixava de ser sarcástico. Seu lado observador, às vezes, era incômodo.

— Tive uma noite bem dormida.

— Como está Suzana? — perguntou-me Paulo.

— Está bem. Ficaré no apartamento até a noite. Dei a ela alguns textos, para ler, e alguns vídeos, para assistir.

— Vai levá-la ao clube hoje sem coleira? — perguntou Marcos. Provavelmente, deviam ter ficado sabendo do ocorrido.

— Vou pôr nela algemas com minhas iniciais.

— Vai ser bom. Ouvi comentários de que Drakness está de olho nela — comentou Naga.

— O que você ouviu, exatamente? — perguntei, com tom possessivo. Se ela ousasse chegar perto da felina, já sabendo que eu era o seu mentor, suspenderia sua associação.

— O de sempre. O ego dela é maior que ela mesma. — Olhei para Lord Fire, e ele já sabia o que fazer. Nós nos conhecíamos há anos... Ele e Paulo eram meus amigos desde a época em que trabalhávamos na mesma empresa. Marcos nós conhecemos depois.

— Vi uma sessão dela esses dias — comentou Mistsuo. — Tive a nítida impressão de que o submisso havia falado a SAFE e ela não parou. Fiquei observando a cena... Como ele não disse mais nada, não pude agir. — Isso era um problema.

— Precisamos ficar de olho. Minha escrava também não gosta dela — disse

Paulo.

— Desde quando? — Nunca soube disso.

— Desde sempre. Minha paty nunca se sentiu confortável perto dela. Falo pra você, Jhonatan... Abra seu olho, ali tem.

— Vou ficar de olho nela, Jhonatan. Tem minha palavra — jurou Willian.

— A conheço de outros clubes — comentou Marcos. — Nunca a vi com um escravo encoleirado. Sempre fez suas sessões com vários submissos que frequentavam o clube. Suas

práticas são excelentes, ela é experiente e, por isso, sempre achei estranho nunca ter um submisso fixo.

— Não sei se devo, porém, como funcionária do clube, quero dar minha opinião sobre a associação.

— Claro, Naga, o que sugere?

— Informação. Fazermos uma espécie de reunião com donos de clubes

BDSM... Ajudaria a evitar esse tipo de sócios. Muitos deles têm problemas com esse

esse tipo de atitude; Dominadores e Dommes que não respeitam a SAFE ou aqueles que dizem ser, mas que não são.

— Pode ser que dê certo. Conheço vários donos de clubes aqui do Rio e de São

Paulo — disse Marcos.

— Também conheço muitos — completou Willian.

— Podemos fazer um grupo exclusivo para os donos — acrescentou Paulo.

— Posso me responsabilizar por isso. Cada um convida o dono que conhece e o adiciona ao grupo. Precisamos explicar a finalidade... Duvido que vão se opor.

— Não podemos ter ninguém além de proprietários de clubes. Acesso exclusivo a eles. Se houver qualquer penetra, o boato espalha e toda a intenção da aliança vai por água a baixo — disse Mitsuo.

— Concordo. Deixo Paulo e Naga responsáveis pelo grupo. Mitsuo, quero você e o Willian de olho na Darkness. Essa situação não pode continuar.

— Não podemos avisar aos funcionários para esse caso em específico. Vai evitar gerar fofoca dentro do clube e entre os associados — concluiu Paulo.

— Sim, a responsabilidade para com o bem-estar dos usuários é nossa.

— Mais alguma coisa? — perguntei, olhando-os.

Manteria Suzana trancada dentro do apartamento. No clube, estaria somente em minha companhia. Não confiava em mais ninguém para deixá-la.

— Bom, então, vou indo para o escritório. Qualquer coisa, sabem onde me encontrar.

— Vou acompanhá-lo — disse Paulo.

— Certo. Até mais, pessoal. — Fomos para o escritório em silêncio. Minha cabeça estava em um turbilhão. Assim que entramos, soltei.

— Você nunca me disse do problema com a Darkness. — Fiquei chateado por não saber

daquela situação.

— Era pessoal, até hoje.

— A Suzana chorava muito. Implorou e jurou que não tinha feito nada... Acre-ditei nela, só que eu tinha as regras do clube para cumprir.

— Eu entendo você, Jhonatan.

— Entende? A disciplina aplicada foi injusta.

— Nós vamos pegá-la. Se ela fez uma vez, vai cometer o erro novamente.

— Espero que, quando isso acontecer, não seja com sua escrava, nem com a fe-

lina.

— Eu acabo com ela, Jhonatan. Se ela encostar em um fio de cabelo da minha paty, vai sentir na pele o peso do meu chicote.

Não duvidei dele.

SUZANA

Não aguentava mais ler e ver os vídeos. Tomei meu desjejum e almocei no apartamento. Li e vi todos os vídeos que ele havia mandado. Muita informação e muito no que pensar... Muita coisa me excitou, porém, muita coisa não me agradou. As chuvas eram um problema. Aquelas parafilias eram complicada... A única que estava disposta a aceitar era a prateada. Quanto à dourada e marrom... Nem pensar! Parafilia envolvendo bichos? Não! Tinha horror a insetos.

Estava terminando de ler quando ele chegou.

— Boa noite.

— Uau! — Olhei para as janelas. Não tinha visto que já era noite.

— O que foi? — perguntou, ao se aproximar.

— Me perdi nos textos. Não percebi que era tão tarde.

— Você não vai conseguir absorver tudo em um só dia.

— Certo, Dom Riddle.

— Ótimo. — Ele saiu da sala e foi para o quarto. Senti sua falta... Ficar o dia todo sem vê-lo foi solitário. Voltei a ler as últimas linhas de um texto quando ele retornou do quarto. — Trouxe isso para você. Vá tomar seu banho e a use.

— Obrigada, Dom Riddle. — Mesmo sem saber o que era, agradei-o pela gentileza.

Entrei no quarto e fui olhar na sacola o que ele havia trazido. Suspirei alto ao ver a cinta-liga... Era linda e combinava com os meus olhos. Muito observador da parte dele. Na outra sacola

tinha um sapato com pata-de-vaca, na cor preta e com o salto vermelho. Maravilhoso!

Caso tivesse sido ele a escolher, tinha muito bom gosto. O tamanho do sapato era exatamente o meu. Infelizmente, não poderia usar com o gesso. A cinta ficou um pouco justa, e a calcinha era fio-dental. Nunca tinha usado uma cinta antes. Coloquei tudo sobre a cama e fui tomar um banho. Meus músculos estavam tensos. Deixei a água quente cair sobre eles, para aliviar a tensão que tinha ali. Assim que terminei, vesti-me e fui para frente do espelho. A mulher que refletia ali era praticamente

outra. Meus olhos tinham um brilho que antes não existia e minha bochecha estava corada. A cinta me caiu super bem.

— Você está pronta? — Suspirei ao ouvi-lo. O som da sua voz me causava arrepios.

— Sim, Dom Riddle. — Seu olhar era duro e frio.

— Onde estão os sapatos? — Ele realmente tinha se esquecido?

— Não posso usá-los. — Ele parecia chocado.

— Eu realmente havia me esquecido.

— Tudo bem, Dom Riddle. De qualquer forma, são lindos. — Ele só acenou.

— Nós vamos assistir a uma sessão hoje. Quero que você fique atenta às regras.

— Fiquei calada ouvindo suas recomendações. — Mantenha sua cabeça baixa e não fale com ninguém, a menos que eu autorize. — Esperei. Como ele não disse mais nada, dei a minha palavra.

— Sim, Dom Riddle.

— Vamos lá. Aposto que você vai adorar, já que é uma voyeur. — “Ah, merda! Ele realmente ficou chateado”, pensei. Virou as costas e eu o segui. Na sala, ele foi até o bar e pegou um par de algemas. — São para identificá-la como minha propriedade. Isso não vai livrá-la de confusão, mas vai evitar uma situação como a de hoje.

— Obrigada, Dom Riddle.

— Levante as mãos. — Fiz como ele exigiu, e a algaema foi colocada nos meus pulsos. Um arrepio reverberou por todo o meu corpo e senti minha vagina latejar.

Minha excitação me deixou envergonhada por reagir assim a uma algaema. — Gos-tou das algemas, Suzana? — Baixei minha cabeça, tentando esconder o rubor que ele veria ali. — Fiz uma pergunta. — Mais uma vez, sua voz era de comando.

— Gostei, Dom Riddle. — Olhei para as algemas ligadas uma a outra por uma corrente. Na parte de cima, tinha gravado as letras “J R”. Provavelmente eram suas iniciais: Jhonatan Riddle.

— Vamos. — Segui-o, com as mãos algemadas. Ao sair de casa, ele não me deu um roupão, então, eu teria que ir apenas de cinta-liga para o clube. Não ia re-clamar... Se ele quisesse assim, que assim fosse; ao menos não estava nua.

A música “Opium”, do Moonspell, tocava alto dentro do bar. Vários casais estavam circulando pelo clube. Muitas submissas estavam ajoelhadas no chão, outras estavam de pé.

Aonde Dom Riddle ia, eu o seguia.

Caminhava com os olhos baixos, mas aproveitava para dar uma espiada sempre que possível. Ele parava e conversava com várias pessoas. Nunca me apresentava a nenhuma delas.

Circulamos por todo o bar. Ele era um anfitrião muito atencioso com todos os associados. Todos tinham a sua atenção. Os garçons eram submissos. Trabalhavam descalços, usando apenas uma gravata borboleta e uma cueca de látex. Não vi uma submissa servindo bebidas.

Descemos as escadas e chegamos ao salão luxuoso. Também estava lotado. Dom Riddle parou para cumprimentar um casal onde o submisso fazia sexo oral no Dominador. Fiquei chocada com a indiferença do Dominador. O homem estava sendo chupado e conversava como se nada estivesse acontecendo. Do nada, veio uma dor aguda no meu braço. Olhei para o lado e vi Dom Riddle me olhando, furio-so.

— Quer ficar no lugar dele? — Baixei minha cabeça, envergonhada de estar demonstrando algo que nem sequer havia pensado.

— Não, Dom Riddle.

— Então, se coloque no seu lugar e mantenha os olhos no chão.

— Perfeitamente, Dom Riddle.

Andamos por todo o salão, para que ele cumprimentasse a todos os associados. Nenhum submisso falou nada. Todos eram muito disciplinados e quietos, exatamente como me foi recomendado. Do outro lado, Domme Darkness estava com um submisso. Ele estava de quatro e tinha uma corrente ligada ao pênis, punho e pescoço. Tentei descobrir qual era a finalidade da corrente presa ao pênis. Ele usava uma máscara toda preta.

— Curiosa?

— Desculpe-me, Dom Riddle.

— Responda. — “Mas que merda! Por que ele queria que eu viesse aqui se eu não posso ver nada?”, pensei.

— Gostaria de saber apenas a finalidade, Dom Riddle.

— O nome da prática é *Dog Play*. Ele é adestrado para se comportar ou atuar como

cachorro. — Fiquei o observando por um momento e me vi no lugar dele, mas com orelhinhas e rabinho. Algo mais feminino. — Você gosta?

— Acho que sim, mas com algo mais feminino, Dom Riddle. — Não conseguia parar de olhar.

 Realmente gostaria de experimentar. Lembrei-me do que Patrícia havia dito sobre as fantasias que ela tinha.

— Vamos. — Segui-o para as salas que havia conhecido pela manhã. Os gritos e barulhos dos chicotes eram mais pronunciados daqui.

Passamos por uma sala onde a submissa estava no banco de *spanking* de bruços e com as mãos amarradas acima da cabeça. Suas pernas estavam presas pelos joelhos e a Domme a espancava com um...

— Gostou do *spanking*?

— Sim, Dom Riddle. Mas o que é que ela está usando?

— Chama-se cane. É uma vara de bambu. — Observei a submissa atentamente.

Ela chorava e gritava alto. Será realmente que doía tanto?

— Vamos, a sessão vai começar em breve. — Acenei e o segui. No fim do corredor, subimos um lance de escadas.

A subida parecia interminável. No segundo lance, não aguentava mais. Parei para descansar um pouco. As luzes das tochas no corredor deixavam o ambiente ainda mais medieval.

— Cansada?

— Sim, Dom Riddle.

— Teria usado o elevador se não tivéssemos que voltar para o hall de entrada.

É mais longe do que subir por aqui. — Mais uma vez me testando. Só que, desta, não senti nenhuma vontade de contrariá-lo. Aceitei e me mantive quieta. — Vamos. — Ele virou as costas e continuou subindo.

Quando chegamos, estava realmente cansada. As escadas davam para um salão como o do calabouço, porém, o ambiente era realmente como o de um castelo. As paredes eram de pedra e os móveis de madeira rústica. Havia um trono real em cada canto do salão. Como no corredor, a iluminação era por tochas. No canto do salão havia uma espécie de... Cavalo? Não sabia dizer o que era.

A bebida era servida por submisso, e eles se vestiam de forma diferente. Ti-nham algemas

nos pés e nas mãos; as duas eram ligadas a uma corrente. Usavam uma coleira grossa no pescoço e um pedaço de pano esfarrapado como cueca.

— felina! — Olhei para Dom Riddle, que estava à minha espera na entrada de um túnel. Fui até ele e vi que o túnel era longo e com várias celas.

O ambiente lá dentro era frio e escuro. Do lado de esquerdo, havia várias celas e alguns homens parados ao lado delas, vestidos de carrascos. O ambiente era ater-

rador. Aproximei-me um pouco mais de Dom Riddle e segurei em seu braço. Ele parou, olhou para a minha mão e, depois, para o meu rosto. Mais uma vez seu olhar me passava a confiança que tanto precisava. Não tinha por que sentir medo; confiava nele e sabia que não deixaria nada ruim acontecer comigo.

— Estamos nas masmorras. Vamos olhar uma sessão. Se você não quiser con-tinuar, é só me dizer.

— Obrigada, Dom Riddle. — Andamos até o final do corredor. Ele parou na úl-tima cela. Entrou nela, e eu parei; não sabia se ia junto ou se ficava do lado de fora.

— Venha. — “Certo”, pensei. Quando entrei, vi Lord Fire com uma submissa.

Dom Riddle se sentou em um sofá que ficava do outro lado do quarto. Fui até ele, com as costas virada para a parede, observando Lord Fire enrolar a submissa em uma corda.

— Sente-se. — Fiz como ele exigiu. O piso era de madeira, mas todo o resto era igual ao corredor. Os equipamentos não eram estofados; tudo era feito de ferro ou madeira. Havia cordas, equipamentos e acessórios por todo o lugar.

Observei Lord Fire amarrar a corda na submissa. Ele estava vestindo uma ca-miseta regata preta, calça de couro e botas. Pela primeira vez, não senti medo de estar ali ou próxima a ele. Minha curiosidade ganhou; estava louca para assistir a sessão.

Observei ele passar a corda no pescoço, como se fosse um colar. Depois, deu quatro nós. Um ficou acima dos seios; outro, abaixo; outro, no umbigo; o último ficou em cima do púbis da submissa. A corda passou dentro dos seus lábios vaginais e bunda. Foi transpassada no pescoço, dividida em duas e voltou à frente, passando por cima e por baixo dos seios. Era tão complexo que eu não consegui acompanhar. Olhei para Dom Riddle para perguntar.

— Que prática é essa? — disse, baixinho, só para ele ouvir.

— Chama-se *shibari*, e a técnica é *karada*. — Voltei a observar Lord Fire. Ele já tinha terminado de fazer o *karada*. O resultado era impressionante! Muito bem elaborado e bonito, também.

Ele a levou até uma barra e a amarrou, de braços e pernas abertas. Uma ponta da corda estava solta. Ele a puxou. Não sabia qual havia sido o efeito, mas ela soltou um longo gemido. Ele

foi até a mesa, pegou uma Gag e colocou em sua boca. Tirou um lenço vermelho do bolso e colocou em sua mão. Não entendi qual foi a do lenço.

— Dom Riddle, para que serve o lenço?

- Ela está amordaçada. O lenço é sua SAFE; se ela deixar cair, a sessão para.
- Obrigada, Dom Riddle. — “Tão óbvio...”, pensei.

Lord Fire voltou com dois grampos de mamilos e colocou um em cada mamilo da submissa. Cada um deles vinha com um peso. Oh... Aquilo deve ter doído, por-que os pesos eram enormes. Ela soltou um grito assim que ele soltou os pesos. Re-mexi-me no banco com a sensação que senti ao ver aquilo. Meus mamilos ficaram picos duros.

Ele voltou com prendedores e colocou vários embaixo de toda a extensão dos dois braços. Ela gritava e gemia ao mesmo tempo. Afastou-se e voltou com um pedaço de madeira de 1 metro, mais ou menos. O cabo era grosso e estranho, nunca tinha visto aquilo.

- Dom Riddle, como é o nome daquilo?

— Chama-se vergalho. — Olhei para o objeto em questão e não sabia o que pensar. Aquilo devia fazer um estrago enorme.

Ele começou primeiro na batata da perna. A cada batida que dava, ela gritava. Depois, na parte de trás das coxas, ela tentava se esquivar; mas era impossível da maneira que havia sido amarrada. Meu corpo estava dolorido só de ver... As batidas foram feitas como as que eu vi com a cane. Ela gritava e chorava horrores. Não entendia por que não largava o lenço se estava doendo tanto. Àquela altura, eu esta-va ofegante com tantas sensações.

Olhei para Lord Fire e seu rosto demonstrava total concentração. Mantinha sua atenção voltada à submissa e ao que estava fazendo, era como se nós não existísse-mos. Finalmente ele finalizou, na bunda. A marca do vergalho ficou por toda a sua perna e bunda... Estava em vermelho vivo.

Quando estive satisfeito, tirou os prendedores dos braços e depois os clamps com pesos. A submissa soltou um grito agudo, deixando-me tensa. De onde eu esta-va, não podia ouvi-lo. Ele falava com ela o tempo todo. Depois de liberá-la, voltou com um acessório que parecia uma camisa de força e colocou nela. Ele puxou um gancho do teto e anexou na camisa. Em seguida, ergueu-a.

Ela ficou amarrada como um balanço. Em seguida, ele amarrou os dois joelhos dobrados e anexou as correntes neles, para que ficassem separados e a deixasse exposta. Agachou-se diante dela, com um aparelho em sua mão, e o colocou em sua vagina. Mais uma vez, remexi-me no lugar. Aquele aparelho deveria ser bom, por-que ela começou a gemer alto.

— O que é aquele aparelho, Dom Riddle? — perguntei, sem tirar os olhos da submissa. Ela estava sentindo prazer, sem dúvidas, porque gemia e babava.

— É um massageador, mas, no BDSM, é usado como vibrador. Chama-se *Ma-gic Wand*. Muito eficiente. — Tirei os olhos da cena para olhá-lo. Ele parecia satisfeito com o seu comentário sarcástico. Voltei minha atenção para a cena com a mi-nha vagina latejando.

Assisti ao resto da sessão completamente fascinada e, também, com um pouco de vergonha de Lord Fire. Meu comportamento em relação a ele foi totalmente des-proporcional. Pelo tempo que ficamos ali, não vi nada que não teria feito – tirando o vergalho... Ele eu não encarava. Quanto ao resto, eu tentaria, pelo menos. Excitei-me e senti dor por ela ao mesmo tempo. A linha tênue entre prazer e dor, exatamente como Patrícia havia me dito... Mesmo não sendo comigo, meu corpo estava dolorido por tanta tensão.

— Você está bem?

— Estou bem, Dom Riddle. — Saímos da sessão e voltamos para o calabouço.

Minha vagina latejava. Estava úmida e dolorida. Queria poder tentar, sentir o que aquela submissa sentiu, entregar-me a um Dominador; exatamente como fez.

As portas do elevador se abriram e a cena que presenciei me deixou confusa. A Patrícia estava em seus joelhos, de frente para o seu Dono, que havia acabado de lhe dar um bofetão. Quando vi aquilo, dei um passo à frente e Dom Riddle me segurou.

— Lembre-se das regras ou será você no lugar dela. — Paralisei no lugar, com os olhos cheios de lágrimas. As portas do elevador foram fechadas e subimos para o hall do Castelo. Riddle não disse nada.

O ambiente estava lotado de pessoas. Não entendia aquele tipo de atitude. Não teria que ser feito em um lugar mais privado, só com os dois juntos? Aquela cena estragou a minha noite. Voltamos para o apartamento em completo silêncio. Entrei, e seguia direto para o quarto quando Riddle me chamou.

— Precisamos conversar. — Concordei e me sentei no sofá em silêncio. — A humilhação é uma forma de disciplina.

— Não era uma sessão.

— Não, não era.

— Também não estavam sozinhos. — Não saíram em perguntas, mas sim como afirmação. Li sobre humilhação, apenas não entendia a ideia até vê-la acontecer.

— Não estavam. — Ele foi até o bar e se serviu de uma dose de uísque.

— [REDACTED] Entendo que seja uma forma de disciplina, e também sei que é consensual...

Mas ela tem que ser feita na frente de todos?

— Você precisa entender que isso é natural. Ninguém parou o que estava fazendo para vê-los, nem correram para tentarem ajudá-la.

— Entendo, Dom Riddle. — Eu aceitava. Foi o choque de ver acontecer na frente de todo mundo que me deixou sem saber o que pensar.

— Entende, mas não aceita. Diga-me, Suzana, por que você está aqui? Por que você ainda insiste? Você viveu mais coisas nesses dois dias que muitas iniciantes...

Por que está brigando com você mesma, Suzana?

— Eu aceito, eu entendo, no entanto, entrei em conflito com o que é moral.

— Preconceitos. Essa é a palavra certa.

— Você sabia que ela estaria aqui, Dom Riddle?

— Sim, eu sabia — disse, ao encostar a cabeça no encosto do sofá.

— Por que não me disse? — Agora ele se sentou e apoiou os cotovelos na perna. Seu olhar era gélido.

— Porque não tenho que lhe dar satisfação. Você está invertendo as coisas, Suzana. Eu sou o Dominador aqui, não você. — O medo me fez gelar a espinha. Sua voz era como pedras de gelo.

— Desculpe-me, Dom Riddle. — Ele se levantou e veio até a mim. Pegou meus cabelos em punho e me olhou profundamente.

— As coisas são simples, Suzana. O Dominador manda, você obedece. Ele fala, você escuta. Se ele disser “senta”, você senta. Se disser “ajoelha”, você ajoelha. O seu dever é servi-lo. A sua posição é de joelhos, em respeito ao seu Dono. Ele vai puni-la como desejar, onde desejar e da forma que desejar. Você entendeu agora,

Suzana? — Meu coração estava acelerado, minhas mãos estavam geladas. Senti um forte desejo de me ajoelhar diante dele.

— Perfeitamente, Dom Riddle. — Era o momento da minha aceitação. Aquela era a minha vida, e eu decidiria como vivê-la.

— Agora, vá dormir. — Sua voz era calma, porém, firme. Era um comando, uma ordem. Fui para o meu quarto dormir, exatamente como ele havia mandado.

Capítulo 12



DOM RIDDLE

Os próximos dias seriam longos. Como desejei colocá-la nos meus joelhos e remar sua bunda pelo seu comportamento! Não queria imaginar o que Shadow faria se ela tivesse interrompido a disciplina de sua submissa. Ele a teria disciplinado, sem dúvida alguma, e dessa vez eu não iria interceder. Ela seria responsabilizada pelos seus atos.

Fiquei impressionado com o seu comportamento durante a sessão. Ficou quieta e atenta a tudo. Perguntou quando teve dúvidas e melhor: se excitou assistindo a sessão. Meu pau ficou duro como pedra ao vê-la tão entregue e tão fascinada. Não gostei de vê-la assistindo o submisso servindo ao seu Dono. Fiquei puto e com mui-to ciúme. Se ela fosse minha, teria sido castigada para aprender a se comportar e saber qual é o seu devido lugar.

O que era meu, era meu, e ninguém punha a mão ou os olhos. Da mesma forma que eu me

comportava com os outros Dominadores, exigia o mesmo. Ter uma cade-la observando o que me pertencia me deixava chateado; ver a minha cadela obser-vando outros me deixava puto e muito irritado. Tive que me manter calmo e frio para não ultrapassar a linha entre mentor e Dominador.

Na manhã seguinte, dei a ela mais textos, para que lesse e se inteirasse mais das disciplinas. Um dicionário e mais alguns textos sobre submissão e dominação. Fo-quei mais no que percebi que ela tinha gostado e ao que seu corpo tinha reagido. Eu gostava de *Dog Play*, adoraria vê-la como uma cadelinha - e a veria, sem dúvida alguma.

Nos dias seguintes, ela leu e assistiu a todo o material que havia dado a ela. Seu comportamento evoluiu muito, muita coisa foi discutida, muitas dúvidas foram esclarecidas. Levei-a todas as noites para o clube. Assisti, com ela, a várias sessões, todos os tipos de práticas que achei essencial para o seu conhecimento. Ela gostou de muita coisa, aprovou muitas práticas e se excitou com muitas delas.

Durante todo o processo de aprendizado, ela se manteve entregue e aberta. Sua luta foi grande com a disciplina. A confusão aos poucos foi cedendo, e a aceitação ganhando espaço. Ela sofreu um choque ao se inteirar sobre o BDSM, lutou contra valores morais e preconceituosos. Agora, ela passaria pelo mesmo choque tendo que voltar para a vida baunilha. O que ela conheceu dentro do Castelo como natural, normal e consensual seria visto lá fora como amoral, perverso e violento. Seu equilíbrio e a aceitação seriam testados. Cabia somente a ela a escolha. Esperava profundamente que ela aceitasse.

As férias do Paulo haviam terminado e eu tiraria as minhas. Seria um bom momento, assim, poderíamos fazer as negociações. Não demoraria muito, no nosso caso; a convivência com ela naqueles quinze dias ajudou muito a nos conhecer. Tínhamos muito o que conversar, mas não seria necessário uma negociação longa.

— Você vai levá-la para o Rio?

— Não, ela vai com o motorista. — Eu iria para o Rio, mas não a levaria. Queria que ela soubesse como era estar longe de mim e ser deixada por mim. Queria que ela sentisse a minha falta.

— Vai dar a ela uma coleira?

— Por enquanto, não. — Era completamente meticuloso sobre dar uma coleira para uma submissa. Para mim, era um passo muito grande e sério. Faríamos a negociação... Se ela respondesse bem às minhas exigências, aí, sim, eu daria a ela uma coleira.

— Estou surpreso com a sua evolução. Não duvido de mais nada partindo dela.

Nunca vi um traço submisso nela, no entanto, olha a surpresa que foi...

— Ela não tinha sido despertada, mas sempre soube que lhe faltava algo.

— Bom, a minha paty começa essa semana. Vai ser de grande ajuda para todos nós, ela é muito eficiente. — Fiquei o observando por alguns minutos enquanto ele elogiava sua escrava. Será, realmente, que ele havia se apaixonado pela escrava? Para alguns Dominadores, isso acontecia. Para mim, não existia. Acreditava que se apaixonar pela escrava era uma dor no traseiro, deixava-nos fraco e vulnerável.

— Você me ouviu, Jhonatan?

— Você a ama? — A pergunta saiu sem pensar. Tínhamos muita liberdade um com outro e, até ali, nunca havia extrapolado o limite.

— Não gosto disso, Jhonatan. Nunca dei esse tipo de espaço para ninguém.

— Desculpe-me, não queria me interferir. Apenas saiu. — Fiquei envergonha-do com a minha atitude, era uma merda dar uma bola fora como aquela.

— Vou responder a você, porque, mesmo não gostando da pergunta, tenho completa confiança em você.

— Você não precisa fazer. Foi apenas um lapso da minha parte.

— Sei disso... E estou, sim, apaixonado por ela. Gosto da sua entrega, do seu carinho, da sua serventia. Ela é disciplinada, dócil... Há coisas nela que não preciso nem exigir, ela simplesmente faz. A sua subserviência é excelente.

— Parabéns, homem. Ela tem muita sorte. — Fiquei calado por alguns minutos, pensando na relação dos meus pais. Será que entre os dois existiu o amor? Viveram juntos por trinta anos... Talvez pudesse ter acontecido com eles. — Bom, eu vou indo. Preciso falar com a felina.

— Até mais.

— *Slan.*

Voltei para o apartamento pensando em tudo que havia ouvido do Paulo e fazendo comparações com as coisas que ouvi do meu pai. Nunca perguntei para ele se amava minha mãe. Aquela era uma resposta que eu nunca teria. Sempre respeitei o espaço dos dois... Fui criado dentro do estilo de vida BDSM, entendia bem o que era bom-senso e respeito.

Quando completei dezoito anos, meu pai me levou a um clube para assistir à minha primeira sessão. Daquele dia em diante, comecei a entender a relação dele com a minha mãe e seu comportamento.

A descrição que o Paulo deu sobre a Patrícia era idêntica à da minha mãe. Ela era devota ao meu pai e, olhando bem, analisando daquela maneira, eu podia enxer-gar o amor, sim, ou talvez adoração.

Dom Riddle Entrei no apartamento e me senti um pouco chateado. Foi agradável tê-la por todos aqueles dias. Seria uma merda voltar a ficar sozinho e longe da sua companhia.

— Suzana?

— Sim, Dom Riddle. — Ela veio até mim, completamente nua. Ficou muito natural para ela. Não sentia mais vergonha.

— Vá se vestir com suas roupas. Você será levada para o Rio pelo motorista do Castelo.

— Como quiser, Dom Riddle. — Sua voz tinha lágrimas. Saiu de cabeça baixa e ombros caídos.

Lágrimas não me comoviam. Porém, ver o seu lamento por estar indo embora me deu grandes esperanças.

— Nós nos veremos em breve, minha pequena — disse, para mim mesmo. Se-ria apenas uma questão de dias.

SUZANA

Acabou. Vivi naqueles quinze dias os melhores momentos da minha vida. Vivi conflitos, superei preconceitos, descobri-me como mulher... Entendi sobre a minha necessidade e, agora, que tudo isso estava claro na minha cabeça, estava sendo enviada para o mundo no qual eu não era feliz.

Coloquei minha camiseta medonha e minha calça jeans extra-larga. Gostei de estar perto do meu corpo, de senti-lo, de vivenciar sensações que para mim eram desconhecidas. Peguei minha bolsa e meu celular e olhei em volta, despedindo-me do quarto que foi meu e que eu queria que fosse pra sempre. Voltei para a sala e ele, Dom Riddle, não estava mais. Havia apenas o motorista.

— Olá, Suzana. Fui designado a levá-la para o Rio.

— Obrigada. — Dei mais uma olhada no apartamento e saí.

Meu coração apertava de uma forma dolorosa. As lágrimas eram inevitáveis. Entrei dentro do carro e seguimos para o Rio. Fiquei atenta para ver se o veria ao menos mais uma vez antes de ir embora... Nada! Ele simplesmente se foi.

Passei a viagem toda chorando. Será que ele não via em mim uma submissa? Será que os conflitos que eu tive durante aquele período o fizeram ver que não era boa suficiente? Desejei poder servi-lo.

— Chegamos, Suzana. — Olhei em volta e vi que estávamos na porta do edifício onde morava.

— Obrigada.

— Não há de que, senhorita.

— Faça boa viagem de volta.

— Obrigado. — Fiquei dentro do carro. Não tinha coragem de sair. Tinha certeza que, assim que saísse do carro, estaria tudo acabado. E eu tinha muito medo do que estava por vir... Respirei fundo e desci.

Meu coração ficou em frangalhos. Eu tinha deixado parte de mim naquele Castelo; minha descoberta como mulher, com o estilo de vida e com a minha aceitação...

Entrei no meu apartamento e fui direto para o meu quarto. Deitei-me na cama e chorei pela enorme dor que estava sentindo. Mais uma vez, fui assaltada por emoções violentas... Porém, desta vez, era pelo o que eu queria, e não porque as pessoas ditavam.

Peguei meu *note* e entrei no e-mail da empresa para ver o que tinha acontecido na minha ausência. Nunca havia deixado o meu trabalho assim. Mesmo com a perna engessada, teria ido trabalhar. Agora, eu não tinha ânimo para voltar. Não adiantaria nada ficar chorando e reclamando da minha vidinha. Sempre vivi com a perda e com a falta de algo, nada mudou. A diferença agora era que eu sabia o que era. Minha vida continuaria a mesma: de casa para o trabalho e só. Desta vez, não teria mais a Patrícia. Será que o Dom Shadow me deixaria falar com ela? Ou ele também achava que eu não era boa suficiente para estar perto dela?

Tentei deixar todos esses conflitos de lado e liguei para a empresa, pedindo que passasse a ligação para o RH.

— Olá, Suzana.

— Olá, Vicente.

— Você está melhor?

— Sim. Estou com a perna engessada, mas me sinto melhor.

— Do que você precisa?

— Quero minhas férias. Vou precisar delas até me recuperar.

— Vou providenciar isso para você. Quando toda a papelada estiver pronta, li-go para você vir assinar.

— Obrigada, Vicente.

— Não há de quê.

—  Até mais.

— Tchau. — Como vários ali dentro, ele seria mais um a comemorar as minhas férias. Eles me odiavam. Nunca entendi os motivos. Para algumas pessoas, basta você estar vivo para que isso aconteça.

Olhei em volta do quarto que foi meu por mais de três anos. Não via graça ne-nhuma em ficar nele. Escolhi toda a decoração, ficou da maneira que eu queria...

Mas tudo perdeu o brilho. Levantei-me e fui para o meu guarda-roupas. Peguei uma mala e comecei a escolher algumas roupas para a viagem. Dom Riddle disse que iríamos conversar depois dos quinze dias. Provavelmente, devia ter mudado de ideia... Não ficou sequer para se despedir de mim. Depois de colocar tudo dentro da mala, fui tomar um banho e me arrumar para a viagem. Ficaria alguns dias fora, talvez pudesse conhecer algum clube. Pensei no assunto por algum momento. De nada me adiantaria ficar se o Dominador no qual confiava não me via como submissa.

Peguei meu telefone e disquei o número da companhia aérea, para reservar uma passagem para Porto Alegre. Iria visitar meus pais. Há muito tempo não os via, os dois haviam ficado chocados com a minha separação. Depois dela, nunca mais nos falamos. Não os culpava; errei com Rodrigo, deveria ter falado tudo desde o início. Muita coisa seria evitada. Pensando bem, foi melhor assim; seria completamente infeliz ao lado dele, de qualquer maneira. O que eu queria e precisava ele jamais poderia me dar.

Mais uma vez, meus pensamentos se voltaram para Dom Riddle.

“Onde foi que eu errei? No começo era conflituoso, mas, depois, fiz tudo o que ele exigiu que eu fizesse... Aprendi muita coisa com ele, mas achei que ele me mos-traria mais, que seria meu Dom, o Dono de mim...”, pensei.

Fui atendida pela empresa aérea e reservei minha passagem para o dia seguinte, às 10h00min.

Olhei para o telefone com o desejo enorme de ligar para Patrícia. Ela sempre foi a minha companheira, a pessoa mais próxima que eu tinha no Rio. Não queria envolvê-la naquilo, muito menos atrapalhá-la com meus problemas. O que faria agora? Seria sensato ir a um clube? Como teria que agir para servir a um Dom? Estava exausta com tantas dúvidas. Resolvi limpar minha mente e me deitar. Iria dormir e só acordaria na manhã seguinte, para poder viajar.

DOM RIDDLE

- Você a deixou em casa? — Eu a queria segura e, de preferência, inteira.
- Sim, senhor, exatamente como pediu.
- Como ela estava? — Vi que ela ficou chateada, mas não fiquei para me despedir.
- Triste. Chorou a viagem inteira.
- Obrigado. Pode ir.
- Até mais, senhor.
- *Slan.*

Não sabia que ia se abater tanto. Agora, estava com medo dela tomar uma decisão precipitada. Aquele lado impulsivo que ela tinha poderia fazer do meu plano uma cartada errada. Entrei no Facebook e verifiquei se ela estava online. Não estava. O problema era que eu não tinha o seu telefone. Poderia conseguir com a submissa do Paulo – outro problema, também, porque estava cansado de ficar pedindo favores aos outros.

Saí da minha sala e fui para a do Paulo. Bati e entrei.

- Ei, está tudo bem?
- Estou saindo de férias.

— Algum problema? Parece afobado. — O problema de você ter amigos Do-minadores e de trabalhar com eles era que todos eles eram extremamente observado-res. Aquela atenção toda estava me deixando irritado.

- Não, apenas estou indo. Até a volta.
- Confiei em você. Pode retribuir? — “Merda!”, pensei.
- Estou indo falar com a Suzana.

— Certo. Boa sorte. — Acenei e saí do escritório.

Voltei para o meu apartamento, peguei algumas roupas e segui viagem para o Rio. Não sabia onde ela morava e nem seu telefone, porém, se não conseguisse nada, ligaria para o Paulo. Apesar de pensar nessa hipótese como última possibilidade, não a descartaria.

Cheguei ao Rio e fui para o hotel onde tinha ficado hospedado da outra vez. Poderia ser loucura o plano, mas poderia dar certo, também. Entrei no quarto e pas-sei o resto da tarde caminhando na praia, tomando um banho de mar e curtindo o sol. Queria as férias, e, agora, tinha com quem dividi-la.

À noite, fui ao mesmo restaurante em que a vi pela primeira vez. Percebi, na-quele dia, que ela era muito próxima do garçom e que gostava do lugar. Aproveitei que estava ali e pedi um jantar. Passava da meia-noite quando resolvi ir embora...

Ela não apareceu.

Preocupado, mandei uma mensagem para Paulo. A vergonha era tanta que nem queria ligar para ele... Sentia-me péssimo em não ter nenhum dado pessoal dela.

Paulo Vasconcelos

Vou ajudá-lo sempre, sabe disso... Segue o número. 98659876

Enviado 00:18 AM

Jhonatan Riddle

Agradeço e lamento o inconveniente.

Enviado 00:19 AM

Não ia esperar mais tempo.

Passei os últimos quinze dias mantendo o meu controle em todos os momen-tos... Era tempo de começar a agir. Liguei para o número dela e esperei que me atendesse. Depois de cinco toques, fui enviado para o correio de voz. Liguei nova-mente e aguardei.

— Alô?

— Olá. — Sua voz tinha um tom sonolento. Estaria dormindo?

— Dom Riddle?

— Sim. Esteja no restaurante em que nos vimos na primeira vez, amanhã, ao meio-dia. Boa noite, Suzana.

Bom, agora passaríamos um tempo juntos para nos conhecermos. Apesar de termos vivido aqueles quinze dias juntos, não entramos em detalhes pessoais. Queria saber sobre tudo da vida dela; todos os detalhes, principalmente sobre os pais e o ex-marido. Meu telefone tocou e era ela... A Leila. “A essa hora?”, pensei. Não atendi, não falaria com ela novamente.

Tirei minha roupa e fui dormir. Esperar agora seria por pouco tempo, muito pouco, diga-se de passagem. Faríamos as negociações e, depois, eu a levaria para o Castelo... Bom, isso se ela aceitasse ir comigo. Caso ela não aceitasse, terminaria-mos nas negociações e tudo acabaria ali mesmo.

Na manhã seguinte fiz o que sempre fazia: fui para a praia, corri e nadei. Estava perto das onze da manhã quando voltei ao hotel para tomar banho e me encontrar com a Suzana. Quando cheguei ao quarto, meu celular estava tocando e, mais uma vez, o nome da Leila aparecia na tela. Não entendia a sua insistência. Mandeí a ligação para o correio de voz e fui tomar o meu banho.

Faltavam dez minutos para o meio-dia quando entrei no restaurante. Ela estava sentada no mesmo lugar de quando a havia visto pela primeira vez. Seus olhos tinham círculos negros em baixo, como se tivesse chorado ou dormido muito mal. Aproximei-me da sua mesa, preocupado com o seu estado. Ela olhou para cima e me viu chegando. Seu sorriso foi encantador e feminino, e ali estava o olhar penetrante que eu tanto gostava.

— Olá, felina.

— Olá, Dom Riddle. Por favor, sente-se. — Totalmente diferente do nosso primeiro encontro.

— Você está bem?

— Não passei uma noite muito boa. Tirando isso, estou bem, sim.

— O que fez ontem?

— As malas. — Sabia que aquele lado impulsivo dela a faria fazer uma besteira. — Sairia de viagem hoje de manhã.

— Por que desistiu?

— Porque você ligou. — Interessante aquilo. Bom, era hora de saber o que ela queria.

SUZANA

Nunca imaginei que ele voltaria a me procurar. Sua ligação foi como o primeiro fôlego de vida.

Novamente, meu corpo reagiu ao tom da sua voz. Cancelei a minha viagem no segundo seguinte da sua ligação. No fundo, achei que ele não me ligaria... Agora, ele estava ali, na minha

frente, lindo como o pecado.

Passei uma noite terrível. Estava ansiosa pelo encontro, mesmo não sabendo o que esperar. Minha esperança voltou com força total. Queria estar com ele, queria servi-lo, ser sua escrava, entregar-me completamente em suas mãos, por que confia-va nele para fazer isso.

— **Mr. Riddle** Você sabe como funcionam as negociações. Estudou tudo o que dei para vo-cê, está a par de todo o assunto. Agora, quero saber se você realmente quer viver o estilo de vida ou se está fazendo eu perder meu tempo.

— Eu quero, Dom Riddle. — Era simples assim. De maneira nenhuma me ne-gligenciaria mais. Agora, que tinha as respostas que tanto busquei, agarraria aquele estilo de vida com unhas e dentes.

— Bom, agora é uma fase de suma importância. Nós dois vamos nos conhecer. Sei que tem coisas sobre mim que você quer saber, e tem muita coisa sobre você que eu também quero saber.

— Certo. O que você quer saber, Dom Riddle?

— Aqui fora, me chame de Jhonatan. Estamos negociando, não sou seu Dono ainda e, também, não estamos no clube. Por agora, Suzana... Isso vai mudar depois.

— Certo. Estou de acordo. — Não me sentia à vontade para chamá-lo de Jho-natan, havia me acostumado a chamá-lo de Dom Riddle... Mas faria, por ele.

— Onde moram seus pais?

— Em Porto Alegre. Não os vejo há algum tempo e pensei em fazer uma visita.

— Tinha certeza de que me iria me acovardar assim que chegasse lá.

— Você ainda quer?

— Na verdade, não. Pensei em ir porque estava me sentindo sozinha e não ti-nha outro lugar para ir.

— Por que não quer vê-los?

— Porque não há mais relação entre nós. Desde a minha separação, nós nos afastamos. — Minha mãe havia me dito que eu era uma decepção; meu pai mal me olhou.

— Vamos precisar ver isso.

— Com todo o respeito, Dom Riddle, isso não cabe somente a mim. É mais complicado do que somente chegar lá e falar com eles. Muitas mágoas e feridas abertas foram deixadas para trás. Meu pai não aceitou a minha separação, principal-mente por não saber do motivo. — Meus olhos lacrimejaram ao pensar no assunto.

Não sabia como podia ter vivido tanto tempo sozinha... Era estranho como agora não conseguia dar um passo sem ser guiada.

— Entendo o seu lado, Suzana, mas, ainda assim, vamos falar sobre isso futuramente.

— Certo. — Confiava nele, sabia que, de alguma forma, trabalharíamos nisso.

— Sobre seu ex-marido... Vocês ainda se falam?

— Não. Desde que ele saiu de casa, a única vez que nos falamos foi na audiência da separação.

— Por que foi assim, Suzana?

— Eu mexi com o seu orgulho, Dom... Jhonatan. Tentei falar com ele e não deu certo. Na verdade, o erro foi meu. Escondi dele por oito anos que não sentia prazer. O enganei com orgasmos que nunca tive, enfim, eu menti.

JHONATAN

Lá estava o problema. Jamais entendi como um homem não consegue perceber quando uma mulher goza. Será que ele não consegue ver o quanto ela fica molhada, a pressão que a vagina faz quando a mulher goza? O rubor da pele, o aroma, as nu-ances do corpo... Até o gemido é diferente. As pernas ficam trêmulas, a respiração sai em ofegos, o coração acelera... Todos esses são sinais de um orgasmo. Pior do que isso era viver oito anos ao lado de uma mulher e não conhecê-la. Não saber tocá-la, não descobrir seus pontos sensíveis. Fazer uma mulher gozar era a cereja do bolo.

No caso dela, ela não mexeu no orgulho dele, mexeu no dela. Passou anos da vida dela se negligenciando como mulher. Suzana era uma ostra quando a conheci. Escondeu-se de tal forma que quase perdeu sua essência - não só como submissa, mas como mulher.

Ela já tinha um comportamento submisso. Apesar de ter mentido, fez o que teve que fazer apara agradar o marido. Anulou-se para fazê-lo feliz. A diferença da relação D/s é que ela seria recompensada pela sua subserviência e teria um Dominador para guiá-la.

— Não vou falar para você se o que ele fez foi certo ou errado. O que você fez foi se negligenciar. Você mentiu para agradá-lo, isso fere, independente do seu es-forço. Não minta para mim, Suzana. Nunca! Não há volta.

— Não vou, Dom Riddle. Aprendi, e hoje vejo que a melhor forma de uma re-lação dar certo é sempre dizer a verdade. — Continuava me chamando de Dom

Riddle. Pedi que me chamasse pelo nome, porque estávamos no meio baunilha.

— Meu nome, Suzana. Tenha isso em mente e não erre. — Ela mordeu os lá-bios e olhou para baixo. Cristo! Estava perdendo a minha maldita mente. No entan-

to, seguraria-me. Faltava pouco, e, depois que tudo estivesse concluído, eu a devoraria.

— Quanto tempo pegou de férias?

— A princípio, um mês.

— Você tem mais férias?

— Sim, tenho três. Nunca tirei um mês desde que vim para o Rio. — Aquilo se-ria uma conversa para mais adiante. Se tudo desse certo, se ela fosse o que eu procu-rava, eu a queria morando comigo, e, para isso acontecer, ela teria que largar o em-prego.

Quando chegássemos nessa parte na negociação é que veríamos sua servidão. Era um passo muito sério. Quando um Dominador propõe uma relação 24/7, ele tem o dever de cobrir todas as necessidades da submissa: roupa, calçado, artigos de higi-ene pessoal, médico, quando necessário, mimos e etc... Tudo! Ele tem cuidar dela com muita responsabilidade.

— Você pode pegar esses três meses de férias? — perguntei, para saber até on-de iria sua servidão.

— Sim, posso fazer isso. — Sem piscar, sem pensar, sem um pinga de dúvida. Muito bom.

— Está com fome?

— Estou, sim.

— Do que gosta de comer? — Eu teria que prover seu alimento, era importante saber do que ela gostava.

— Não sou fresca para comer. Como de quase tudo e, se nunca provei, experi-mento para saber se vai me agradar. — Perfeito.

— Vou pedir nosso almoço.

— Obrigada, estou faminta.

Fiz o pedido do almoço para nós dois. Almoçamos e depois fomos caminhar, sempre conversando, trocando ideias, perguntas e respostas. Era uma fase de conhe-cimento, era importante para os dois. Saber sobre sua saúde era um aspecto impor-tante, também. Assim que fizéssemos as negociações, faríamos uma bateria de exa-mes para saber sobre se o estado dos dois era saudável.

— Você toma algum contraceptivo? — Ela parou, olhando para o mar, perdida em seus pensamentos. Aquele olhar nostálgico era novo nela... Será que tinha filhos?

— Não. Não preciso de contraceptivo, não tenho as trompas.

— O que aconteceu?

— Tentei engravidar várias vezes e nunca consegui. Resolvi ir ao médico e, por um problema, tive que retirá-las.

— O que você teve? — perguntei, preocupado com a sua saúde. Não me importava se ela tivesse alguma alergia, diabetes ou algo que não fosse difícil para ao estilo de vida. Aquela era uma informação importante para qualquer participante.

— Endometriose. Tinha dores horríveis, e sempre achei que eram cólicas. Fiz um tratamento com contraceptivo que não deu certo. Na verdade, o médico que foi negligente ao me tratar sem antibióticos.

— Como se sente com isso?

— No começo, incompleta. Além desse, tinha o outro problema, de não chegar ao orgasmo. Quando fiz o tratamento com a psicóloga, me ajudou a reestruturar e aceitar. Posso engravidar por fertilização *in vitro* ou inseminação artificial. — Senti-me aliviado por ela. Uma coisa é você não querer ter filhos, outra é não poder ter filhos.

A conversa fluiu muito bem. Ela estava aberta, conversava com muita naturalidade. Respondia sempre de imediato. Não vi um traço de mentira em nenhum momento. Gostei de estar com ela, era uma companhia agradável e de sorriso fácil. Era muito tímida e ingênua, também.

SUZANA

A conversa e o passeio foram deliciosos. Há muito tempo não conversava tanto com alguém sobre mim - meus gostos, hábitos e sonhos. Ele não mudou; seu rosto ainda era frio e inexpressivo. Não o vi sorrir nenhuma vez. Como estávamos em uma fase de nos conhecermos, perguntaria para ele por que ele nunca sorria. Sabia que a conversa fácil acabaria... Parte das negociações era para conhecer os limites e as práticas que estavam dispostos a aceitarem. Estava disposta a tentar muita coisa e ir conhecendo, aos poucos, as outras. Confiava nele para que pudesse me guiar nesse sentido.

Estávamos na porta do meu edifício. Agora, não sabia como agir, se o convidava para entrar ou se me despedia dele. Parecia estranho não convidá-lo depois de passar quinze dias em sua

casa. Então, apenas aguardei.

— Posso ver a confusão em seus olhos. O que quer saber?

—  Se eu convido você ou se me despeço daqui. Não sei como agir. — Cruzei minhas mãos para ter algo a fazer. Carinhosamente, passou o dedo na minha bochecha.

— Você fica linda quando cora. — Não sabia o que dizer, então, apenas agradei.

— Obrigada, Jhonatan.

— Entre. Ligo para você amanhã. — Mesmo obedecendo, queria ficar ao seu lado mais um tempo.

O dia havia sido fabuloso. Tinha adorado estar com ele e conversar. Antes de entrar, olhei para trás. Seus olhos estavam colados em mim. Acenei e entrei. Meu corpo despertava quando eu estava próxima a ele; ele tinha uma energia contagiante. Seus olhos azuis cristalinos me enfeitiçavam. Embora soubesse que não haveria amor ou paixão, não pude evitar; estava fascinada por ele, e não me importava se não fosse recíproco... Eu o adoraria do mesmo jeito. Entrei no meu apartamento, tomei um banho e fui dormir.

“Minha perna direita estava suspensa... Estava completamente exposta para o

Senhor de mim... O shibari me excitava muito... Minhas mãos estavam presas nas costas... Meus mamilos doíam com o peso dos clamps... Estava calada e de cabeça baixa enquanto o Dono espancava a minha vagina... Ele a açoitava várias vezes...

Suas batidas foram para dentro das minhas coxas, fazendo-me ofegar...

— *Fique calada, cadela... Você é minha putinha... Minha vagabunda... — Sim, adorava quando Dono me humilhava... Amava agradá-lo, dar prazer a ele... Ele desceu com a cane para a planta dos meus pés... Gritei com a dor que senti... Ahh...*

Era muito intenso... Muito prazeroso... Trinquei meu maxilar para não gozar com as emoções que me invadiam... Ele tirou o seu pênis da calça e enfiou na minha boce-tinha... Ele era grande e grosso... Suas mãos apertavam minha cintura, causando uma dor deliciosa... Estava louca para gozar, mas não o faria...”

Jesus! Acordei mais uma vez ensopada. Aquilo teria que ter um fim, não era possível continuar assim. Lembro muito bem da Patrícia dizer que não gozava sem a permissão do seu Dono. Como eu faria para evitar isso se não conseguia parar de ter sonhos tão vívidos e eróticos? Meu telefone tocou e corri para atendê-lo

— Alô?

— Você está bem? — A voz de Jhonatan fez meu desejo voltar com força total.

Acabei gemendo. — Você está se masturbando?

— Não! Deus, juro que não. — “Meu Pai, ajude-me, o que eu vou fazer?”, pen-

sei.

— O que aconteceu? — perguntou, furioso.

— Mais um daqueles sonhos. — A verdade era que eu não queria nem dormir mais. — Jhonatan, está começando a ficar descontrolado.

— Está em casa?

— Sim, estou.

— Estou indo aí. — Ele desligou o telefone e eu corri para tomar um banho.

Queria estar apresentável, mas não teria tempo; o hotel onde ele estava hospe-

dado ficava a poucas quadras dali. Corri para a cozinha e liguei para o porteiro, para que autorizasse sua subida. Dei uma olhada na sala para ver se tudo estava em or-dem. Depois de tudo organizado, corri para o quarto para vestir uma roupa. A cam-painha tocou. Sem tempo para me trocar, fui atender a porta enrolada na toalha.

JHONATAN

O gemido que ela deu no telefone fez meu pau ficar duro como pedra. Um ciú-me violento novamente me atingiu. Para o bem da minha sanidade, esperava que ela estivesse sozinha. Quando confessou que foi um sonho, fiquei tão aliviado como um balão sendo esvaziado. Conversaríamos sobre as práticas e o seus limites. Essas negociações demoravam meses, mas, como ela estava próxima e ficou comigo por duas semanas, talvez pudéssemos encurtar esse tempo.

Cheguei ao seu edifício e o porteiro me deixou subir. Ela já tinha dado autori-zação. Cheguei ao seu apartamento e toquei a campainha. Ela atendeu a porta enro-lada em uma toalha, com seus cabelos negros molhados. Oh, por tudo o que era de mais sagrado! Eu teria um caso de bolas azuis antes que a tivesse da minha maneira.

— Testando o meu controle, Suzana? Tenha cuidado, pequena, você pode mor-der mais do que dá conta de engolir.

— Estava em um banho, Jhonatan. Não tive tempo de me trocar.

— Vá se trocar, Suzana. — Saiu correndo para o quarto e eu entrei em seu apartamento.

O ambiente era frio e sem vida. Até o meu apartamento tinha estilo... O dela era preto e cinza, com alguns toques de vermelho. Moderno e funcional. Não gostei do ambiente, era como se uma mulher não morasse ali. Não tinha revistas, nem flores,

Mr. S. Jones nem fotografias... Nada. Ela voltou do quarto em um vestido de florzinha. Cafona e muito desproporcional.

— Não entendi a sua decoração. — Ela olhou em volta, analisando a sala.

— Frio e sem vida... Como eu. — Ninguém a via. Fui o primeiro homem que realmente a olhou e que a fez se ver.

— Não acho saudável para você. — Ela deu de ombros, como se não tivesse a menor importância. No entanto, tinha... E muita.

— Era o meu espelho, eu o decorei como me sentia. Há pouco tempo atrás, tive um gato... Acho que o coitado não aguentou e resolveu se mudar. — Ela parecia completamente deslocada naquele lugar.

— Você não é fria, Suzana.

— Não agora, mas eu fui, Jhonatan. Muito. Até demais, para o meu gosto.

Achava que era uma maneira de me defender... Estar presa nesse lugar dia e noite, fins de semana e feriados, férias e fim de ano, era uma barreira entre as pessoas e eu. Aqui dentro eu não podia fazer ninguém sofrer e, também, não podia me machucar mais. Apenas ficava aqui, observando a rua, as pessoas, o movimento da água do mar... Me isolar das pessoas foi uma opção minha. Nunca me senti normal, e ne-nhum lugar era o meu lugar. Quando era casada, as mulheres que eram minhas ami-gas conversam sobre assuntos que eu não tinha o que acrescentar. Sempre fiquei na plateia, apenas como telespectadora.

A dor na sua voz me deixou paralisado. Entendi de onde vinha sua atração por voyeurismo; era um fetiche, às vezes ocasionado por uma perda ou por alguma inferioridade sexual. O fato de ter perdido tanto e de se sentir inferior a fez aprender a gostar de observar. Interessante...

— Como foi seu sonho? — Ela corou e desviou os olhos. Frustrante! Fascinan-

te!

— Estava amarrada e sendo espancada. Basicamente a mesma coisa, apenas com técnicas diferentes.

— Você assistia ao sonho ou era você quem estava vivenciando?

— Não entendi.

— Você se via no sonho, como se estivesse assistindo a cena, ou você estava na cena sendo espancada?

— Oh! — “Certo, não era bem essa resposta que eu queria”, pensei. — Nunca analisei isso. Era assistindo, mas eu podia sentir o cheiro e a dor.

— Você é uma voyeur. Gosta de assistir e se excita ao fazê-lo. — Lembrava-me perfeitamente do dia em que ela me viu no banheiro.

— Hmm... Por favor, Jhonatan, sente-se. Aceita um café ou um suco? Não lhe ofereço uísque porque não tenho bebidas alcoólicas aqui.

— Um café. — Ela saiu para a cozinha e eu fiquei analisando aquela porcaria de apartamento novamente. O lugar era grande e tinha uma excelente vista.

— Bonito por fora e feio por dentro — disse, assim que entrou na sala. Colocou a bandeja na mesinha do centro e se ajoelhou para servir o café. Acho que ela nem se deu conta de que estava de joelhos me servindo.

— Esse lugar não tem nada a ver com você. Nem as roupas.

— Se preferir, posso ficar nua, como fiquei no apartamento. Não me importo.

— Aquela mulher seria a minha tortura.

— Não precisa. Quanto às roupas, vamos ver isso adiante.

— Como quiser, Jhonatan. — Ah, pequena... Meu pau estava dolorido.

— Diga-me... Quanto às práticas, o que você gostaria de fazer e o que não tentaria?

— Aquelas chuvas marrons e douradas é algo que eu não quero. — Também não gostava, mas respeitava quem praticava.

— Estamos de acordo nisso.

— Parafilias com animais, insetos... Essas coisas também não.

— De acordo. — Até agora, tudo bem.

— Gostei do *shibari*, do *spanking*, do *dog play*. — Ela parou, corando. Eu ex-plodiria como um maldito adolescente!

— O que mais?

— Mordaça, venda, vela, algema, suspensão, chuva prateada, clamps, eletroes-timulação, prisão em cage, máscaras, açoites, chibatas... — Enquanto ela falava, eu ouvia. Tudo o que ela disse foram coisas que ela presenciou no clube. Assistiu a várias sessões. Sua lista era boa, mas tínhamos algumas divergências e seria discuti-do.

— O que acha da asfixia?

— A asfixia, o fisting e a asfixia por afogamento são coisas que não me atraem, mas eu tentaria, para ver como é. São coisas que eu não posso saber se vou gostar se não tentar.

— Estar aberta para isso é um grande passo, pequena. E irmã de coleira?

Elle Elle Elle Ela fez uma careta com a ideia.

— Não sou bissexual... Mas... Não sei... Não posso dizer que tentaria.

— Você não precisa ser uma bissexual para ter uma irmã de coleira.

— Não?

— Não.

— Então, tudo bem ter uma irmã de coleira. — Aceitou com muita naturalidade. Gostei disso nela. Guardei a informação para avaliar depois.

— Precisamos falar sobre disciplina, principalmente sobre humilhação. — Ela teve problemas em ver isso na submissa do Paulo. Queria saber como ela se sentia.

— Se for de sua vontade, que assim seja.

— Mas? Percebi que tem algo a mais aí.

— Não sei se posso decidir por isso ou escolher. Só não queria que fosse feito na frente de outras pessoas.

— E se eu quisesse?

— Eu respeitaria e aceitaria, se assim você quisesse.

— Tem certeza, Suzana? — Observei-a bem de perto, para saber se ela realmente estava disposta a aceitar; porque era da minha vontade.

— Sim, tenho certeza.

— Muito bem, Suzana. Estou satisfeito.

— Eu tentaria de tudo um pouco. Estou disposta e aberta para as práticas, desde que estejam dentro SSC. Não tem como eu dizer se gosto ou não se eu não tentar.

— Confiaria em mim para guiá-la, Suzana?

— Sim, confio para que possa me guiar. Tenho a plena confiança e certeza que será responsável comigo. — Veríamos isso da forma mais gostosa e prazerosa para ambos.

Capítulo 13



SUZANA

No início, foi um choque cultural muito grande. Sempre estive aberta para ou-vir e entender. Foi difícil, até começar estudar e ler sobre o assunto. Aos poucos, o choque foi cedendo e a curiosidade ganhando espaço. Depois do conhecimento, veio o prazer, a satisfação, a confiança e a entrega. Queria me entregar, queria servir, queria ser cuidada. Desejava isso mais do que havia desejado qualquer outra coisa.

Passamos o dia conversando.

Fui para a cozinha e fiz o almoço para ele. Ele aprovou meu tempero, e fiquei satisfeita por ele ter gostado. Era difícil, para mim, aceitar tantos elogios. Passei anos sem ouvir nada de ninguém... Um elogio sobre a minha beleza, sobre o meu corpo ou até mesmo o meu comportamento era bem-vindo. A vida me deu vários tombos. Perdi coisas que, para mim, eram parte do que me

faziam mulher. Sofri e chorei em silêncio. Agora eu teria com quem compartilhar, sem ter medo de ser discriminada.

Era o momento de começar, de me entregar, de dar a alguém a quem confiava o controle da minha vida, de seguir, pela simples vontade de servir. Era a minha entre-ga, o meu renascimento, a minha descoberta, o meu prazer e a minha servidão.

Domme Darkness Passamos os próximos dez dias falando sobre tudo. Nada foi deixado para trás. Conhecer Jhonatan aumentou ainda mais minha confiança nele. Um homem respon-sável, honesto, íntegro e muito ético. Ele era exigente e muito perfeccionista. Estava atento a tudo, e era isso que me fazia confiar nele plenamente.

Fomos ao médico e fizemos todos os tipos de exames possíveis – e inimaginá-veis. Ele foi atencioso ao falar com o meu ginecologista. Tirou todas as informações necessárias sobre os riscos, ou se havia alguma infecção.

Sua preocupação era com o meu estado físico. Sabia disso, mas saber que de alguma forma ele se preocupava comigo me deu um conforto e um alento sem pre-cedentes.

No fim das férias dele, meu coração já não cabia de tanta aflição, ansiedade e desejo. Ouvir sua voz, estar perto dele e não ser tocada... Era um verdadeiro teste de controle. Não via a hora de ter suas mãos em mim, de ouvir suas ordens, de sentir o cheiro do couro e o assobio da chibata. Quanto mais o tempo passava, mais ansiosa eu ficava.

Liguei para a empresa no começo do dia e pedi os três meses de férias. Meu pedido foi aceito. Passei, à tarde, na empresa, para assinar os papéis das férias e acertar o restante das coisas que havia deixado pendentes antes do acidente.

No fim da tarde fui para a clínica, para tirar o gesso. Agradei por isso; não aguentava mais ficar mancando de um lado para o outro. Saí de lá e fui caminhar na praia. A sensação de estar com os dois pés na água era libertadora. Não vi ninguém se aproximar, até meu braço ser agarrado com força.

— Ai! — Olhei, para ver quem me agarrava, e fiquei tensa.

— Olá. — Domme Darkness segurava meu braço com uma força enorme.

— Olá, Senhora.

— Aprendeu bons modos, menina? — Não sabia o que responder, nem como agir. O pior é que ali não tinha ninguém para me proteger.

— Por favor, Senhora, solte meu braço.

— Diga-me: Riddle vai lhe dar uma coleira? — A pergunta de um milhão. Não fazia a menor ideia, não tínhamos conversado sobre isso, ainda. — Vejo minha res-posta. A gente se vê por aí, pequena. — Observei-a sair de perto. Minhas pernas tremiam e meu coração batia acelerado.

Voltei chateada para o apartamento. Aquela Domme seria um carma na minha vida dentro daquele Castelo. Agora, não sabia se falava ou se me calava. Ela não fez

nada além de me agarrar pelo braço... Não queria bancar a fofoqueira ou a garotinha manhosa. Não me encaixava em nenhuma das duas.

Estava na porta do edifício quando um Jhonatan muito furioso saiu do carro e veio ao meu encontro.

— Onde esteve? — Sua voz era controlada, porém, seu rosto mostrava toda a irritação.

— Fui à empresa assinar minhas férias. Passei no médico para tirar o gesso e, depois, fui à praia caminhar na beira-mar. — Como falaria para ele sobre a Domme?

— Como está o seu pé?

— Melhor. O médico disse que não seria necessário colocar o gesso novamen-

te.

— Vamos subir, precisamos conversar. — Entrei, com ele ao meu lado.

Subimos para o apartamento em completo silêncio. Tinha que falar para ele so-

bre a Domme. Não queria vê-lo ainda mais chateado e mais irritado do que já estava. Chegamos ao apartamento e minhas mãos estavam trêmulas. Por duas vezes tentei colocar a chave na maldita fechadura e não consegui.

— Me dê as chaves.

Passei-as para sua mão e esperei que ele abrisse a porta. Ele abriu, entrou e eu o segui.

— Preciso falar algo para você, Jhonatan — disse, baixando a cabeça.

— Tenho certeza disso.

Não ia perguntar como... Ele me conhecia bem para saber o quanto estava nervosa e tensa.

— Não sei por onde começar.

— Comece me olhando. E não minta para mim.

— Não vou, só não quero passar por fofoqueira ou encrenqueira.

— Você confia em mim, Suzana? — Sua pergunta saiu em tom de desafio. Não era confiar ou não, era fazer intriga sem necessidade.

— Eu confio.

— Então, por que está indecisa sobre me contar ou não?

— Porque não quero fazer intrigas. Não quero fazer fofoca...

— Você está sendo repetitiva. Entendi quando disse a primeira vez.

— A Domme Darknesse estava na praia e veio falar comigo.

— Quero saber exatamente o que ela te disse. Palavra por palavra.

—  Ela perguntou se eu tinha aprendido bons modos e se você me daria uma co-leira.

Não respondi a nenhuma das duas perguntas, apenas pedi que ela soltasse meu braço, aí ela disse: “já tenho minha reposta”.

— E depois?

— Ela me soltou e foi embora.

— Você conseguiu as férias?

— Sim, assinei minhas férias e peguei os setenta e cinco dias que ficaram para

trás.

— Estamos subindo para Teresópolis. — Ia perguntar da co-leira, mas me mantive quieta. Tinha certeza que ele falaria sobre o assunto assim que chegássemos lá.

— O que devo levar?

— Nada de roupas, apenas objetos de uso pessoal.

— Não demoro. — Fui para o quarto e peguei uma mala pequena. Coloquei minhas joias e meus perfumes preferidos, uma foto dos meus pais, computador, *Tablet* e alguns livros. Olhei em volta, para ver se não estava esquecendo algo, e saí.

— Estou pronta. — Essa palavra tornou tudo real. Estava pronta para minha nova vida.

DOM RIDDLE

Não gostei do encontro dela com a Darknes. A situação estava começando a ganhar espaço e sair do controle. Ficaria em cima daquela Domme até ela tentar cometer um erro... E ela tentaria. Estaríamos prontos para agir quando ela escorre-gasse. Agora, minha atenção tinha que estar voltada para a pequena descoberta ao meu lado. Algo em mim dizia que ela seria uma excelente escrava. Desde o início, vi algo diferente nela. A estrada foi longa. Ela nunca lutou contra sua servidão... Seu conflito foi apenas por valores preconceituosos, que acabaram no momento em que ela se aprofundou no estilo de vida BDSM.

Para muitos, aquilo não era servidão ou submissão. Sempre pensei que, quem vivia de modo baunilha e depois descobria sobre o BDSM, acabava sentindo esse conflito. Não pensava que fosse uma forma de avaliar se a pessoa era submissa ou não. A minha forma de avaliar era a sua

aceitação, se existia o preconceito na pes-soa ou se era fruto de uma criação com conceitos arraigados. Suzana teve o conflito, mas nunca lutou contra seu lado submisso - e eu duvidava que o faria agora.

A viagem foi tranquila e silenciosa. Ela acabou dormindo na metade do cami-

nho.

- Suzana? Acorde, chegamos — chamei-a, assim que chegamos.
- Desculpe-me, Dom Riddle.
- Vamos descer.

Depois de instalada, falaríamos sobre as minhas regras. Agora as coisas muda-riam, e ela sabia disso. Começaríamos devagar; ela era inexperiente e ainda tinha que aprender muito. Observei ela vir do seu quarto... Só dormiria no meu quando eu quisesse.

- Agora, vamos falar das minhas regras.
- Perfeitamente, Dom Riddle.

— Vai estar de joelhos sempre que estivermos sozinhos e quando quiser que aconteça. Mantenha seus olhos baixos. Vai me tratar como Dom Riddle, como tem feito até hoje, até que eu resolva que seja diferente. Vai obedecer sem perguntas. Quando estivermos sozinhos, pedirá para ser expressar. Sempre pedirá minha per-missão para falar com outro Dominador ou submissos... Isso inclui a escrava do Shadow. Fará amizades somente com quem eu permitir. Pedirá permissão para ir ao banheiro, comer e tomar banho. Sua alimentação será feita aqui no apartamento. Você vai comer somente o que for estabelecido pela nutricionista do Castelo. Fará exercícios todos os dias, de manhã... Entenda que isso é para a sua saúde e resistên-cia física. Ficará à minha disposição 24 horas por dia, 7 dias por semana. Quero você nua quando estiver em casa. Vou permitir que fique mais à vontade quando eu estiver trabalhando, mas isso não quer dizer que as demais ordens não terão que ser cumpridas. Vou suprir todas as suas necessidades com muita responsabilidade. Você vai vestir e calçar o que eu fornecer para você. Não usará perfume ou qualquer cos-mético que elimine o seu cheiro natural. Você vai me obedecer e me servir, exata-mente como foi o combinado. Não vou exigir de você nada além do que foi negoci-ado entre nós. Seu celular ficará ligado o tempo todo para receber minhas ordens. Não ultrapasse o limite me desobedecendo. Nunca, jamais, vá ao Castelo sem que eu ordene. Você tem alguma pergunta?

- Sim, Dom Riddle.
- Faça.

- Vou usar uma coleira?
- Não, até que eu queira.

Dom Riddle Não daria uma coleira a ela, por enquanto. Analisaria a sua subserviência na-queles próximos meses e veríamos como ficaria a maturação da relação.

— Você vai usar minhas algemas, as mesmas que você usou para assistir as sessões. Mais alguma pergunta?

— Agradeço pela explicação. Não tenho mais perguntas, Dom Riddle.

— Alguma dúvida?

— Não, Dom Riddle.

— Esse estilo de vida não é uma brincadeira, para mim, e nem um passatempo, felina. Levo muito a sério. É importante para mim e para as pessoas que comparti-lham dele. Não confunda as coisas... Você não é a minha esposa, amante ou namo-rada; é a minha escrava. Vou dar a você o quer for necessário. Vou mimá-la e agra-dá-la quando eu quiser; em todo o resto, você me agrada, me serve e me honra. A minha reputação está em seu comportamento e sua conduta. Não esqueça que você, sendo minha escrava, é uma extensão minha, e seu comportamento tem que refletir o meu. Você entendeu minha colocação, pequena?

— Perfeitamente, Dom Riddle.

— Vá tomar um banho e volte para a sala.

— Como quiser, Dom Riddle.

Ela saiu para o quarto e eu fui me servir de um copo de uísque. Precisava rela-xar e me manter calmo. Estava louco para entrar naquele corpo quente e curvilíneo, e faria; depois que brincássemos um pouco.

Seria sua primeira noite como minha submissa. Ainda tínhamos alguns pontos para esclarecer; todos eles sobre convivência. Como qualquer ser humano, dividir espaço e se adequar um ao outro era um aprendizado que iríamos aperfeiçoando no dia a dia.

SUZANA

Não via a hora de ser usada por ele. Concordei e aceitei tudo o que ele disse. Boa parte das suas ordens já tinha ouvido da Patrícia. Não estava nervosa e nem com medo, estava ansiosa e excitada. Não demorei muito no banho, não queria e não o faria esperar por mim.

Voltei para a sala, pus-me de joelhos e mantive meus olhos baixos, exatamente como ele havia me instruído.

— Levante suas mãos. — Seu comando era calmo e firme. Fiz como ele pediu e senti o peso das algemas em meus pulsos. Meu corpo reagiu de imediato às algemas, causando um arrepio. — Você será chamada de felina — disse, ao puxar meu cabelo, fazendo com que o olhasse. — Gosto desse nome. Cabelos negros como a noite e um olhar felino como os de uma gata. — Àquela altura, estava ofegante. Amei o nome, ele já tinha me chamado assim antes. — Levante-se.

Prontamente me coloquei de pé e com os olhos baixos. Meus cabelos ainda estavam em sua mão. Ele se aproximou do meu pescoço e me cheirou. Passou seu nariz por toda a extensão, até o ouvido, e mordeu minha orelha.

— Oh... — Sua respiração acelerou, fazendo a minha acelerar também. Tão bom quanto durou, acabou. Ele se afastou, soltando meu cabelo, e se sentou. Voltei a ficar de joelhos novamente.

— Venha aqui, felina. — Levantei-me, para me aproximar, e ele me parou. — De joelhos, felina. Irá me atender sempre de joelhos. — Não esqueceria daquilo, não cometeria aquele erro novamente. Com os joelhos e mãos no chão, aproximei-me dele, e me senti muito bem ao fazê-lo. — Fique de pé, quero apreciar o que me pertence. — Me levantei e fiquei na sua frente, completamente nua. Suas mãos tocaram meus mamilos e os apertaram, causando uma dor aguda. Um raio de desejo me fez arquejar. Meu coração acelerou os batimentos e minha vagina ensopou. — Abra suas pernas. — Assim que fiz, suas mãos me tocaram lentamente. Ele acariciou do meu joelho ao púbis. Seu toque era lento e sutil. Parou, com os dedos nos meus pelos. — Você terá completo acesso ao spa do Castelo. Quero que cuide do que é meu e mantenha minha bocetinha depilada. — Bateu no meu púbis, com força suficiente para me deixar sem fôlego.

— Ohh...

— Quero ouvi-la gemer, felina. Não se reprima, porém, não se esqueça de fazê-lo com respeito.

— Entendi, Dom Riddle.

— Não goze, a menos que a ordene. Mantenha seu controle. — Como aquilo seria difícil com ele me tocando tão intimamente... Meu esforço seria sobre-humano, no entanto, não o desapontaria. Era exatamente como nos meus sonhos; libertador, prazeroso e muito erótico.

— Vire-se de costas e coloque suas mãos nos tornozelos. Mantenha as pernas

retas.

Dom Riddle Fiz como me foi instruído e, pelo vão das pernas, vi-o se levantar e seguir para o quarto.

Minha excitação era descomunal, e a espera só aumentava ainda mais o meu prazer. Vi quando ele voltou e, em sua mão, trouxe uma palmatória de couro. Meu corpo acordou com a palmatória. Ele a usaria, proporcionando-me o mesmo prazer que senti da outra vez, apesar de que, agora, eu não tinha medo e nenhum pânico do que estava por vir. Meu corpo receberia o que tanto necessitava e implorava.

Aproximou-se e abriu meus lábios vaginais. Inseriu algo dentro do meu canal. Estremeci com a intrusão, mas não me mexi.

— Sei que não tem relação há muito tempo. Serei cuidadoso para não machucá-la.

— Obrigada, Dom Riddle. — Minha voz saiu quase inaudível. Meu corpo estava tenso com a posição e a espera do que estava por vir.

— Espalme as duas mãos sobre a mesa e não se levante. — Fiz como ele instruiu.

Suas mãos acariciaram minha bunda com delicadeza, como se estivesse a adorando. Elas sumiram e a primeira batida veio. Acariciou minha bunda com a palma-tória e bateu novamente. Minha bunda estava dolorida, porém, o prazer era intenso. Como da outra vez, concentrei-me nas sensações ao invés da minha bunda. O prazer era intenso, a dor era muito erótica. Estava começando a chegar ao limite quando algo dentro do meu corpo começou a vibrar.

— Ahhh... — Mais batidas vieram. A sensação da dor com a vibração em meu canal me levou ao limite. Eu gozaria, não havia maneira de parar aquilo. — Por favor, por favor... Dom Riddle, por favor... — Comecei a implorar por liberação.

Meu corpo explodiria a qualquer minuto, e, por mais que eu tentasse, não conseguiria parar. Finalmente, o vibrador parou... Estava ofegante e podia sentir minha excitação escorrer pelas pernas. Meu corpo inteiro estava tenso e suado pelo esforço.

DOM RIDDLE

Era uma visão linda e muito erótica. Sua bunda estava bem vermelha e com a minha marca. Sua excitação era intensa, e seu controle incrível. Aguentou muito bem e conseguiu se segurar. Não aguentava mais esperar; meu desejo para estar dentro dela era descomunal. Ela tinha uma bunda deliciosa. Toquei seus lábios vagi-

nais e acariciei lentamente seu clitóris, que estava duro e sensível. Subi meus dedos para o seu cuzinho delicioso. Podia jurar que ele nunca havia sido usado.

— Seu cuzinho é virgem, não é?

— Sim, Dom Riddle. — O primeiro orgasmo dela foi comigo e, agora, eu seria o primeiro a deflorar aquele cuzinho tão apertadinho.

— Vou foder você bem aqui. Vou ter meu pau enterrado até as bolas nesse bunda que me pertence. — Lubrifiquei ainda mais seu cuzinho e, com o dedinho, empurrei lentamente. — Relaxe os músculos, felina. — Não ia tomá-la ali naquele dia, teria que prepará-la antes. No entanto, brincaria um pouquinho. Tirava a ponta do dedinho e colocava, empurrando lentamente, para apenas sentir o prazer que seria quando a tomasse por ali.

— Hmm... — ela ronronava. Era excitante pra caralho! Tirei meu pau do maldi-to confinamento e me aproximei dela. Tínhamos feitos todos os exames, nada me impedia de possuí-la sem proteção. Tirei o vibrador do seu canal e coloquei a cabeça do meu pênis na sua entrada.

— Não se mova. — Enfiei meu pênis no seu canal extremamente apertado. Es-tava escorregadia e quente.

— Ohh... Jesus! — Dei um tapa em sua bunda, com força.

— “Dom Riddle”, diga! — Enterrei-me até minhas bolas baterem em sua bocetinha.

— Dom Riddle! Ohhh... — Comecei a movimentar lentamente. Não a machucaria, manteria um ritmo até o seu canal se acostumar com a invasão. A posse que eu senti foi descomunal. Agarrei-a pelos cabelos, trazendo-a para perto de mim.

— Minha cadela! Minha putinha! Você é minha, felina! — Investi duro, segurando-a pelo cabelo.

— Sua, Dom Riddle! Sua posse, sua cadela! — Sim, e seria assim por muito tempo. Concentrei-me no que estava fazendo e a fodi segurando o seu cabelo. O cheiro do suor da sua excitação era inebriante. O som de pele contra pele, sua bunda vermelha e seus gemidos me levaram ao

limite. Coloquei minha mão no seu clitóris e massageei, para que ela gozasse comigo.

— Goze para mim, cadela! — Aumentei a pressão no seu clitóris e investi duro.

Rugi meu orgasmo, com ela se juntando a mim. Mantive-me preso a ela até me recuperar. Minutos depois, retirei-me lentamente.

— Hm...

— [REDACTED] Desconfortável e dolorida?

— Sim, Dom Riddle. — Sua respiração era rasa. Estava tão ofegante quanto eu.

— Muito bom, cadelinha. Amanhã, quando se sentar, vai saber quem esteve dentro de você. Vá para o seu quarto, e não tome banho. Vai dormir com o meu cheiro em você.

— Como quiser, Dom Riddle. — Afastei-me, dando espaço para que ela pudesse sair.

Entrei no meu quarto e fui até o banheiro para tomar banho. Depois disso, vesti-me e peguei uma pomada para passar naquela bela bunda que ela tinha. A pomada aliviaria a dor e o desconforto que sentiria durante a noite. Entrei em seu quarto e a encontrei deitada.

— Vire-se — exigi, ao me aproximar da cama. Passei a pomada lentamente, evitando aumentar o seu desconforto.

— Como se sente?

— Muito bem, Dom Riddle.

— Está confusa? — perguntei. Olhei-a atentamente.

— Não, Dom Riddle, estou bem.

— Está com fome?

— Não, apenas com sono.

— Não é saudável dormir de estômago vazio. Ligue para o hotel e peça algo para você comer. Não se esqueça de atender a porta de roupão... Você é minha, e não quero que ninguém veja o que me pertence.

— Como quiser. Devo pedir algo para você, Dom Riddle? — “Atenciosa...

Gostei disso”, pensei. Toda a nossa comida viria do hotel; menos nos dias em que quisesse que ela fizesse. Ela tinha um tempero incrível.

— Não, estou indo para o Castelo. Me alimento por lá.

— Obrigada, Dom Riddle. — Fiquei sem entender.

- Pelo que, felina?
- Por tudo. Serei eternamente grata por tudo o que fez e tem feito por mim.
- Demonstre essa gratidão em servidão, felina, e ficará tudo bem. Até amanhã.
- Até amanhã, Dom Riddle.

Não ia demorar muito no Castelo. Estava exausto e precisava de uma boa noite de sono para enfrentar os problemas que me esperavam no escritório. Enquanto caminhava, pensava nela. Seu controle no *spanking* era extraordinário. Ela era muito

obediente, mantinha-se atenta a tudo o que eu dizia e em nenhum momento ficou com medo ou entrou em pânico. Sua confiança em mim me deixava envaidecido. Não há nada que um Dom aprecie mais do que a confiança e a subserviência que sua submissa tem nele.

Tínhamos o bem mais preciso que qualquer ser humano poderia ter. Era de in-teira responsabilidade cuidar daquele lindo presente. Elogiar, quando necessário, mimar, quando merecido, e cuidar sempre. Era uma relação de entrega e poder. Dominar e submeter. Compartilhar algo que trazia prazer a todos os envolvidos; sempre com muita responsabilidade, coerência e muito bom-senso. Manter-se sem-pre no SSC, para que todos os envolvidos estivessem seguros. Ser meticuloso com as práticas e estar sempre buscando por conhecimento. O aprendizado era importan-te para qualquer Dominador. Nunca tinha fim, a cada dia aparecia algo diferente, ou um efeito diferente.

Entrei no Castelo. A música do Iron Maiden, “Fear of The Dark”, deu-me boas-vindas. Realmente apreciava meu estilo de vida, gostava do meu clube. Viver o BDSM e trabalhar nele sempre foi o meu sonho.

Segui para o bar e comecei a cumprimentar os associados. A rotina era a mes-ma todos os dias, não abria mão disso. Trocar ideias e ouvir possibilidade de mu-danças era sempre bem-vindo. Evoluir sempre era essencial para que um negócio como o meu desse certo.

Encontrei Paulo, com sua escrava, no calabouço.

— Olha quem está de volta...

— E aí, tudo bem, meu amigo? — cumprimentei-o, dando um abraço.

— Tudo ótimo. Como foi de férias?

— Excelente. — Sorri ao pensar no quanto foi produtivo.

— Ela veio com você?

— Sim, está em casa. — Olhei para a sua escrava. Ela estava ajoelhada e se es-fregava nas pernas do Paulo. Quase sorri ao ver. Aquele era o seu modo de pedir algo a ele.

— O que foi, cadelinha?

— Senhor Dono de mim, me daria a permissão para ver a submissa Suzana? —

Tão graciosa no seu pedido... Muito lindo ver uma escrava se comportando assim. Um excelente comportamento dizia exatamente o tipo de Dominador que ele era.

— Está tudo bem se ela for, Riddle?

—  Hoje, não. Se ela quiser ir amanhã e ficar com ela à tarde, está tudo bem. Ela estava cansada e com sono quando saí de lá.

— Ouviu, minha paty? Amanhã eu permito que vá vê-la.

— Obrigada, Senhor de mim.

— Pensou no assunto que conversamos?

— Pensei, no entanto, as coisas mudaram.

— Mudaram como?

— Ela a encontrou. Está ganhando espaço e me deixando completamente irrita-

do.

— Fez algo desproporcional?

— Não, mas só dela chegar perto, mesmo de sobreaviso, me deixa enfurecido.

— Ficaremos de olho nela.

— Sem dúvidas. A felina está avisada, só entra aqui quando eu permitir ou for buscá-la.

— Faz bem.

— Como estão as coisas no escritório?

— Tudo bem. Papeladas, burocracias... Exatamente como antes. — Ele sorriu.

Não pude evitar.

— Sorrindo, Riddle?

— Sabe, isso está começando a ficar chato, homem. Você e o Fire não me dão

trégua.

— Quem disse que amigo tem que ser legal o tempo todo? — Acenei concor-

dando.

Eles eram um pé no saco quando queriam.

- Queria te perguntar algo.
- Qualquer coisa.
- Você sabe o que aconteceu com o Willian e o Marcos?
- Não.
- Tem algo ali.

— Olha, Riddle, o Willian é um cara extremamente atencioso e observador. O incomoda muito ver a escrava do Marcos aqui, todos os dias.

— Isso não é problema dele. — Eu conversava com meus amigos, mas nunca dei espaço para se envolverem nas minhas relações. Paulo foi o único que teve esse contato tão próximo.

— Talvez seja por outra coisa. Willian reparou que ela estava mancando naquele dia da reunião.

— Aquele dia também foi o primeiro em que eu vi os dois se estranharem.

— Vamos ficar de olhos na situação. — Ficamos conversando por mais alguns minutos e, depois, subi para as masmorras.

SUZANA

Agora eu entendia bem o que as minhas amigas diziam com “eu fui bem usa-da”. Era assim que estava me sentindo. A pobre da minha bocetinha estava dolorida, e meu traseiro pegando fogo. No entanto, não mudaria nada. Ter suas mãos em mim e sentir seu membro entrar em meu corpo seriam memórias que guardaria comigo para o resto da vida.

Seu cheiro estava todo em mim. Seu gozo melava toda a minha bocetinha, e eu não mudaria isso. Sentia-o mais próximo a mim. Sua posse e dizer que eu era sua me deram uma felicidade sem tamanho. Não via a hora de fazermos a nossa primeira sessão... Daria tudo de mim, faria o possível para agradá-lo de todas as maneiras.

Gostaria de falar com Patrícia, trocar ideias, ter alguém para conversar. Pediria a sua permissão para ligar e falar com ela. Era a minha única amiga desde que havia chegado ao Rio, e, ao que parece, seria a única por muito tempo. Terminei o meu jantar, lavei a louça e fui me deitar.

Capítulo 14



Na manhã seguinte, acordei com o seu olhar em mim. Estava acostumada a acordar com essa sensação. Era gratificante e muito erótico.

— Bom dia, Dom Riddle.

— Bom dia, felina. — Levantei-me da cama e ajoelhei aos seus pés. Sentia-me bem ao fazê-lo. — Coloque sua cabeça no meu colo. — Fiz como ele pediu e suas mãos foram para o meu cabelo, acariciando-os. — Gosto do seu cabelo... Seda ne-gra. Não o corte de maneira nenhuma, felina.

— Não o farei, se desejar, Dom Riddle. — Ficamos assim por um longo tempo.

— Faça sua higiene, tome seu banho e me encontre na sala.

— Perfeitamente, Dom Riddle. — Fiz a minha higiene, tomei meu banho e fui encontrá-lo na

sala. Ajoelhei-me e esperei por suas ordens.

— Venha aqui, felina. — Aproximei-me dele e esperei. — Olhe para mim. —

Levantei meus olhos e me perdi no oceano que eram os seus. — Para isso dar certo, tem que haver naturalidade da sua parte. Quero que você se sinta à vontade. Não tem que ser uma coisa mecânica... Entende o que quero dizer para você?

— Eu entendo, Dom Riddle. Obrigada por esclarecer.

— Você sabe o que tem que ser feito, então, não espere que fique lhe dando ordens a cada cinco segundos.

— Não o farei, Dom Riddle.

— Muito bem. — Entendia perfeitamente o que ele queria dizer.

— Com licença, Dom Riddle. — Fui para a cozinha preparar o nosso café.

Fiz tudo o que ele gostava de comer no café da manhã. Preparei a mesa e voltei para a sala.

— O café está servido, Dom Riddle. — Ele largou o seu jornal e foi para a mesa. Servi-lhe o café, do jeito que ele gostava, e esperei.

— Sente-se e tome seu café. Quando estivermos a sós em casa, irá fazer suas refeições à mesa, comigo. Se estivermos entre amigos, fará na cozinha, com as demais escravas.

— Obrigada, Dom Riddle. Aceita um pouco mais de café?

— Não, estou bem. — Tomamos nosso café em silêncio. Quando ele terminou, resolvi perguntar sobre o meu dia:

— Dom Riddle, permita-me fazer algumas perguntas?

— Pode fazer.

— Vou começar na academia hoje? — Nunca havia pensado em fazer academia, mas estava animada para começar.

— Não. Agora, iremos até as lojas, para comprar o que eu quero que você use no dia-a-dia e para quando formos ao Castelo.

— Dom Riddle, me permitirá falar com a Patrícia?

— Vou, sim. Por falar nisso, ela virá ficar com você à tarde. — “Que maravilha!”, pensei. Aquele era um grande presente. Levantei-me da cadeira, fiquei de joelhos e lhe beijei a mão.

— Obrigada! Adoraria falar com ela, estou feliz por me permitir, Dom Riddle.

— Felina, quero que seja feliz, assim como quero que você me faça. A relação

é entre duas pessoas. Ela só dará certo se as duas pessoas envolvidas se sentirem bem uma com a outra.

— Vou ao Castelo vestida com o roupão ou coloco a roupa que vim do Rio,

Dom Riddle?

— Com o roupão, e jogue fora a que você trouxe. Suas roupas são horríveis. É desagradável olhar uma mulher tão linda se vestir com algo tão grosseiro.

— Oh! — Nunca havia pensado que minhas roupas eram desagradáveis. A maioria delas era para trabalho e o restante para ficar em casa, algo mais confortável.

—  Você tem belas curvas e precisa valorizar isso. Bom, agora, vamos lá, tenho muita coisa para fazer no escritório.

— Com licença... Vou buscar o meu roupão, Dom Riddle

— Não demore.

— Não vou. — Corri para o quarto e coloquei o roupão. Nunca gostei de fazer compras, mas, agora, sentia-me empolgada para ir; estando em sua companhia, era melhor ainda.

— Estou pronta, Dom Riddle.

— Vamos.

Assim que descemos as escadas, fui surpreendida pelo seu ato. Ele pegou mi-nha mão e a colocou em seu braço. Um ato simples, mas que teve um grande valor.

— Sempre que sairmos, você vai segurar no meu braço. Significa que você é minha... Não que sou seu.

— É uma honra, Dom Riddle. — Não importava... Pertencê-lo era o que eu mais queria.

Atravessamos o gramado e entramos no Castelo. Seguimos diretamente para o restaurante. Mantive meus olhos baixos, e minhas ações eram feitas exatamente como ele havia me instruído. Eu estava feliz... Durante muito tempo estive sozinha, e, agora, fazia parte de algo onde não me achava diferente, onde havia encontrado o que eu sempre vinha buscando, o lugar onde me sentia completa. O estilo de vida BDSM era o meu estilo, era onde eu me encaixava.

Paramos na mesa onde Dom Riddle sempre se reunia com os amigos. Ele se sentou, e eu me ajoelhei ao seu lado. A conversa fluía na mesa, até Lord Fire me cumprimentar.

— Olá, felina, como está? — Antes de responder, olhei para Dom Riddle, para pedir sua permissão. Ele acenou, dando-a.

— Bom dia, Senhor Lord Fire. Estou bem, e o Senhor?

— Bem, também, pequena. — A conversa continuou, e eu me mantive no meu lugar.

Não demorou muito para o Senhor Lord Evil e sua submissa chegarem. Ele se sentou, e ela,

como eu, ajoelhou-se ao seu lado. Seus olhos estavam baixos, e ela também mantinha sua cabeça baixa. A forma do seu Dominador tratá-la era diferente da de Dom Riddle. Ele me instruía para manter os olhos baixos, não a cabeça. Fiquei a observando por um bom tempo... Ela devia ter percebido, porque me olhou.

Perdi o fôlego ao vê-la tão claramente. Ela era linda, porém, seus olhos estavam sem brilho; sua aparência era de uma mulher cansada. Ela tentou sorrir, mas seu sorriso não chegava aos olhos. Chocada, tentei esboçar um sorriso, mas acho que saiu mais como uma careta do que qualquer outra coisa. Pensei que, já que a Patrícia estava indo para ficar comigo à tarde, ela também poderia participar. Toquei na perna de Dom Riddle, para pedir permissão para o convite.

— O que foi, felina?

— Dom Riddle, me daria a permissão de convidar a submissa do Senhor Lord

Evil, para ir a essa tarde no apartamento, para ficar comigo e a Patrícia? — Ele me olhava e avaliava minha pergunta.

— Vamos conversar sobre isso depois.

— Perfeitamente, Dom Riddle. — Observei-a novamente. Ela já havia voltado a baixar sua cabeça.

Meu olhar correu por todo o seu corpo. Ela parecia magra demais, e uma mancha de sangue aparecia no seu pé esquerdo. Fiquei preocupada, porém, lembrei-me das regras do clube: nunca se envolver na relação de um Dom e uma submissa.

— Vamos, felina. — Coloquei-me de pé, para segui-lo.

Minha euforia tinha acabado. Ver aquela submissa naquele estado me deixou transtornada. Nunca via Patrícia naquele estado; pelo contrário, ela estava sempre feliz e sorridente. Sempre demonstrou uma aparência saudável. Seus olhos tinham um brilho especial... Mas aquela ali era totalmente diferente.

— Qual o problema, felina? — Olhei em volta e percebi que estávamos no pavilhão das lojas. — O que foi?

— Não sei se devo. Aliás, sei que não devo, porém, não posso deixar de me comover.

— Não estou conseguindo acompanhar. — Sua voz estava calma, mas, como sempre, sua expressão era fria.

— Ela não tem o brilho que vejo nas outras submissas. Ela não sorri, e seu pé sangrava. Ela

tem uma aparência cansada.

— Não se envolva, felina, não é da sua conta. Lembre-se que todas têm a pala-vra segura. Se ela não se sente feliz, precisa apenas dizer a palavra.

— Permissão para me expressar, Dom Riddle.

— Tome cuidado com o que vai dizer, felina, posso ver sua explosão chegando.

— Respirei fundo, tentando me controlar.

— **Dom Riddle** E se ela o ama? Se ela faz isso achando que é uma forma de servi-lo? Não importa o quanto isso doa nela, ela vai servi-lo de qualquer maneira, mesmo não sendo saudável.

— Lembra do SSC?

— Sim, Dom Riddle.

— Muito bem. Mantenha isso em mente e não teremos problema. Se não esti-ver bom para você, podemos conversar. Os pilares do BDSM servem tanto para mim quanto para você. Não se esqueça da importância do diálogo, e lembre-se que você sempre pode dizer a palavra segura. Tenha certeza antes de pronunciá-la. Se não estiver satisfeita com a relação, entregue a coleira. São os únicos direitos que uma escrava tem.

— Achei que o bem-estar da submissa era da responsabilidade do Dono. — O olhar gelado que ele me direcionou me congelou até a medula. Percebi que tinha extrapolado.

— Não use sua liberdade de expressão para me insultar. Vou explicar isso para você, pela última vez... E não me faça ser repetitivo. Cada dominador age de uma forma, não pensamos igual. Precisamos sempre usar o bom-senso, e nunca, jamais, nos envolvemos na relação de outro Dominador com sua escrava. Ela tem o total direito de falar a palavra segura e entregar a coleira.

— Desculpe-me, Dom Riddle, minha intenção nunca foi de insultá-lo. Estava apenas preocupada com ela.

— Entendo sua preocupação. Quanto à sua atitude... Será castigada por ela. —

Pressionei meu bumbum pensando na dor que viria e no esforço que teria que fazer para não gozar.

— Como desejar, Dom Riddle.

— Agora, vamos. — Segui-o, de cabeça baixa e decepcionada comigo mesma. Minha cabeça estava na disciplina que iria receber quando chegássemos ao

apartamento. Jamais tive a intenção de insultá-lo... Talvez a forma que eu tinha feito a pergunta tivesse saído como um insulto. Era outra parte que eu teria que controlar. Jurei a mim mesma que jamais falaria daquela forma novamente. Doeu-me saber que tinha o insultado. Eu o considerava um Dom honrado e ético.

Depois de horas dentro daquelas lojas, saímos com as mãos cheias de sacolas. Ele me vestiu

da cabeça aos pés. Apesar de ser mimada daquela maneira, minha cabeça não parava de trabalhar. A verdade era que agora eu entendia o conceito de

ser uma extensão do Dominador. Se eu o chateava, também sentia isso; se eu o decepcionava, sentiria o quanto fui falha. Era como se estivesse ligada a ele emocionalmente... Ou talvez estivesse?

Em silêncio, voltamos para o apartamento. O pior da situação era ficar naquela tensão, na espera do que estava por vir. Tê-lo deixado tão chateado me deixava infeliz e descontente com minhas atitudes. Para servi-lo como ele merecia, teria que controlar meu lado impulsivo, pensar antes de falar, avaliar as palavras antes de pronunciá-las e lembrar sempre que ele era a minha prioridade, era quem eu teria que agradar e me preocupar.

— Dispa-se. — A ordem veio assim que entramos no apartamento. Tirei o meu roupão e me ajoelhei, com os olhos baixos. O barulho na sala me deixou tensa. Não levantei meus olhos para saber o que ele fazia, não daria mais um motivo para chateá-lo ainda mais.

— Venha até o centro da sala, felina. — Com mãos e joelhos no chão, engatinhei até o centro da sala. — Fique de pé e levante os braços acima da cabeça. —

Obedeci-o de imediato, e uma corrente foi presa às minhas algemas. Meu corpo foi erguido pelas correntes, fiquei tão esticada que somente as pontas dos meus dedos encostavam ao chão.

— Quero saber os motivos pelos quais você será disciplinada, felina.

— Porque fui insolente.

— Tem certeza, felina?

— Porque o insultei. Juro que não foi minha intenção, Dom Riddle.

— O que você sente, felina?

— Infeliz e descontente com minhas atitudes, Dom Riddle.

— Acha merecedora desse castigo, felina?

— Sim, Dom Riddle. Meu comportamento não foi adequado.

— Será disciplinada por suas atitudes, felina. Não me decepcione enquanto estiver sendo disciplinada.

— Não o farei, Dom Riddle. — Ouvi seus passos, porém, não me atrevi a olhar.

Mantive meus olhos baixos.

Meu corpo estava tenso e os músculos dos meus braços estavam doloridos. Embora fosse um castigo, não consegui evitar ficar excitada. A adrenalina aumenta-va a cada minuto. A espera era muito ruim, só aumentava ainda mais minha excita-ção pelo desconhecido, pelo o que estava por vir.

 Não podia continuar com esses pensamentos. Era um castigo, tinha que me fo-car no meu comportamento e no meu controle, não nas reações que meu corpo dese-java. Não ouvi quando ele chegou, no entanto, quando ele parou a minha frente vi, que estava descalço. Explicava por que não ouvi seus passos... Ele segurava um cinto na mão direita. Ver o objeto fez meu coração disparar e meu corpo despertar.

DOM RIDDLE

Não aprovei seu comportamento. Não deixei de ver e ouvir sua preocupação, no entanto, aquele não era problema meu, e nem dela. Pensaria no assunto com cuidado e falaria com Paulo. Willian já tinha visto o estado dela, porém, como todos tinham o mesmo pensamento de nunca se envolver em uma relação de outro Domi-nador, todos ficavam à margem da situação.

Agora era o momento de me concentrar naquela pequena de boca esperta. Gos-tava daquele desafio nela, gostei de saber ainda mais que sua atitude para comigo a deixou descontente. Era um sinal de sua servidão, de como ela estava entregue na relação. Ela era muito transparente. Dentro da loja, percebi o quanto a desagradou falar comigo daquela forma.

Sua entrega e confiança me deixavam excitado. Ela estava de cabeça baixa e com o corpo completamente esticado, aberta e pronta para o seu castigo. Ela era muito responsiva, também. Seus mamilos estavam picos duros, os pelinhos do seu corpo todos arrepiados e, se eu colocasse a mão na sua bocetinha, com certeza a encontraria toda meladinha. No entanto, agora não era sobre prazer, era sobre disci-plina, era sobre a sua insubordinação.

Circulei seu corpo várias vezes, consequentemente aumentando sua tensão. Sua respiração era rasa. Eu poderia agir de duas formas: poderia fazê-la dançar para mim sobre a lambida do meu chicote ou poderia tornar aquela disciplina completamente frustrante para ela, apenas soltando-a. Não era uma opção atraente para mim. Pri-meiro porque queria conhecer seus limites; segundo porque queria realmente ver a minha marca em sua pele; terceiro e não menos importante: eu queria esse prazer.

— Dance para mim, felina.

Levantei o meu braço, e a primeira cintada a fez dançar. Adorava ouvir o asso-vio do chicote e ver a marca que deixava na pele. Trabalhei suas costas, tomando muito cuidado para não acertar os ruins e o fígado. Para fazer aquela prática, tinha

que estudar, para saber os lugares que eram apenas musculares, evitando acertar uma parte vital do corpo da submissa.

Seu gemido era profundo, porém, sem lágrimas ou gritos. Ou ela tinha um controle emocional muito grande ou estava longe do seu limite. Continuaría a observando, e juntos aprenderíamos os seus limites. Começaria com calma, não havia necessidade de correr. Tínhamos tempo em abundância para o conhecimento.

Suas marcas eram profundas, e meu momento de parar chegou. Circulei-a e a observei. Estava calma e tranquila. Ela entrava no subespaço, não tinha outra explicação para a sua calma. Segurei-a pela cintura e baixei seu corpo, dando apoio. Sentei-me no sofá com ela no colo e acariciei seus cabelos até que voltasse ao seu estado normal.

— Você está bem, felina?

— Sim, Dom Riddle. O senhor vai me desculpar? — Dócil e preocupada, essa era a essência da submissa: se preocupar com o seu Dono e atendê-lo da melhor forma.

— Eu a desculpo. E que isso não se repita, felina.

— Prometo fazer o meu melhor, Dom Riddle.

— Você está enjoada ou tonta?

— Não, Dom Riddle.

— Vou te dar um banho. — Carreguei-a para o quarto e a coloquei em baixo do chuveiro.

Sempre cuidei das minhas submissas, no entanto, essa parte do banho era com elas. A única exceção foi a Leila, no dia em que ela passou mal, e a agora a minha felina. Senti-me bem ao fazê-lo. Cuidar e proteger quem me pertencia fazia parte de quem eu era. Depois do banho, enxuguei todo o seu corpo e a levei para cama. Peguei a pomada que estava no criado-mudo e passei por toda as suas costas.

— Dom Riddle?

— Fala.

— Lamento de verdade tê-lo chateado, Senhor. — Não duvidava, percebi seu arrependimento no instante em que fez a pergunta.

— Sei disso, pequena. Agora, descanse, vou pedir para trazerem o seu almoço.

— Posso fazer isso. Quer que eu faça o almoço?

— Não, o hotel vai proporcionar isso.

— Como quiser, Dom Riddle.

Willian Fui para o meu quarto tomar um banho e me arrumar para o trabalho. Não deixaria Patrícia ir vê-la; ela ficaria de castigo, até segunda ordem. Voltei para o Castelo e fui procurar por Paulo. Cheguei em sua sala e bati, entrando.

— Jhonatan.

— Tudo bem com você?

— Preocupado.

— O que houve?

— Tive que disciplinar minha cadela por conta da submissa do Marcos.

— Bem-vindo ao clube. Tive que fazer o mesmo, mas por razões diferentes. A maneira dela de me responder que foi desafiadora, quase sarcástica.

— Patrícia nunca me tratou com tanta falta de respeito. Homem, a mulher estava possuída.
— Não aguentei, fui obrigado a sorrir.

— Não ria, o comportamento dela não me agradou.

— Eu entendo o seu lado, mas tente entender o dela, também. Acho que a forma como felina colocou isso para mim foi mais explicativa.

— O que ela disse?

— Que ela estava cansada, sua aparência não parecia saudável e que seus pés sangravam.

— Definitivamente, mais explicado. — Não queria nem saber como foi que sua escrava colocou isso para ele. O homem estava furioso. Uma batida na porta nos fez encerrar a conversa. Logo em seguida, Willian entrou. Definitivamente, não era o momento de falarmos sobre o assunto.

— Ei, caras.

— Tudo bem, Willian?

— Comigo, tudo bem. Apenas não trago boas notícias.

— O que aconteceu? — perguntou Paulo a ele, já excedido.

— Tem mais alguma coisa acontecendo aqui? Por que você está nervoso?

— Qual é o problema, Willian? — Direcionei a conversa para ele. Paulo odiava falar sobre a sua escrava com qualquer pessoa. Ultimamente, andava se abrindo muito comigo, mas acreditava que eu era o único.

— Naga me ligou hoje de manhã para falar de uma cena. — Ele parou, pensativo, e balançou a cabeça. Sua reação me deixou em alerta.

— Desenrole, Willian — insistiu Paulo.

— Olha... Eu não estava lá, então, vou passar o que ouvi dela.

- Se você não abrir a boca de uma vez, Willian, ligarei eu mesmo para a Naga.
- Era uma cena entre o Lord Evil e a sua escrava.
- Isso não explica o problema.
- Explica quando se trata de SSC...
- Como foi a cena? – perguntei, imaginando algo muito *hard*.

— Ela não viu, apenas ouviu. Ela disse que a pequena gritava o tempo todo e pediu a SAFE duas vezes. Ela bateu na cela e ele não abriu. Quando saíram de lá, os pés dela sangravam. Ela tentou falar com ele, mas vocês o conhecem bem.

— William...

— Não me venha com “Willian”. Há dias a vejo mancando. A garota está definhando e ninguém toma uma atitude. Ela pede a SAFE e ele não respeita. Sabemos que muitas práticas envolvem sangue, mas pelo amor de Deus! Que Dominador vai fazer uma sessão como essa e não dar um descanso para a submissa? No mínimo sete dias, para ela se recuperar... E aquela pequena está aqui todos os dias. Não posso mais com isso, não posso vê-la mais mancando, sendo ignorada.

— Ela não foi ignorada, felina e paty nos alertaram hoje. O que eu não entendo,

Willian, é que ela pode sair, pode deixar a coleira e ir embora.

— Jhonatan, você não consegue ver o problema? Ela tem essas opções, mas se-rá que pode usá-las? Será que o Marcos está dando a ela esse direito? Pelo o que a Naga me disse hoje, duvido disso.

— Homem, parece que estou vendo a Suzana na minha frente.

— Patrícia ficou possuída. A mulher parecia uma leoa.

— Elas são sensíveis, e veem, numa ação como essa, uma injustiça. Elas são tratadas de forma diferente. Eu vejo isso em vocês dois... O cuidado que têm com suas escravas. Aquela pequena tem que sair caminhando depois de uma sessão *hard*. Eu nunca vi vocês fazerem isso. Não estou

dizendo que ele tem que ser igual a vo-cês, só estou dizendo que o cuidado com o bem-estar dela tem que ser o mesmo, como os das demais submissas.

O problema era maior do que imaginava, no entanto, apenas ela poderia parar com aquilo. Se me pedisse ajuda, eu não deixaria de ajudá-la, porém, para acontecer, ela teria que dar o primeiro passo.

— Não sei como ajudar. Nunca tive que interferir em uma relação. E, também,

Willian, ela tem que pedir ajuda.

—  Concordo com o Paulo. Se o Marcos está ignorando os pilares do BDSM, ela tem que pedir ajuda para alguém. Ela nos conhece tempo suficiente para saber que não a abandonaríamos.

— Ela não vai pedir, está quebrada — disse, resignado. Nunca havia visto Wil-lian tão incomodado.

— Essa situação me deixa um lixo como Dominador. A confiança de uma submissa é primordial em um estilo de vida como o nosso. A entrega dela é um bem precioso. Ver um filho da puta como esse quebrar esse elo me deixa muito incomo-dado.

— Concordo com o Jhonatan — disse Paulo. — Não podemos dispensá-lo do Castelo. Assim não conseguiremos dar segurança a ela.

— Acho que tenho uma ideia.

— Fale — Paulo e eu dissemos, juntos.

— Envolver as pequenas nisso.

— De jeito nenhum! — Nem morto colocaria minha felina em qualquer situa-ção de risco.

— Relaxa, Jhonatan, acho que entendi o que o Willian quis dizer. Pode ser um bom plano. — Olhei para ele como se ele tivesse perdido a maldita da sua mente.

— Acalme-se, Jhonatan. O que eu quis dizer foi fazer as duas se aproximarem dela. Chamá-la para um café à tarde, ou um almoço no seu apartamento... Mantendo ela longe do Marcos, talvez se abra com as pequenas.

— Cara, em pensar que tratei esse filho da mãe como amigo! O trouxe para tra-balhar aqui, dei a ele um bom salário e confiei nele plenamente.

— Vou falar com minha escrava. Ela vai ficar feliz com isso.

— Não vou fazer isso hoje, mas vou permitir que ela convide a submissa para ir lá em casa.

— Vou permitir minha paty ir.

— O problema agora é: como fazer o Marcos aceitar — disse Willian.

Esse seria um dos maiores problemas. Ele não se separava dela nem um só mi-nuto. Peguei

meu celular e mandei uma mensagem para a felina pedir sua comida. O dia seria longo.

SUZANA

174

Minhas costas ardiam. A sensação era de como se estivessem pegando fogo. Agora, eu precisava urgente de um banho bem gelado, para aliviar a ardência. Pe-guei meu celular, para mandar uma mensagem para ele, e uma sua apareceu no vi-sor.

Dom Riddle

Ligue para o restaurante do hotel e peça que levem sua comida para o apartamento. Cuide-se!

Enviada às 12:25 PM

Suzana

Peço sua permissão para tomar um banho, Dom Riddle. Estou com minhas costas pegando fogo, talvez uma água fria me fizesse bem?

Enviada às 12:26 PM

Enviei a mensagem e aguardei. Liguei para o restaurante do hotel e pedi para que minha comida fosse entregue. Desliguei o telefone e esperei por sua mensagem no meu celular. Será que havia pedido de forma errada?

— Você está bem? — Sua chegada inesperada me fez saltar da cama.

— Oh! — Respirei fundo, tentando acalmar o coração. — Estou, sim. Descul-pe-me, fiquei assustada.

— Vire-se de costas. — Fiz como ele pediu, colocando meu cabelo de lado.

Lentamente ele passou os dedos de cima a baixo nas minhas costas, fazendo-me estremecer com o contato.

— Gosto das minhas marcas em você.

— Gosto de ser marcada pelo Senhor, Dom Riddle.

— Apenas Dom Riddle.

— Desculpe-me, Dom Riddle. — Não entendia, mas respeitava sua decisão de chamá-lo assim.

— Vá tomar seu banho.

Entrei no box e deixei que a água gelada caísse nas minhas costas. O alívio foi imediato: a água me causou arrepios, deixando meus mamilos picos duros. Quando saí, não me enxuguei. Tive medo de machucar e a ardência voltar novamente. Entrei no quarto e Dom Riddle estava sentado na poltrona. Seus olhos desceram por todo o

meu corpo. Havia fome por mim neles. Ele me desejava. Suas pupilas estavam dila-tadas, deixando seus olhos quase negros com círculos azuis. Seu olhar era muito intenso. A excitação voltou com força total.

— Venha aqui. — Ajoelhei-me e me aproximei dele. Suas mãos foram para a sua calça e ele tirou o seu pênis - completamente duro. Não o tinha visto de tão per-to. Passei a língua nos lábios, imaginando o sabor que teria.

— Faminta, felina? — Ele começou a massagear o seu pênis; grosso, com veias largas e a cabeça bem vermelha. — Dê-me prazer, pequena. — Sem pensar duas vezes, coloquei minha boca no seu pau e o chubei fundamente, levando-o todo até minha garganta. — Porra! Você chupa gostoso. — Seu elogio me deu mais prazer do que qualquer coisa. Entendi o que Patrícia quis dizer quando disse que o prazer dele era o prazer dela. Ela tinha completa razão; dar prazer a Dom Riddle era o mesmo que sentir prazer. Passei a língua pela cabeça do seu pênis, brincando com a ponta, e depois o chubei completamente.

— Chupa, cadelinha. Engula-o, leve-o todo. — Gemi com o seu pau na minha boca.

Minha bocetinha pingava com o desejo que eu sentia. Engoli seu pênis e o se-gurei até ficar sem ar. Soltei-o. Ele começou a latejar na minha boca. Pelo pouco que conhecia, acreditava que estava perto de gozar, porém, a puxada que ele deu no meu cabelo foi que quase me fez gozar. Seu pênis saiu da minha boca, e com uma mão ele segurava meu cabelo e com a outra se massageava. Rugiu seu orgasmo e seu sêmen foi jorrado em meu rosto, boca e seios. Fiquei toda lambuzada com o seu gozo. Minha respiração saía em ofegos. Olhou-me, com muita intensidade.

— Monte-me. — Levantei do chão e o montei. Seu pênis ainda estava ereto.

Abaixei-me sobre ele. Centímetro por centímetro, sua espessura invadia meu canal.

— Mexa-se — ordenou, dando-me um tapa na bunda. Joguei minha cabeça para trás e me mexi. Subia e descia em cima do seu pau. Sua boca foi para o meu mamilo, e ele mordeu forte.

— Ohh... — Acelerei meus movimentos, louca de desejo por estar dando e sen-tindo aquele prazer com Dom Riddle. Suas mãos agarravam minha bunda, apertan-do-a com força. Sua boca cravou em meu mamilo, mordendo duro novamente. — Ahhh... — Doce céu! Eu gozaria rapidamente se ele continuasse com a tortura.

— Mexa-se, minha cadela. — Aumentei ainda mais meus movimentos. Tentei desviar a minha atenção, para não chegar ao orgasmo. — Isso, minha putinha, aperta

meu pau com essa bocetinha gostosa. — Oh! Por tudo que era santo, suas palavras sujas me enlouqueciam. Comecei a pensar em tudo que era santidade, qualquer coisa que me tirasse do meu orgasmo eminente. Subia e descia, rebolava, virava a cabeça de um lado para o outro... Comecei a me concentrar no funcional, em vez do prazer. Não adiantou muito.

— Por favor, Dom Riddle... — comecei a pedir. Não aguentava mais, e não queria que acontecesse sem que ele me desse a permissão. — Eu imploro, por favor!

— Sem orgasmo para você, felina. — “Oh, céus!”, pensei. O meu castigo não teria fim. Acelerei meus movimentos, para que ele gozasse rápido. Sabia por que ele estava fazendo aquilo; era parte da minha disciplina. Aceitaria sem problemas, mas isso não me impediria de gozar. Mordi o lado de dentro da minha boca, até tirar sangue. Quando meu corpo se apertou e meu clitóris latejou, ele gozou. “Oh, graças Deus!”, pensei. Desabei em cima dele. Meu clitóris pulsava a minha vagina latejava.

Suas mãos vieram para meu cabelo, dando-me o carinho e o conforto que eu tanto precisava.

— Boa menina. — Seu elogio acalentou meu coração. Ouvir a satisfação em sua voz me dava uma paz de espírito enorme. Ele se levantou comigo no colo e me deitou na cama. Foi para o banheiro e voltou com uma toalhinha na mão. Muito calmamente, limpou todo o meu corpo.

— Abra suas pernas. — Fiquei exposta para o seu olhar. A toalha tocou leve-mente minha bocetinha.

Ofeguei com o contato, ainda estava muito sensível. Aquele carinho e cuidado que ele tinha eram extraordinários, faziam-me me sentir viva. Depois de me deixar limpa, saiu do quarto. Esperei meu coração se acalmar... Iria para a cozinha para almoçar, estava faminta. Pensei na visita da Patrícia... Duvidava que, agora, estando de castigo, iria vê-la. “*A submissa é uma extensão do seu Dono, seu comportamento deve refletir o dele*”. Sem dúvida nenhuma procuraria controlar meu lado impulsivo, ou isso me traria muitos problemas.

Faria tudo para vê-lo satisfeito como o meu comportamento e minha serventia. Precisava conversar mais com Patrícia... Tinha muitas coisas que gostaria de ouvir dela, seria interessante a troca de informações e experiências. Levantei-me para ir à cozinha e almoçar. Minha comida estava em uma embalagem do hotel. Coloquei tudo em um pote e aqueci no micro-ondas. Meu celular tocou e fui ver o que era. Uma mensagem de Dom Riddle:

 **Dom Riddle**

Você tem depilação marcada para as 16 h... Se quiser fazer qualquer outra coisa, fique à vontade. Não corte seu cabelo, você não tem permissão para isso. Tome um banho antes de ir... Não goze!

Enviada às 13:45 PM

Suzana

Como quiser, Dom Riddle

Enviada às 13:46 PM

Dom Riddle

Está feliz, felina?

Enviada às 13:47 PM

Suzana

Muito, Dom Ridde

Enviada às 13:47 PM

Dom Riddle

Mesmo não a deixando gozar?

Enviada às 13:48 PM

Suzana

O seu prazer é o meu prazer, Dom Riddle

Enviada às 13:49 PM

Dom Riddle

Boa menina! Até a noite.

Enviada às 13:50 PM

Depois do almoço, peguei um livro para ler.

Para qualquer outra coisa teria que pedir sua permissão. Não faria isso o dia in-teiro; era desconfortável estar enviando mensagens para ele por motivos tão supér-fluos.

Às 16h00min, coloquei meu roupão e fui para o spa do Castelo. As meninas do spa foram agradáveis comigo, quase todas ali eram submissas. A menina da depilação era um doce, acalmou-me bastante antes de começarmos. A primeira puxada foi tranquila... Aliás, no púbis e na virilha foi tranquilo, porém, quando a danada colo-cou a cera nos lábios vaginais e puxou...

— Cacete! — Tinha acabado de falar um palavrão. Nunca tinha dito um pala-vrão antes, mas, nesse caso, foi inevitável. — Desculpe-me, isso dói.

— Primeira vez é ruim, mesmo. Depois, você se acostuma. — Preferia a sessão tortura de Dom Riddle a ter que passar por isso novamente.

Depois da tortura, aproveitei que Dom Riddle havia me dado carta branca e fiz minhas unhas dos pés e das mãos. Depois, uma escova no meu cabelo. Quando esta-va saindo do spa para ir ao apartamento, meu celular tocou, indicando uma mensa-gem.

Dom Riddle

Se ainda estiver no Castelo, venha até minha sala.

Enviada às 18:45 PM

Suzana

Acabei de sair do spa. Estou a caminho, Dom Riddle.

Enviada às 18:45 PM

Caminhei por todo o hotel e fui até o hall de entrada, para perguntar às moças da recepção onde era a sala dele. As meninas eram muito simpáticas. Voltei para o hotel e passei pelos corredores escuros e mal iluminados. Era assustador andar por lá sozinha. Cheguei à sua porta e bati.

— Entre! — Com sua permissão, abri a porta.

— Com licença, Dom Riddle. — O escritório dele era todo em mogno. O ambi-ente era quente e confortável.

Aquele roupão de seda negra, os cabelos negros e olhos verdes de felino a fa-ziam parecer uma criatura mística. Meu pau reagiu a vendo tão confortável com sua

sexualidade. Ela estava com os cabelos e unhas bem cuidados, no entanto, o que eu queria ver estava coberto.

— Venha aqui, felina. — Ela se aproximou, com passos lentos e comedidos.

Sensual... De tirar o fôlego! Ao se aproximar, peguei-a pela cintura e a coloquei sentada sobre a mesa. — Dispa-se. — Ela baixou o olhar de uma forma sedutora e, muito calmamente, abriu o cinto do roupão.

Naturalidade: era exatamente isso que eu queria dela, que a nossa relação fosse algo natural para os dois. Apreciei o show particular que ela estava me dando. Seu roupão caiu, deixando-a completamente nua para mim.

— Abra suas pernas e mostre o que me pertence. — Seus mamilos ficaram bi-cudinhos. Ela tinha seios grandes e durinhos. Sua bocetinha estava linda depiladi-nha. Era rosadinha, e estava começando a ficar molhadinha. — Deite-se. — Ela fez.

Baixei minha boca na sua bocetinha. Seu sabor era adocicado, tão suave quanto ela. Circulei minha língua no seu clitóris e o suguei. Ela gemeu alto, levantando as cos-tas da mesa. Continuei a chupando, sem cessar. Introduzi um dedo dentro do seu canal, procurando pelo seu ponto G. Não demorou muito para encontrar. Ela come-çou a ficar ofegante e a gemer mais alto.

— Goze para mim, felina. — Voltei minha boca e chupei seu clitóris, morden-do-o. Ela explodiu em minha boca. Tomei todo o seu gozo, até a última gota. Queria tomá-la novamente, no entanto, não o faria. Ela havia sido bem usada naquele dia e no anterior, não queria provocar um desconforto nela. Fazia muito tempo que não tinha sexo. Olhei para o seu corpo deitado sobre a minha mesa... Mole e completa-mente saciado.

— Levante-se. — Ajudei-a a se levantar.

— Permissão para falar, Dom Riddle. — Sua voz pós-gozo era muito erótica. Como se fosse possível, meu pau ficou ainda mais duro.

— Fale.

— Deixe-me dar prazer a você, Dom Riddle... Por favor. — Coloquei minha mão em seu rosto e passei meu dedão nos seus lábios. Sua língua rosada saiu lam-bendo meu dedo. Ela tinha uma boca deliciosa e chupava muito gostoso.

— Faça-o. — De jeito algum negaria aquele pedido.

Ela saiu da mesa e se ajoelhou, tirando meu pau de dentro da minha calça. Seu corpo ficou em baixo da mesa e seu cabelo caía como uma cascata, cobrindo a cena. Segurei-os em punho, enquanto sua boca fazia a magia. Ela era *fodástica* fazendo

sexo oral! Levava meu pau até o fundo da sua garganta, fazia magia com sua língua. Não dava para resistir... Gozei na sua boca, fazendo-a tomar todo o meu prazer - exatamente como ela pediu. Deixou meu pau limpinho e o colocou dentro da calça.

— Obrigada por me permitir, Dom Riddle. — Ajudei-a a se levantar e colocar o roupão.

— Vamos para o apartamento. Tenho que estar no clube antes do movimento começar.

— Vou ao clube com você esta noite, Dom Riddle?

— Todas as noites que eu quiser levá-la, felina.

— Como desejar, Dom Riddle. — Saímos do escritório, com ela segurando meu braço e os dois completamente satisfeitos.

Capítulo 15



No último mês, conhecemos muito um ao outro. Praticamos apenas em casa, nunca a levei para o clube para fazermos uma sessão. Todos os dias testava algo diferente com ela. Conheci os seus limites, seus gostos e suas nuances. Conhecia-a de dentro para fora. Muitas das práticas que ela procurava saber, ou estava curiosa, nós tentávamos. Resistiu muito bem a muitas delas. Sua boca esperta algumas vezes a deixava em problemas, mas eu gostava disso nela. Adorava discipliná-la. Aos poucos, conseguiu aumentar o seu controle e domar o seu corpo, evitando o orgasmo iminente.

Quando Paulo permitia, deixava que ela recebesse a visita da Patrícia. Nunca havia saído do apartamento sem que fosse comigo ou ao meu pedido. Ela não ia ao Castelo, ao menos que eu mandasse ou a levasse. Limitei sua ida ao clube aos fins de semana.

Ela me acompanhava e, juntos, assistíamos a uma cena ou sessão.

Estava satisfeito com o seu progresso. Seria a primeira vez que faríamos uma sessão no clube.

Na verdade, seria limitada a apenas duas ou três cenas, no entanto, seria sem sexo. Seu prazer e o seu orgasmo eram somente meus. Não deixaria que ninguém ouvisse os seus gemidos ronronados que eu tanto gostava. Eu era completamente possessivo e ciumento quando se tratava dela.

Eram quase dez da noite quando fui buscá-la no apartamento. Tinha deixado ordens expressas para que ela fizesse sua depilação e cuidasse dos seus cabelos e unhas. Se havia algo que eu detestava em uma mulher, era vê-la malcuidada e mal-vestida. Também abominava mulheres vulgares. Nada como uma mulher sensual e elegante que soubesse usar sua sensualidade para seduzir.

Deixava-me louco de tesão uma mulher madura, sensual, elegante, inteligente, culta e bem-cuidada. Era uma exigência minha, e eu não abria mão disso. Ela tinha todas essas qualidades sem fazer nenhum esforço, era algo natural dela. O melhor de tudo isso? Ela era completamente minha.

Entrei no apartamento e não a vi na sala.

— Felina?

— Aqui, Dom Riddle. — Sua voz veio de trás de mim. Quando me virei, meu coração parou de bater e voltou de forma dolorosa. Fenomenal! Ela usava um corse-let vermelho – com bordados em preto –, uma cinta-liga vermelha e sapato preto com salto vermelho.

— Você está linda. — Sua cintura era bem fininha. Seus seios e quadris fartos a deixavam sexy e quente como o inferno. O cabelo negro e os olhos felinos completavam o seu *look* impecável.

SUZANA

Não aguentava mais esperar, minha ansiedade estava me matando. Seria a nos-sa primeira sessão no clube. Vínhamos trabalhando em várias práticas. Aprendi a me conhecer e conhecer os meus limites. Meu desejo em servi-lo aumentava a cada dia; queria ser sua, pertencer a ele sem reservas.

Ainda não entendia o motivo de ele não me permitir chamá-lo de “Senhor” e não me dar uma coleira, porém, confiava nele e sabia que seus motivos eram importantes e, por isso, ainda não o tinha feito. Eu estava apaixonada por ele, era impossível controlar isso. Nunca disse a ele, mas demonstrava em minha servidão. Se um dia ele perguntasse, eu diria a verdade.

Quanto mais o tempo passava, mais aflita eu ficava. Minhas férias estariam terminando em breve, e eu não fazia ideia do que seria a minha vida depois que tudo isso terminasse. Sempre

dava o meu melhor, servia-o da melhor maneira que podia e tentava satisfazê-lo de todas as formas – e, em todas elas, eu fazia com o meu cora-

ção. Colocava em cada ação os meus sentimentos, procurava fazer tudo com muito cuidado e muita atenção.

Odiava quando minha boca falava mais rápido do que minha cabeça processava. Esses meus impulsos vinham me colocando em problemas disciplinares. Aquilo o deixava chateado, então, tentava me controlar. Nunca tive a intenção de magoá-lo, evitava isso a todo custo. Meu prazer estava em servi-lo, em dar prazer a ele, entre-gar-me em suas mãos e ter a plena consciência de que ele usaria com muita responsabilidade e respeito.

Seu elogio vinha sempre quando ele estava satisfeito com o meu comportamento, quando a minha subserviência estava como ele exigia.

— Obrigada, estou feliz em saber que Dom Riddle aprova. — Ele se aproximou e tocou o meu rosto. Nunca me beijou, mas jamais reclamaria. Ele faria quando achasse que eu merecia.

— Vamos lá, felina, nossa sala está pronta.

— Perfeitamente, Dom Riddle.

— Lembre-se que você sempre pode usar sua SAFE.

— Confio plenamente em você, Dom Riddle.

— Serei cuidadoso e respeitarei os seus limites. Espero que você nunca tenha que usá-la, felina.

— Acredito nisso, Dom Riddle.

— Vamos.

Saímos do apartamento e, como sempre, com a minha mão segurando o seu braço.

Meu corpo começou a reagir no momento em que entramos no clube. Como o habitual, ele sempre cumprimentava os associados que estavam presentes. No entanto, naquele dia ele não se prolongou; tínhamos uma sessão, e era para a sala reservada que iríamos. Quando entramos no corredor do calabouço, minhas pernas começaram a tremer. Comecei a ficar tensa. Nunca tinha feito uma sessão em público e as salas do corredor em que estávamos era abertas aos membros para o voyeur.

Não sabia quais seriam as práticas, e também não perguntei. Todos os dias ele vinha com

algo diferente... Essa surpresa aumentava ainda mais a minha excitação. Entramos na sala e todos os equipamentos que estavam à disposição já tinham sido inspecionados por ele. Sua case estava em cima do sofá e seus acessórios à sua disposição.

— Vá até o banheiro e dispa-se. Use o seu roupão para sair, ele está no banhei-

ro.

— Perfeitamente, Dom Riddle. — Entrei no banheiro e me despi, colocando o meu roupão. Saí do banheiro e me ajoelhei à sua espera.

— Deite-se na mesa. — Levantei-me e deitei na mesa.

De onde estava não podia ver o que ele fazia, então, entreguei-me completamente. Fechei meus olhos e tentei me acalmar. O nervosismo era pela espera do que estava por vir. A tensão era erótica, e, de certa forma, libertadora. Adorava *spanking*, principalmente quando ele fazia com suas mãos. Pude sentir sua presença e abrir meus olhos.

— Você está bem?

— Muito bem, Dom Riddle. — Seu olhar era intenso, caloroso e observador. Quando se convenceu de minha resposta, vendou meus olhos.

A privação da visão era a pior coisa para mim. Não poder ver era horrível, por-que o seu olhar era que passava a confiança que eu precisava naquele momento. Ele sabia disso. Confiava nele para me guiar.

— Estou aqui, e não vou deixá-la sozinha.

— Obrigada, Dom Riddle.

Respirei fundo e comecei a canalizar minhas emoções. Minhas pernas e braços foram presos nas amarrações da mesa.

Logo depois, comecei a sentir um cheiro de rosas. Conhecia aquele cheiro, eram das velas. Adorava as velas; as pretas e vermelhas eram as melhores. O primeiro pingo caiu em meu mamilo, fazendo-me ofegar. Ele contornou todo o meu seio e, depois, foi para o outro. Eram muitos pingos. Provavelmente, ele estava usando mais de uma. Eu gemia baixinho com a dor e a queimação que os pingos faziam na pele. Ele desceu para a minha barriga e circulou o meu umbigo.

Comecei a ficar excitada, e meu corpo, dançava nos ritmos dos pingos. Ele fez todo o caminho até chegar aos meus pés e voltou. Não aguentava mais; estava exci-tada e minha vagina

latejava. Ele subiu, pingando em cada pedacinho do meu corpo. Parou nos meus mamilos e, depois, pingou nos meus braços. Virei a minha cabeça de um lado para outro, enlouquecida com as sensações que as velas proporcionavam.

Ele parou com as velas. Como não podia ver, não fazia ideia do que viria. Mi-nhas pernas foram abertas e presas. Suas mãos vieram para meus mamilos, puxando-os com força.

— Ahhh... — Não era só uma puxada, ele tinha colocando clamps nos dois mamilos. A dor mandou um raio de prazer diretamente na minha vagina, deixando-me completamente sem ar.

— Lembre-se, você não tem permissão para gozar. — Apertei bem os meus olhos. Quando ele dava esse aviso, era porque algo que eu gostava muito estava por vir.

A primeira batida pegou em cima do meu clitóris. Depois, na barriga, e, em seguida, nas coxas. Controlei a dor canalizando nas sensações, como eu sempre fazia. Ele continuou com os açoites. Subiu para os meus mamilos, provocando mais dor. Depois, para os meus braços, e desceu novamente. Ele fez, com o acessório que eu não conseguia identificar, a mesma coisa que fez com as velas.

Era libertador sentir tantas emoções de uma só vez. Era desejo, dor, tesão, felicidade e muito prazer. Muitas vezes sentia vontade de me entregar e gozar em todas as sessões, no entanto, jamais o decepcionaria dessa maneira; só faria com a sua permissão. A batida seguinte foi mais forte, fazendo-me voltar. Tudo explodiu de uma só vez: a dor sobrepôs a todos os outros sentidos, minha barriga queimava e meu clitóris estava pegando fogo e latejando. Comecei a gritar e gemer mais alto do que já havia feito.

Finalmente, ele parou. Minhas pernas foram soltas. Depois, os meus braços. Quando ele tirou a venda, meus olhos estavam molhados das lágrimas não derramadas.

— Levante-se. — Como ele havia me instruído, levantei-me lentamente, para não ficar tonta.

Assim que me sentei, outra dor me fez gemer. Os clamps que foram colocados nos meus mamilos tinham pesinhos. Ele me segurou pelo braço e eu descí da mesa. Guiou-me até a plataforma e algemou os meus braços acima da cabeça, assim como tinha feito no apartamento.

— Abra as pernas. — Fiz como ele pediu. Fiquei presa com as mãos para cima, e as pernas também foram presas nas argolas do chão.

— Você está bem? Sente-se tonta ou enjoada?

— Estou bem, Dom Riddle. — Ele acenou e vendou meus olhos mais uma vez.

Ela estava calma, e estávamos indo muito bem. Pequei uma taca para aquela cena. Era um chicote de couro grosso, trançado com uma placa de metal em seu miolo e duas línguas na ponta. Seu efeito era mais psicológico, pois tinha um estalo alto, mas não propiciava sensações intensas.

Coloquei a música “Fairy Tale”, do Shaman, para aquela prática. Bati o chicote no chão algumas vezes antes de fazê-la dançar. Seu corpo estremeceu com o baru-lho. Perfeito, ela estava atenta. A primeira batida foi na sua bunda, levantando um vergão de imediato. Comecei lentamente... Fui ao ritmo da música, alternava as batidas em sua pele e no chão.

— Dance para mim, felina. — A música aumentou o ritmo, e eu aumentei os do chicote.

la alternando, tomando cuidado para não bater no mesmo lugar sucessivamente. Seu corpo estava bem marcado. Focalizei as batidas nas suas pernas e bunda. Au-mentava e diminuía com o ritmo da música, fazendo-a dançar para mim. Ela estava ofegante e sempre gemia baixinho... Até nisso era delicada. No fim da música, foca-lizei em suas costas, deixando-a marcada como desejava.

Quando a música acabou, fui até ela e soltei suas pernas e braços, sempre am-parando-a.

— Você está bem?

— Estou bem, Dom Riddle. — Ela estava bem, mas alcançamos o seu limite.

Ela era nova e eu ainda não tinha testado aquele chicote nela.

Ela estaria bem sempre, diria isso para me satisfazer, no entanto, eu tinha que me manter concentrado e a observando de perto. Toquei sua bocetinha, estava mo-lhadinha. Minha cadelinha gostava da dor e eu adorava proporcionar isso a ela, mas tudo dentro do seu limite. Tirei os clamps dos seus seios e ela gemeu, mas aquele gemido era diferente, era aquele que ela sempre dava antes de gozar.

— Não goze. — Ela mordeu os lábios e se segurou. — Boa menina. — Colo-quei-a sentada no sofá e a enrolei com o seu roupão. Higienizei todo o equipamento, guardei meus acessórios e fui até o banheiro para pegar suas roupas. Quando voltei para o sofá, ela me olhava como se não estivesse entendendo nada.

— Peço permissão para me expressar.

— Fale.

— Por favor, Dom Riddle, me deixe colocar minhas roupas e voltar andando para o apartamento. — “Valente minha menina!”, pensei.

—  Tudo bem. — Entreguei suas roupas e fiquei a observando ir para o banheiro e fechar a porta.

— Riddle?

— Ei, Shadow.

— Parabéns, homem.

— Obrigado. Estou satisfeito.

— Para uma novata, ela aguentou muito bem a taca.

— Sim. — Estava preocupado. A qualquer minuto, iria ao banheiro atrás dela.

Não gostava de deixá-la sozinha depois de um *spanking* antes de cuidar dela e de sua pele.

— Vai ficar no clube?

— Não. Vou levá-la para casa e cuidar dela.

— Certo. Eu e minha cadelinha estamos indo, também.

— Até amanhã. — A porta do banheiro se abriu e ela saiu. Observei seu equilíbrio em cima daquele salto... Era perfeito.

— Vamos, felina. — Peguei minha bolsa e fomos para o apartamento.

Não me descuidei dela nem um minuto. Em uma prática, o nível de endorfina liberado pelo organismo é altíssimo. É um mecanismo de defesa que o organismo tem para qualquer situação de perigo. Agora que tudo havia acabado, ele diminuía, e era onde a submissa realmente começava a sentir dor. Exatamente por isso que gostava de tratá-las quando esses níveis de endorfina estavam agindo no organismo. A pomada ajudava a diminuir a dor e eliminar as marcas mais rapidamente.

Subimos para o apartamento e eu a levei direto para o meu quarto. Deixei-a sentada na minha cama e fui para o banheiro, para ligar a banheira. Ela estava cheia de velas. A água quente ajudava a tirar toda aquela cera do corpo.

— Tire suas roupas. — Ela se levantou e começou a tirar o corselete, estreme-cendo com a dor. — Vamos, vou te ajudar no banho.

— Obrigada, Dom Riddle. — Ela entrou na banheira e, mais uma vez, estremeceu com a dor.

Ensaboei seu corpo, tirando toda a cera que ela tinha na pele. Perdemos alguns minutos fazendo isso, ela sentia cócegas na cintura. Sorriu algumas vezes e tentou se esquivar em outras. Era gostoso aquele momento; cuidar dela e limpar o seu corpo, deixando-a o mais confortável possível. Depois do banho, enxuguei-a e a coloquei deitada na minha cama.

Ela ronronou como uma gatinha assim que deixou sua cabeça no travesseiro. Meu pau estava acostumado com o seu gemido e ficou em alerta imediato. Primeiro, terminaria de cuidar dela; depois, ela teria seu prazer. Fui até o seu quarto e peguei a pomada.

— Deite-se de bruços. — Ela o fez, colocando aquela bela bunda marcada na minha cara. Difícilmente me acostumaria com aquela visão sexy. Passei a pomada por todas as costas, bunda e pernas.

Voltei para o banheiro, esvaziei a banheira, tirei minhas roupas e fui para o chuveiro para tomar um banho. Deixei que a água aliviasse a tensão dos braços e pescoço. Saí do banheiro uns quinze minutos depois. Enxuguei-me e voltei para o quarto. Aproximei-me e preendi seus tornozelos nas correntes fixas que tinha nos pés da cama. Depois, preendi duas algemas na cabeceira.

— Aberta e presa para o meu prazer. — Coloquei-me no meio das suas pernas e beijei seu púbis. Ela ronronou o seu prazer. Subi, passando a língua na sua barriga, até chegar aos seus mamilos. Chupei-os e os mordi forte.

— Ahhh... — Gostosa! Coloquei meu pau dentro da sua bocetinha apertada, em uma só estocada.

— Ronrona para mim, felina. — Investi duro nela. Sua bocetinha estava apertada e inchadinha. Coloquei seu seio em minha boca e chupei. Passei a língua em volta dele e, depois, dei a mesma atenção ao outro.

— Ohh... Por favor, Dom Riddle...

— Goze para mim, felina. Aperte meu pau, minha putinha. — Mordi seu pescoço e o chupei, fazendo-a gozar. Seu aperto no meu pau foi doloroso. Acabei gozando junto com ela.

Esperei alguns minutos antes de me retirar dela. Depois, soltei seus pés e mãos e voltei a me deitar.

— Boa noite, felina.

— Boa noite, Dom Riddle. — Aquela seria a primeira vez que uma submissa dormiria na minha cama comigo.

Acordei na manhã seguinte completamente dolorida. Tudo doía.

— Bom dia, felina. — Sentei-me para cumprimentá-lo.

— Bom dia, Dom Riddle.

Ele estava sentado na poltrona, lendo seu jornal.

— Levante-se. Faça sua higiene, tome um bom banho e me encontre na sala. — Ao me levantar da cama, resmunguei com a dor. — Dolorida?

— Um pouco, Dom Riddle.

— Vou providenciar um relaxante muscular para você tomar.

— Acho que vou precisar, Dom Riddle.

Saí do seu quarto e fui para o meu. Tomei meu tempo tomando banho, deixando a água quente relaxar meus músculos, que estavam tensos. Fiz minha higiene e fui para a sala.

— Aqui. — Ele me entregou o remédio e um copo de suco.

— Obrigada, Dom Riddle.

— Precisamos conversar. — Meu coração acelerou os batimentos, várias coisas passaram pela minha cabeça; uma delas era se eu tinha errado em alguma coisa no dia anterior.

— Como quiser, Dom Riddle.

Ele foi se sentar.

Segui-o e me ajoelhei ao seu lado.

— Quero que fique, que seja a minha escrava 24/7. Estou propondo essa relação para você e quero que pense nisso. — Meu coração se encheu de felicidade.

— Permissão para me expressar, Dom Riddle.

— Fale.

— Desde que conheci o BDSM, tenho desejado isso. Abracei esse estilo de vida antes mesmo de me tornar sua submissa, encontrei nele tudo que sempre busquei como mulher. Hoje, sou realizada em algo que nunca imaginei que seria. Quero servi-lo, prometo fazer isso de corpo e alma. Prometo honrá-lo, servi-lo e proporcionar-lhe todo o prazer que puder. Quero o melhor sempre para servi-lo. Vou aceitar essa relação e honrá-la... Buscarei melhorar em meu comportamento sempre. Eu aceito, Dom Riddle. Aceito ser sua escrava, aceito a relação 24/7.

— Você sabe que, para isso acontecer, terá que deixar o seu trabalho. A relação

24/7 só funciona pra mim se você vier viver aqui. — Eu já sabia... E estava decidida.

— Eu sei, Dom Riddle. Vou deixar o meu trabalho para servi-lo.

— Você tem certeza disso? Não quer o tempo que estou te dando para pensar?

— Não, Dom Riddle. Eu o amo e quero estar aqui lhe servindo.

— Fico lisongeadado com isso, mas você sabe que da minha parte a nossa relação

é de Mestre e escrava... Não vou dar mais a você do que tenho dado até hoje. Você entende isso, Suzana?

— Entendo perfeitamente, Dom Riddle. — Não importava, eu o amava e queria servi-lo, independente do que sentia por mim. Sabia que ele tinha um grande cari-nho, isso bastava.

— Você sabe quais são seus direitos como escrava, Suzana?

— Sim, Dom Riddle. Tenho o direito de lhe entregar a coleira.

— Muito bem. Vou mandar fazer o contrato ainda hoje e, em seguida, faremos a cerimônia. — Fechei meus olhos e deixei que as lágrimas caíssem. Finalmente teria o Senhor de mim... O Dono que iria honrar, servir e pertencer!

— Qual cerimônia quer que façamos? Essa será a única escolha que você terá.

— A cerimônia das Coleiras, Dom Riddle. Obrigada por me deixar escolher.

— Bom... Quando suas férias terminarem, iremos até o Rio, para que você se demita. Vamos colocar o seu apartamento para alugar. Todo o dinheiro do aluguel será depositado na sua conta. Enquanto você estiver sob os meus cuidados, não gastará um centavo do que é seu.

— Como quiser, Dom Riddle.

— Agora, vá tomar o seu café. Estou indo providenciar o contrato e o necessá-rio para a cerimônia.

Passei o resto do dia em completa euforia. À tarde, ele me pediu para que eu fosse ao seu escritório. Desci às pressas do apartamento e corri pelo gramado, mais feliz do que um dia pensei que seria. Cheguei ao seu escritório a bati na porta.

— Entre. — Entrei, e ele não estava sozinho. Mestre Shadow, Lord Fire e Pa-trícia estavam ali.

— Com licença, Dom Riddle, Senhores.

— Venha aqui. — Aproximei-me dele e me ajoelhei ao seu lado.

- Esse é o contrato, quero que você leia. Se aceitar, todos aqui servirão de tes-temunhas.
- Perfeitamente, Dom Riddle.

O Contrato.

Contrato de Escravidão Consentida

 Eu, Suzana Azevedo, ciente das regras que regem o BDSM, declaro, por livre e espontânea vontade e por ser expressão da verdade, que, a partir de hoje, me torno Escrava e propriedade de Jhonatan Riddle.

Minhas obrigações, que existirão a partir do dia 22/09/2010, serão cumpridas de forma fiel e submissa.

Fazer tudo que o Dono mandar;

Me submeter a todos os seus desejos e loucuras;

Dispor do meu corpo no momento, do jeito e da forma que Dono de mim quiser;

Receber seus castigos como prêmios;

Adorar o corpo do Dono todos os dias;

Amá-lo como nunca ameí ninguém;

Ser fiel e sincera em qualquer situação, não tendo qualquer segredo para com o Dono;

Permitirei que o Dono me humilhe, se assim for sua vontade e desejo;

Serei propriedade exclusiva do Dono, estando terminantemente proibida de me submeter ou fazer sexo, ainda que virtual, com outra pessoa;

Não terei contato com outros mestres sem pedir autorização ao Dono;

Serei sempre paciente, desprendida, alegre e amorosa, evitando displicência, fraqueza e covardia;

Estarei sempre em constante atenção para aprender, obedecer e executar as ordens do Dono de mim,

Tratar Dono de mim da forma mais respeitosa possível, sob o tratamento de 'Mestre';

Usarei a coleira e outros símbolos de posse por todo o momento, para de-monstrar ser propriedade do Dono de mim, não os tirando em hipótese al-guma;

Aceitarei ficar amarrada, acorrentada, enjaulada, algemada e usar acessó-rios e outros objetos no momento e no local em que ele desejar;

Nunca discordarei de Dono de mim;

Jamais terei orgasmo sem a autorização de Dono de mim e só me mastur-barei quando Ele me ordenar;

Se for do desejo de Dono de mim, me comportarei como Seu bichinho de estimação, seja qual for o animalzinho que Ele escolha;

Usarei sempre letras minúsculas em meu nome, um símbolo de minha inferioridade diante de Dono de mim;

Não esquecerei, jamais, que meu dever principal é o de proporcionar distração e prazer para o Dono de mim;

Manterei permanentemente o Mestre de mim informado dos meus pensamentos sexuais;

Estarei à disposição do Dono de mim 24 horas por dia, 7 dias por semana;

Obedecerei todas as ordens em relação à vestimenta e comportamento, sem questionamentos;

Observações

A *Safeword* utilizada nas cenas será “Riddle”, sendo esta, por gesto, combinada antecipadamente de acordo com a situação da cena;

Prazo de validade: indeterminado.

Serei, para o Dono de mim, Mulher e Escrava, Prazer e Servidão, Felicidade e Devoção;

Farei, de cada chicotada recebida e cada dor sentida, a prova do meu amor e adoração. Irei conceber cada Castigo como uma dádiva que representa a certeza de que o caminho escolhido é o melhor para mim e para o meu Do-no.

Provarei que Êxtase e Entrega andam juntos, Amor e Servidão se completam, Dor e

Prazer se alimentam.

Finalmente, farei da nossa relação o encontro entre dois desejos que nunca terminam, entre dois corpos que nunca se separam, entre dois seres que vi-ram um só: Dono e Escrava, Homem e Mulher... Enfim, cumplicidade, Dor e Prazer.

Assim eu quero, assim declaro e assim cumprirei... Pela felicidade e prazer do Dono de mim.

“O ser humano tem o direito de amar como quiser: tomai vossa fartura e vontade do amor como quiserdes, quando, onde e com quem quiserdes.”

Livro da Lei – Aleister Crowley

Os signatários deste Contrato concordam que, neste caso, exigir-se-á o Direito de Posse, sob as formas e condições a seguir descritas. Segundo o Código Penal

Brasileiro, a satisfação da libido reclama, como condição precípua, a faculdade de livre escolha ou livre consentimento nas relações sexuais. É a liberdade de disposição do próprio corpo no tocante aos fins sexuais, de modo que o exercício consentido das relações SM não constituem crime previsto em lei. Há de existir uma vontade decidida e contrária, uma oposição que só a violência física ou moral consiga vencer. Sem duas vontades embatendo-se em conflito, não há crime.

Declaro que tive tempo suficiente para refletir e ter ciência das consequências das determinações acima.

O seguinte contrato é verdadeiro e dou fé.

Em Teresópolis,

Aos 22 Dias do mês de Setembro de 2010

Jhonatan Riddle –Mestre

Suzana Azevedo – escrava

— Estou de acordo com tudo que está escrito aqui. — Basicamente, o contrato era sobre tudo o que falamos nas negociações. Tudo o que estava escrito tinha sido conversado e esclarecido entre nós dois.

— Perfeito. Assine aqui. — Assinei meu nome e me senti mais completa que nunca. Agora, eu pertencia a ele.

— Parabéns ao casal — felicitou Lord Fire.

— Parabéns ao casal. Desejo felicidade e cumplicidade aos dois — felicitou

Mestre Shadow. Olhei para Patrícia, que estava com os olhos cheios de lágrimas. Minha amiga e grande companheira... Dom Riddle foi abraçado pelos amigos e, depois, veio até mim.

— Levante-se, felina. — Coloquei-me de pé e fui abraçada por ele. Aquele foi o primeiro abraço que recebia dele.

— Posso abraçá-lo, Dom Riddle?

— Sim, você pode, felina. — Coloquei meus braços em sua volta e o abracei, mostrando a

ele, naquele singelo contato, todo o amor que sentia. Minhas lágrimas voltaram a cair. Eu o amava e o serviria por todo o tempo que ele me desejasse. Afastou-se e enxugou minhas lágrimas. Seu olhar era profundo, havia muita ternura nele. Eu sabia que, por mais que ele nunca viesse a me amar, seria carinhoso comigo e cuidaria sempre do meu estar. Para mim, era mais que suficiente.

— Vou poder abraçá-la, Senhor de mim? — Olhei para a minha amiga, desejando que também pudesse abraçá-la.

— Se o seu Dono permitir, você pode sim, pequena — disse Dom Riddle, sem tirar os olhos de mim. Minhas lágrimas não tinham fim. Ele tentava enxugá-las, mas era quase impossível.

— Permito você abraçá-la, minha paty. — Dom Riddle se afastou e ela se aproximou, abraçando-me. Eu a amava. Ela era uma grande amiga, seria eternamente grata a ela por tudo.

— Seja feliz, minha amiga. Você merece.

— Obrigada, Patrícia, por tudo...

A Cerimônia das Coleiras

Eu não me aguentava mais de ansiedade. Tinha me vestido para a cerimônia que aconteceria no Castelo, com poucos amigos presentes. Vestida de vermelho, caminhei até o salão principal do Castelo. Parei de frente para a porta e elas foram abertas. Dom Riddle estava lindo vestido de preto.

DOM RIDDLE

Pela primeira vez na minha vida no BDSM, eu fazia uma cerimônia. Nunca havia feito uma porque nunca havia achado uma escrava que me completasse e respondesse a todos os meus desejos.

Quando encontrei felina, tive a certeza de que ela seria a escrava que sempre busquei.

O sino tocou, iniciando a cerimônia. Linda vestida, de vermelho, veio até mim. — Senhor, quero fazer do BDSM o meu estilo de vida.

Peguei a coleira que mandei fazer para ela. Ela era toda em ouro, com símbolos egípcios e minhas iniciais gravadas nela. Comprei-a porque achei que combinaria muito bem com a minha bela escrava felina. O segundo sino tocou...

Peguei a coleira e entreguei nas mãos dela. Ela fez seu juramento.

— Eu O ofereço esta guia, para que me guie e me dirija pela minha vida. É meu desejo pertencer ao Senhor e segui-lo por onde achar que devo. — Peguei a guia de sua mão e fiz minha declaração.

— **Minha Senhoria** Aceito essa guia como símbolo da sua entrega e prometo guiá-la seguramente pelos caminhos da vida. Você me pertence, e eu farei de tudo para protegê-la em minha jornada. Ajoelhe-se. — Ela fez como exigiu. — Você ajoelha-se aos meus pés e aceita esse símbolo de minha propriedade como uma marca para nós e para os outros que encontraremos em nossa jornada?

— Me ajoelho como sinal da minha submissão e aceitação da sua coleira. Eu a usarei com orgulho, por todos os dias, Senhor.

Coloquei a coleira nela e declarei:

— Você agora me pertence.

— Eu agora o pertenço, Mestre. Aceito suas condições e respeito os segredos do seu coração. Vou amá-lo e honrá-lo enquanto o sirvo, da melhor maneira que conseguir. Abrirei minha mente e minha alma, tendo a certeza de que quer sempre o melhor para mim. Minha submissão ao Senhor é dada com prazer e não deverá nunca se tornar um fardo. Sou agora parte do Senhor e respeitarei isso, já que, agora, nós nos tornamos um.

Coloquei a guia nela e dei um leve puxão, simbolizando a nova condição de Mestre e escrava.

— Levante-se. — Esperei que ela o fizesse.

Os sinos tocaram, anunciando o novo vínculo. Abracei-a e, pela primeira vez, beijei-a. Meu beijo era exigente, o dela era calmo. Ela tinha o beijo doce e suave, uma redenção à sua entrega. O nosso vínculo estava formado.

— Você me pertence, minha felina.

— Sim, Senhor!

Ele era o Senhor de mim... Dono do meu destino... Mestre da minha alma...

Conheça o primeiro título da autora Danúbia Ferreira:

“Rendida por Você” (Livro I)



Criada com limites rígidos e sem tolerância, viveu perdida em um mundo onde o abuso e a intransigência eram a lei. Com uma mãe cruel e um pai bipolar, sentiu-se no dever de se submeter aos maus tratos e se afastar de amigos. Seu mundo era sua mente, onde podia sonhar com sua independência e uma vida melhor.

Ela tinha sonhos... Ele tinha desejos...

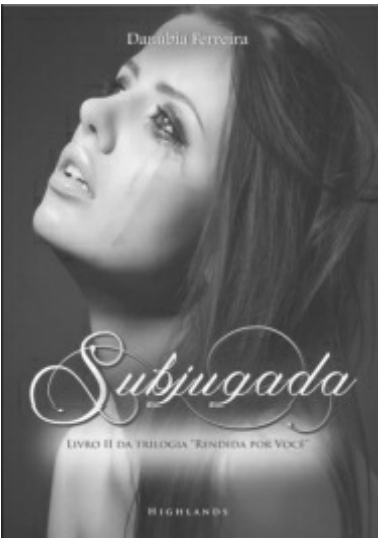
Ele a desejou desde a primeira vez que a viu. Foi prudente em seu julgamento e decidiu esperar o momento certo. Ela seria dele e disso ele não tinha dúvidas. Conviveu anos com a sua luxúria por ela arra-nhando e a cada dia ganhando força... Então, uma reviravolta os colo-cou frente a frente!

Finalmente chegou o dia de tê-la em seus braços e em sua cama. Ela queria amar... Ele queria foder...

Sonhos perdidos e amores destruídos. Em meio à ganância, inveja, crueldade e corações quebrados o amor surgiu. Mas isso seria sufici-ente para mantê-los juntos?

Conheça o segundo título da autora Danúbia Ferreira:

“Rendida por Você II – Subjugada”



Dor... Ressentimentos...

Fabiana estava perdida em um mundo de solidão, de angústia, e cheia de mágoas. Tudo que ela construiu com muito esforço foi des-truído em nome do amor:

esse sentimento que provou ser o maior e também o mais destrutivo que já havia sentido.

Depois de lutar tanto por sua vida, acabou caindo em mãos erra-das. Subjugada em um mundo desconhecido, foi obrigada a se subme-ter. Ela não estava desistindo, apenas se entregando.

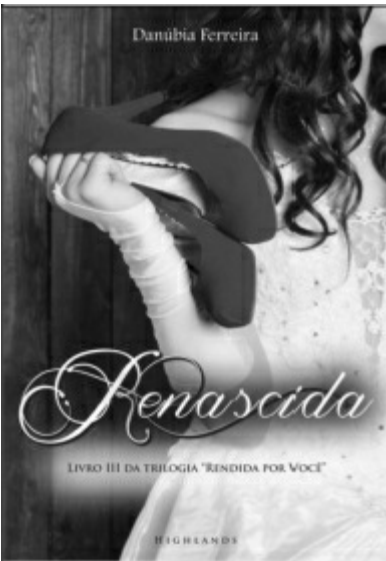
Ele passou a maior parte da sua vida estudando e trabalhando. To-dos os seus sonhos giravam em torno do seu futuro profissional. O destino provou a ele o contrário. Sua principal função era salvar a vida dela. Estaria ele disposto a abrir mão de sua carreira para salvar Fabi-ana de si mesma?

Escolhas serão feitas! Amores serão destruídos!

A verdade virá à tona. Estaria ela disposta a lutar contra seus de-mônios? Ou cederia à dor e continuaria na escuridão?

Conheça o terceiro título da autora Danúbia Ferreira:

“Rendida por Você III – Renascida”



Sangue, dor, arrependimentos, cura, amor e perdão... Sentimentos conflitantes a fizeram amadurecer precocemente. Sua vida foi baseada em negligência familiar, abuso doméstico, dor e perdas.

Diante de um grande conflito, Fabiana tem que tomar uma decisão difícil. Ela, que tanto brigou para ter o direito de escolha, fica agora frente a dois caminhos:

A paixão que inicia com o primeiro amante, a primeira noite, o primeiro homem. O romance torto, a proposta indecente, a traição e a descoberta. O fruto da paixão desenfreada, a gravidez inesperada e o terror.

O amor que cura, que perdoa, que não impõem. O amor que redi-me, que respeita e liberta. O amor que aceita e que doa sem pedir nada em troca.

A difícil escolha, a amarga decisão. Paixões conhecidas, corações quebrados, amores destruídos e o grande renascimento finalizam a trilogia Rendida por Você!